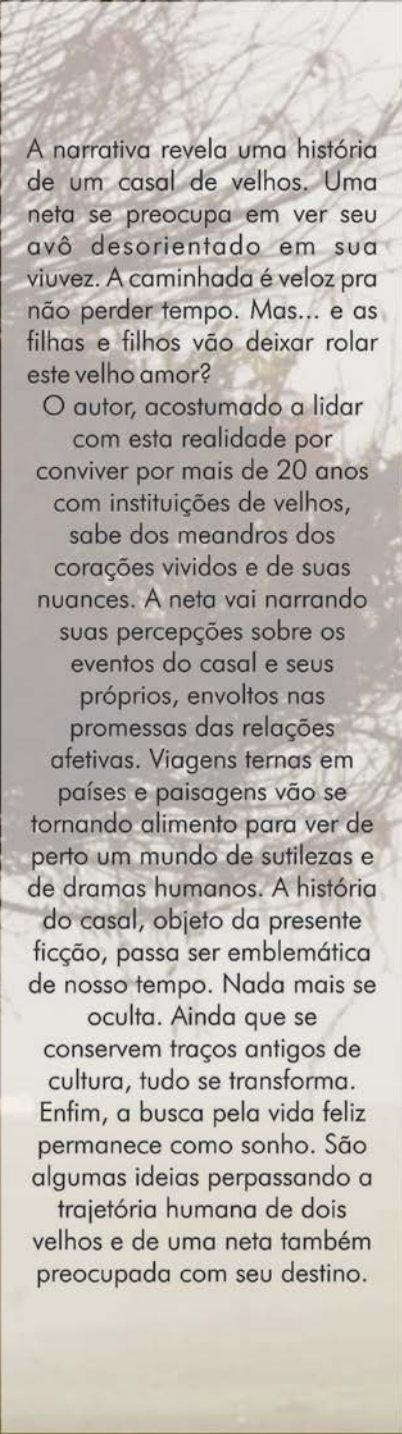


Frutas de 9 Inverno

Agostinho Both



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



A narrativa revela uma história de um casal de velhos. Uma neta se preocupa em ver seu avô desorientado em sua viuvez. A caminhada é veloz pra não perder tempo. Mas... e as filhas e filhos vão deixar rolar este velho amor?

O autor, acostumado a lidar com esta realidade por conviver por mais de 20 anos com instituições de velhos, sabe dos meandros dos corações vividos e de suas nuances. A neta vai narrando suas percepções sobre os eventos do casal e seus próprios, envoltos nas promessas das relações afetivas. Viagens ternas em países e paisagens vão se tornando alimento para ver de perto um mundo de sutilezas e de dramas humanos. A história do casal, objeto da presente ficção, passa ser emblemática de nosso tempo. Nada mais se oculta. Ainda que se conservem traços antigos de cultura, tudo se transforma. Enfim, a busca pela vida feliz permanece como sonho. São algumas ideias perpassando a trajetória humana de dois velhos e de uma neta também preocupada com seu destino.

Agostinho Both

Frutos de inverno



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Agostinho Both

Frutos de inverno

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhualgal 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 11/09/2014

B749f Both, Agostinho

Frutos de inverno [recurso eletrônico] / Agostinho Both.
– Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-64997-72-1

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU: 869.0(816.5)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Um amor de velho	7
Das origens	11
Conhecendo Eliane	15
Da incompatibilidade do velho com sua velha	16
O maravilhoso aprendizado com minha avó	19
Da eternidade e do absoluto	21
De um sonho eterno	24
As tias e os tios se revelam	28
De minha casa	30
A tal da vizinha	33
Um grande tumulto	35
Antes do mau tempo	38
Debaixo do mau tempo	40
Depois da tempestade	44
As bodas de meu avô	48
Um bravo sermão	52
Minhas aulas em Marau, <i>ma che cosa!</i>	55
Um velho no mar	57
O meu nervosismo	59
Retornando ao velho com sua amada	61
Pensares de Eliane	69
E la nave va	71
De uma neta contente	73
La nave anche va	75
Vô, deixa eu falar de amor	80
De novo em Barcelona: cidade de loucos	82
A neta fala sobre Marau	87
A nave a navegar	89
Que venha o velho com a doce senhora	99
Uma casa cheia	103
As bodas de Eliane	106
Páscoa	108
O grande bisavô	110
O tempo é conseqüente	112
Encontro com meu ex-marido	115

Das lembranças do meu avô.....	117
Memórias de um bisão	119

Um amor de velho

Semelhante a um anjo de igreja, protetor de crentes e desvalidos, ele entrou em casa. Não fazia tanto tempo, todos dependiam dele. Eles possuíam essa sensação e ele de si mesmo. Ao entrar em casa já não havia o mesmo sentimento. A casa o protegia. Divulgava pra todos ser esse o único lugar de proteção. A mulher se fora, deixando-o viúvo de corpo e alma, suas filhas também o deixaram. Não sabia a razão de haver perdido a capacidade de atração. Não se revelava nele, fazia tempo, o poder de ser agradável e a necessidade de amigos. Percebia-se solitário. Sobrara sua neta Eliane. Quando as filhas chegavam era pra saber se estava tudo em ordem; dizia-se bem e elas partiam, mal haviam sentado. O silêncio não o importunava. Não havia mais o que dizer. As conversas com Eliane traduziam uma intimidade rara, suficiente. Nem ele sabia da pouca vazão do espírito, começando a ter soturnidade. Os vizinhos sabiam de seu simpático silêncio e dele se compadeciam: é um amor de velho. Quando perguntavam sobre sua quietude, ouviam um resmungo: já vi e fiz muito nessa vida. Carrego em paz tudo que tenho e do pouco que resta de mim, a minha neta dá conta sem cobrança.

O velho Idílio desejava a paz de sua casa, depois de qualquer interlocução. Apenas havia a garota entrando em seu espaço, sem incômodo. Curiosamente, a jovem entendia tudo de solidão. Precocemente aprendera a estar a sós. Não havia nela nenhuma tristeza em estar assim. A comunhão com a casa lhe bastava. Quando perguntavam sobre como se sentia por morar com um velho, podiam esperar: não meço o velho nem a casa pela idade, são meus companheiros. E que companhia! Não me vejam sem pai e sem mãe.

Quando lhe contestavam dizendo de sua juventude, respondia: cada um tem a medida que lhe convém. Isso levava a alguns de seus amigos inquirir mais sobre ela e o velho. Esclarecia:

Estou aqui de observadora dele. Vou além de baladas, tragos e rapazes; tiro o suficiente pra minha vida. Quando ele se for, viverei mais intensamente. Parecendo um colono, nele se esconde um professor de

filosofia, pois em tempo saiu do seminário, permanecendo a inteligência dos clássicos. Comungo parecendo minha primeira comunhão. Não vou perder a oportunidade de viver dessa alegria. O amor me atravessa o tempo todo. Digo mais: mais que um velho, tenho-o pra mim como um mestre. Foi colono? Foi. Sua casa, porém, se enchia de livros e nunca deixou de ser próspero em palavras elegantes. Mesmo na austeridade das palavras com a mulher dele, minha avó, nunca chegou à vulgaridade. Disso prosperou um diálogo edificante.

— Tenha dó, garota. Não se faz transfusão de virtude alguma.

— Quem sabe de mim sou eu, garoto.

— Mas pode estar cegada pelo momento.

— Até pode ser. Depois, vou ver o que fazer. Por enquanto estou revendo conceitos e deixarei pra abrir olhos depois.

— Que loucura, mulher!

— A própria, de tão inusitada!

— Mas, por favor, a reclusão retira tudo que a comunicação pode dar. E ele não tem mais o que dizer.

— Desde quando o velho precisa de muito pra se comunicar?

— Será ele semelhante aos da beira da morte? Ao retornar saboreiam até um gole de água?

— É bem isso.

— Mas escuta, nem os parentes se aproximam dele com muito gosto.

— É verdade, quando eles vêm é pra saber apenas das doenças do homem! Até apreciariam de sua morte. Ao contrário de mim Não consigo definir esse velho com meias palavras. Todos são maiores que minhas palavras, muito mais o tamanho dessa figura louca. Imagino-o sempre um Quixote querendo pôr ordem no mundo, assim a minha grande figura, se torna amante de intensidades.

Ela, com seu ar nômade, nunca contente de ter as mesmas paisagens, respondeu inquieta pelo medo de não conseguir dar conta do recado.

— Escreva a história deste velho, capaz de reduzir uma jovem a ser cuidadora.

— É isso, vou fazer.

— Teremos a paciência necessária.

Passados algumas semanas, os meninos andavam curiosos como na infância quando iam ver suas arapucas. Que pássaros haviam caído?

Foram até ela e nada conseguiram.

— Putz, exclamou Roberto.

— Que coisa, que te faz tão dedicada? A rapaziada de olho em ti e tu ligada num velho, comentou outro.

— Gente, os seus aprontos estarão acima dos homens vulgares.

Mais um mês se passou e encontraram de baixo de suas portas uma curta introdução sobre quem havia sido aquele homem.

“Nasceu entre dores de parto como qualquer pobre homem. Mamou como qualquer criança. Aprendeu com facilidade as primeiras letras, apreciando descrever o mais simples mosquito e a mais inquieta aranha. Embora colono da cultura da terra, fazia da mente uma cultura maior. Sua religiosidade manifestou-se precoce. Via Deus acima de todas as coisas, sendo Ele breve sobre numa vassoura ou nas costas de um trabalhador. Confundia-se na descrição das águas, pois lhe disseram: “sobre elas paira o espírito divino”. Amava pescar nas curvas dos riachos e o melhor testemunho disso era quando ia até uma lagoa, onde as libélulas pairavam sobre juncos. Pra ele eram pequenos deuses irrequietos. Não se movia como os outros garotos e era seguidamente surpreendido, olhando de olhos vastos sobre qualquer coisa. Quando diziam pra brincar como as crianças, mirava-os com tristeza, tendo olhos marejados por não ser entendido. Corria então como um bobo e sem entusiasmo, demonstrando a sua incompatibilidade com o jeito ingênuo delas”.

Quando os amigos foram até ela dizendo:

— Isso não é coisa admirável, é coisa anormal, acabaram por ouvir:

— Não posso fazer nada. Assim foi. É verdade, traduzir a vida do velho senhor não se constitui em facilidades. Acho até ser desonesto de minha parte fazê-lo. Minha mãe já dizia que a vida é como a água a qual serve pra matar a sede, produzir peixes, provocar nuvens, amainar calor e

jamais se pode explicar todo seu poder. Muito menos quero pensar em poder avaliar a vida do meu avô.

Das origens

Explicar a origem dos seres humanos, ou até de como se constitui um só deles, é obra extraordinária. Não é pra mim, mas como todos têm o costume de meter o nariz em tudo, não vou fugir à regra. O começo revela tudo, a começar por sua natureza primitiva. Avaliam alguns que é de origem divina e de particular confecção. É polêmica a origem, complexa e ambivalente. Mas isso é pra um tratado de filosofia ou de outra ciência preocupada com a origem das espécies.

Com meu avô não é diferente. Traz consigo as intempéries de muitos tempos. Desde a língua alemã até seu estilo austero, mas, não menos afável, carrega aventuras feitas pelos séculos. As raízes ocultas da natureza e da cultura dizem das formas percebidas e das reações.

As primeiras palavras traduziram-lhe formas veementes da familiaridade das coisas mais simples, ainda que pobres. Sua aspiração religiosa foi um documento pra transcender às dificuldades, pois que de crença tamanha: em nada poderia haver perdição. O infinito era sua casa preferida. Por vezes, ouço-o falar: pouco devo a mim mesmo. As origens me deram quase tudo. Tenho dos outros meu encanto. Meu temperamento moderado e minha inteligência razoável foram colhidos no entrevero de orientações e nos costumes de minha casa. Minha mãe, por exemplo, propunha pra rir menos e pensar mais: o riso fácil é dos bobos, pra respeitar os defeitos dos outros, não mentisse nem roubasse, confessasse meus pecados, não humilhasse jamais. Isso foi me amordaçando a ponto de não saber se hoje concordo com tudo que me foi imposto. Mas sou a cara de tantas admoestações. Como veem, é um velho que não atribui a si mesmo a nobreza de suas virtudes. Isso que não estou nem começando a dizer do seu amor reverente. Me permitam, então, aos poucos, orientar minha narrativa nesse sentido.

Foi um desastrado ao amar uma mulher pela primeira vez. Tão imperfeito era ele e tão imperfeita ela! Cada qual queria defender as suas coisas e as suas míseras ideias. Mais pareciam dois artilheiros querendo acertar a cidadela do outro. Fui mais feliz, disse certo dia, consegui feri-la

a ponto de o pai da garota dizer: olha cara, minha filha não é Joana D'Arca pra morrer incendiada por um alemão qualquer. A minha casa não tem mais lugar pra você. Vazou.

Depois disso andou pensando em solidão junto com seus modos indelicados, até chegar à seguinte conclusão: um homem imperfeito e uma mulher imperfeita não podem olhar pras suas imperfeições como se fosse a coisa mais natural. Nada justifica a irreverência diante de uma mulher. Deverei primeiro aprender a dizer um bom dia com sinceridade. Deverei fazer de minha pessoa um ser de reciprocidade. Bom, ele conseguiu ter em si um bom termo. Hoje não chora por qualquer coisa, tampouco é um velho seco. Chora conforme solicita o evento. Filtra melhor seus sentimentos.

Diz mais este meu avô: o pior é ter um corpo tão forte com uma mente onipotente. Todo jovem deveria nascer frágil como um velho alquebrado com uma sacola cheia de remédios, pra ver o que é bom pra tosse. Aí se inclinaria respeitosamente diante de quem quer que fosse. Minhas opiniões foram traçadas com onipotência: é que dizima a verdade. Pobres interpretações sem nunca terem sido testadas. Me achava o tal e, é claro, ninguém convive com alguém que somente reconhece o que sai de sua boca. Fica mais ou menos como no filme *Mar adentro* no qual um jesuíta ouve de uma simples camponesa uma dura lição. Você é um boca grande, diz coisas sem saber dos acontecimentos de uma casa, dizia a humilde senhora. É isso mesmo. Acontecia comigo, olhava de cima como se os outros não tivessem o meu tamanho. O velho me contou mais: o segundo amor não foi menor, mas pior que o primeiro. Aprendi sobre a humildade. Saí feito santo Antão. Me inclinei reverente a ela, submisso aos seus clamores e ardores. Em pouco tempo saí um mártir fervido em óleo. Pouca coisa sobrou de minha dignidade. Mais que bruxa transformou-se minha princesa. Minha mãe, vendo meu estado de miséria, certa feita, tomou-a pelos cabelos dizendo que ninguém faria isso a um dos dela, muito menos uma garota sem juízo. E sobrou pra mim: que coisa é essa, meu filho? Obedecer faz bem quando o mando for bom. Agora, é uma desonra ficar lambendo os pés de quem quer que seja. E disse mais entre risos e crítica. Não vai achar nunca uma mulher ideal: trate de ver o que é

bom pros dois e fale sempre sem altivez, mas também nunca com o rabo entre as pernas. Dizem que um muçulmano implorou a um gênio: me dê um mulher ideal. O gênio respondeu: faça outro pedido. É isso, meu filho: cada qual tem lá suas impossibilidades. Toca em frente que poderá aparecer alguém capaz de fazer que se amem sem afetação e sem dominação.

Exatos cinco anos se passaram, quando apareceu uma experimentada mulher. Não de denotada idade, mas de sabedoria precoce. Entre viciados ela foi aprendendo: vida simples é melhor que sonhos góticos dados por implementos tóxicos. Não reprovara seus amigos, experimentadores de loucuras. Viviam bem na simplicidade de uma casa pequena e com uma filosofia de tirar o chapéu. Aprendera a analisar a vida através de um professor de história. Ele a fez ver a quantas andava e a quantas outros desandavam. Viu de perto o jeito de todos, das dores e dos rostos chupados, depois de chapados. Mesmo achando pequena a sua história, preferiu-a a daqueles que andavam se contorcendo de angústia e roubos pra ter as alegrias lisérgicas, finalizadas numa tristeza infernal.

Encurtando a história, foi com essa mulher que o meu velho avô se casou. Mas devo dizer, a mulher não era um ideal de mulher. Pra não pensarem que era uma santa, vou dizer também de seu miserê. De todo o jeito, lutara para não fraquejar. Costumava levantar antes do sol e reclamando de todos dorminhocos. Gritava sempre quando as coisas estivessem fora de lugar ou mal feitas. Não suportava que lhe tirassem de seu silêncio quando lia qualquer livro. Viviam rezando a Deus todo poderoso, fazendo isso pra suprir sua miséria humana. Mas de tudo que de mal tinha, ninguém podia dizer isso aqui de sua compaixão e solidariedade em assuntos de importância. Namoraram muito, uma vez que Idílio tinha muito medo de não fazer a escolha certa. Confiante, então, e por causa do esticado namoro, casou. E começou um insuspeitado e difícil amor. Donos de uma terrinha foram adiante, entre colheitas ruins e boas. A velha história bíblica servia. Guardava dos frutos bons para quando viessem os frutos magros. Não há dúvidas, dizia Idílio, enquanto estivermos apenas nós dois dá pra encher as panelas, mas quando vierem os filhos não vai

dar. Se assim continuar, alguém vai passar fome e frio no inverno. Ela, cheia de compaixão, resolveu sair dessa miséria. Idílio, pelo vigor da mulher, começou a se mexer, vendo sempre melhor sobre o que podia ser feito. Naquele tempo não havia bolsa família e outros favores pra se escorar. Concordou em fazer um curso de férias pra ser professora. Teve sorte de ser convidada, mesmo sendo uma vocação tardia para o magistério. Idade não é argumento pra destravar a cabeça, refletia.

Conhecendo Eliane

Se alguém sabe de sua mãe, essa pessoa sou eu. Conheci a filha favorita de meu avô Idílio: uma mulher dedicada e não há quem possa ter uma vírgula pra se queixar. E muito menos eu poderia me queixar dela. Essa era minha mãe. Iluminada por Deus. De outro jeito não poderia ser. A perfeição de uma dama. Ventre nenhum vai conseguir parir com maior encanto uma filha e essa filha sou eu. Até desconfio ter me gerado por obra de um santo espírito. Desconfio de tal possibilidade pela ternura de sempre. Saí tão calma, parecida com santa Úrsula ou Terezinha de Jesus. Minha mãe dizia: você tem tudo de teu avô. Em toda a vida nunca presenciei uma desavença ou qualquer coisa que pudesse evidenciar guerra de sexos. Meu pai também era um homem do maior respeito. Não tinha ares de superioridade mesmo sendo quase o dobro da altura de minha mãe. Repetia: sou apenas mais comprido. Se existe bondade pendendo pro meu lado, isso não é meu mérito, mas de minhas preciosas origens. Estava liberada pra pensar semelhante a Jesus. Por falar nisso tenho pena de Jesus e de José. O menino apenas dizia sou filho de pai putativo. Eu não: eu, Eliane, a que responde por Deus, tinha uma mãe e um pai e me eram suficientes. Me librei também dos ranços costumeiros de casais briguentos, disputando coisas sem importância. Mas convenhamos, um casamento só pode funcionar com decência se houver um amor quase divino pra perdoar e ter estofo de ternura sempre sobrando. O casamento é uma criação como quando Deus fez o mundo. Pôs pra quebrar não perguntando pelos resultados. O Senhor, pouco tempo depois, não apreciou o que fizera. Afogou todo mundo, menos uns animais postos numa barquinha. Em minha casa todos mereciam viver. Tem cada coisa... Sou como uma fruta que não completou o tempo de sua maturidade, por isso meu pensar deixa muito a desejar.

Da incompatibilidade do velho com sua velha

Falo do que ouvi.

Não tem casal que não tenha motivos pra se separar. Depende apenas da capacidade de resistir e de ver. Resistir, que convites não faltam pra romper com tudo. Não só pra ser menos, mas pra tomar conta da latitude e profundidade afetiva dos objetos. Alguns deles nem se fala. Como as filhas das quais se falará depois. Vim pra falar do velho e da velha, de suas incompatibilidades, diferenças marcantes e chamadas que saíam de seus corpos e de suas almas.

Me reporto, em primeiro, a um fato que quase os matou de tantas cobranças. Olho hoje pra história narrada por minha mãe. Vamos ao tempo em que não havia controle da natalidade, essa era dada pelas santas palavras dos pastores. Os dois mantinham relações pra ter filho e não pra alegria dos corpos e agradecimentos mútuos da conjugalidade. Desse jeito tenho muitas tias. Deixemos a parentalha de lado. Conta minha mãe: Marta a filha do meio, de uma doçura divina, certa feita entrou em convulsão e depois mais outras e assim faleceu. E tudo não é como hoje que o socorro é preciso. As irmãs e irmãos, se concentravam na pequena Marta. Houve, então, o inesperado: gritos de dor rompiam dentro da casa. A tristeza foi tanta a ponto de as irmãs não deixarem que levassem a pequena ao cemitério. Com muito esforço, todos pendurados nos pais, mal conseguiram fechar o ataúde branco. Dias se passaram com extremo silêncio. Meu avô gritou com todos dizendo: vamos parar com isso, estamos aqui, estamos aqui! Foi mal a conduta a seguir quando tudo parecia voltar a algum riso e outro. Os dois começaram a se culpar pela perda. A ignorância tem disso: julga-se que tudo pode ter lá seu controle. Ora a vó dizia: Marta se foi porque ele não comprara uma roupa mais quente. Ora ele dizia: a comida fora feita sem cuidado. De fato, a morte entrou na casa dos dois. A dor foi de um volume tal, fazendo a minha mãe tremer toda só de pensar em ficar doente. A vó, não se sabe de onde, veio-lhe uma doença perversa, estando com os dias contados. Tudo mudou depois de estalar os olhos, voltando a vida. Sempre tinha comigo o

seguinte: na velhice havia lá seu conforto pra enfrentar a morte, uma conformidade dolente, como, quando muito cansados, vamos dormir. Mas como me afirma Idílio, meu querido avô, a ternura tudo pode. Ele ainda faz seu discurso cheio de entusiasmo. Amei-a tanto quanto a Deus Pai Todo Poderoso, ao Filho e ao Espírito dos Dois, pois nela tudo se revela assim como na mais simples coisa da natureza. Acima de nossa casa, acima da mata que a cercava, amei Indalécia. Acima das alfafas, das colmeias e das cevadas. Amei! O amor tudo cura porque nada se acaba enquanto ele existir. Eles se amavam, mas entre peleias duras e árduas. Haveria entre os dois a pendência daquela morte. Todavia, essa recorrente declaração não afastava as formas estranhas daquele amor. Todos sabiam existir, mesmo nas palavras duras. Eu, quando pequena, ainda ouvi deles momentos parecidos ao som triste de uma casa caindo, mas nunca duvidei da grande proteção e da segurança traduzida pelos dois. Em tudo se parecia como um barulhento trovão anunciando a chuva generosa. Que coisa mais bizarra era os dois na fome de amar. Quando mais discutiam mais se amavam. Parecia haver um espelho pelo qual se miravam melhor. Em nenhum instante, porém, arrasavam um ao outro. Indalécia disse certa feita: é na palavra que se reconhece a verdade. Geralmente nenhum dos dois tinha razão, mas sabíamos não haver ameaça no papo estalado no ar. Uma vez surpreendi os dois naquele elevado volume de impropérios. Ela me olhou rindo e advertiu Idílio: seu gritão, a pequena está assustada! Pedi pra continuar daquele jeito, eles nunca me assustavam. Eu, neta, via mais ternura na gritaria dos dois.

No calor das discussões mostravam o quanto amavam as suas opiniões. Estavam muito próximos. Não havia ofensas, eles articulavam palavras carregadas de emoção em torno do barulho. A emoção de meu avô sempre foi muito apurada e o silêncio entre os dois era uma grande novidade. Ao lerem juntos ou escutando rádio e, mais tarde, vendo televisão, não perdiam o rico talento de divergirem e se alegrarem nos embates sonoros, mas nunca tão radicais a ponto de trazer qualquer ranço de ódio ou ressentimento. Aprendi muito em minha vida e jamais me assustei com a diversidade de opiniões. Quando diziam em meus debates na escola de meus equívocos, mais buscava ponderar e me enponderava

com mais argumentos. Muito cedo aprendi sobre a incerteza de tudo: faz parte da vida. Somente olhando muito de perto tudo e, com diversos olhos, podemos ver um pouco melhor. Pra mim, então, a tal incompatibilidade de gênios é pura balela: no caso de meus avós, os gênios astutos e diferentes foram úteis e agradáveis, ainda que tremesse a casa. Mas nada fica pra sempre. Minha avó estava inteirona, quando, de súbito, veio o inesperado. Começou a maldita peregrinação. Descobriu a doença de seu pâncreas; estava debaixo de mau tempo. Soube e disso vou morrer, falou conformada. Mas aconteceu depois dessa péssima notícia algo de maravilhoso. Aprendi de maneira definitiva: a vida é irmã da morte.

O maravilhoso aprendizado com minha avó

E dizer que se possa fazer algo decente com a morte, pois minha avó fez. Estava com 15 anos quando minha mãe veio com a maldita notícia. Fui escrever para ver nas letras uma saída melhor pra minha desilusão. Aquela senhora bocuda e inteligente veio mais uma vez ensinar: as coisas não são como parecem. Ela me pegou de surpresa quando veio do hospital: escuta aqui mocinha, senta aí no sofá. Vou te falar. Calei-me assustada: ela vai falar de Deus. Tu estás te mijando de medo porque vou morrer. Vou te dizer, de uma vez por todas. O problema é meu, se fosse um problema. A minha vida é curta. Parece um coice de porco. Mas se alguém ficar chorando pelos cantos, eu corto a cabeça e vai embora antes de mim. Morrer é como ficar antes de nascer, entendeu. Enquanto aqui estou, vem cá e me aperta, guriazinha! E, conforme, você já viu muita coisa a meu respeito, tenho certeza que vou te acompanhar por um bom eito a tua vida. Também eu guardo um pouco de fé: que possa minha alma estar cheia de bom humor, foi o que mais carreguei em minha vida. Tudo está previsto e não me assusto. O prazer da morte é assustar. Disso ela não vai ter de mim. E quando sentir que é a hora vou olhar para umas figuras ou lembrar de meus sonhos e com eles vou embora. As pedras, as folhas, o azul e o vermelho, os fornos de pão e as paredes cheias de musgo vão me distrair. Agora quero é tomar meu vinho. Vou desejar que ela venha como minha inseparável companheira que diz: descansa, vem pra casa dormir. Eu vou. Traz, guria, aquela taça grande. O cativeiro em que me enfiei vai terminar. Fui cativa de um velho briguento e de uma família cheia de prazeres. Onde puseram meu avental?, que enquanto cozinheiro vou bicar do meu Pinot Noir.

Depois disso, veio o melhor que alguém possa imaginar. As horas dela eram cultivadas como se fossem séculos. A atenção era tudo de bom. Não escapava nem o grão de romã e nem o feijão miúdo. Vi meu velho avô de sobranceiras fechadas e ela o mandava à merda quando o cenho dele estivesse de pouca serenidade. Vai tomar no rabo, se começar a me olhar com tristeza!, falava, austera.

E quando chegaram as horas finais e as dores se concentravam em seu ventre, tomava de uma dose elevada de morfina. Já passou, consolava-se, tentando erguer-se. Depois se acomodava suavemente nos lençóis. Mandou comprá-los especialmente pra esses dias. Eram leves como pluma e me agradava deitar a seu lado, sentindo a suavidade do tecido. Falava baixinho em meu ouvido, a voz se ia, pois do contrário, falaria soberba: depois que eu não usar mais, vou deixar pra você. Não pense mais em mim depois. Lembro de uma vez: ao deixar de prestar atenção no chá de maçã. Comprei lâminas secas de marmelo e saiu uma porcaria. Preste atenção, querida, admoestou. A vida sempre tem novidade e as lágrimas só servem pra diminuir a visão.

Mal se passou um dia. Senti um desejo de não a levarem embora. Mas ficou em mim um estremeamento da alma. Me liguei em meu avô pra que não estivesse tão solitário. Fazem, exatos 7 anos: a velha gritona se foi.

Idílio perdeu o outro lado de seu corpo e de sua alma. Vim com ele pra cidade e, este fim de ano, concluo meu curso de pedagogia. Estou já me preparando pra um concurso de magistério de uma cidade próxima. Deixei a terra e os meus pra ficar com ele. Foi melhor arrendar. Me encheria de compaixão vendo um velho cavoucar.

Da eternidade e do absoluto

Se existe uma eternidade pela frente de meu avô ou, se terei a minha, isso eu deixo de lado. Não posso fincar hastes em lugar desconhecido. Guardo a fé como algo pequeno e muito fraco, mas me comporto como se devesse ter a alma de máxima importância. Ninguém poderá me julgar de irresponsável pelo pão, pelo vinho ou pela vida de quem veio antes de mim. Mas, por outro lado, vejo em tudo a presença de Deus. Seja num ovo de galinha, no veneno do escorpião, no alegre canto da corruíra, na fumaça ou no açoite dos ventos. Em mim se vergam verdades como a solidariedade necessária até pra sustentar pontos de vista, ou deles duvidar. Gostaria de em tudo pôr meu ouvido e vista e tirar o sumo da alegria como as abelhas das flores. Por isso tenho certa convicção de que Deus é um gritalhão como foi minha avó.

A infinitude é algo maravilhoso. Aí, também, se oculta o perigo. Quantos já morreram por amor à sua pátria, iludidos por amar um lugar e aí findaram perseguindo alucinações de um chefe. Quantos em Passo Fundo deram seu pescoço querendo uma pátria melhor, mal sabendo das intenções de seus chefetes. Foram atraídos por antigas e findas pretensões de desejos particulares, invejas e raivas. Quantos amaram mulheres e mulheres amaram homens tão profundamente a ponto de entregarem sua vida e, ali adiante, nada mais sobrou que choro convulsivo. Falo assim pra iniciar uma conversa muito simples. É tudo sobre meu avô depois da perda da minha avó. Aprendi uma funda lição. Concluía minha adolescência, iniciando minha luta de professora, vi a ausência na alma de meu avô. Senti o homem velho à beira do abismo. Grande foi o medo de vê-lo em tremores por estar a sós. Aprendera ser tão profundamente em sua Indalécia. Agora não mais sabia quem poderia ser. A firmeza de tudo que lhe era próprio se foi. Ficou parecendo alma penada sem sua casa, com as sombras da madrugada, sem as paredes firmes, sem os cantos de seu rádio, sem a cozinha e a geladeira. Nada mais subsistia nele. Aprendi, mais que tudo: o tempo cura até a profundidade de não ser. O amor, as palavras entre os dois não

cicatrizavam. Compreendi nele um ser ausente e dolorido e agora, silencioso. Aos poucos, a vibrante mulher de seus dias tornou-se uma sombra triste. Começou a falar dela como uma história antiga. Do medo de estar só e de ambulante alucinado, de apaixonado, quase morto em dores lancinantes, da profundidade cheia de clamores, almas dantescas padecendo horrores, veio aos poucos, como as madrugadas, um pouquinho de melhora. Compreendi. Tudo se perde e tudo se torna outra coisa. Nada subsiste na devastação do tempo. Do amargor da boca e da saudade ficam pouco mais que vagas lembranças, sonhos passados. Pode o passado retornar em ondas mal desenhadas, mas a manhã chega e faz pisar o chão.

Falo agora do medo dele por estar sem ela. A velhice, acho que tem disso... facilmente abandonada. A fragilidade bate à porta sem muitos cuidados. A morte, no caso de meu avô, então nem se fala: trouxe a sensação de não saber o que fazer de si nem dos pratos da pia. A perplexidade deixou-o assustado, pois minha avó era o meio de ligação e a principal fonte amorosa em relação aos filhos e netos. Ele, em poucos dias, ficou sozinho na praia. Lam até ele por compaixão. A danada de minha avó, analiso hoje, não soube distribuir o afeto e envolvê-lo em seus objetos de paixão. Acho até que muitas das peleias afetivas eram em razão de ela ser mais avantajada na consideração dos outros. Os amigos dele foram rareando, ou por invalidez, ou morte. Ele se acostumara de estar quase na sombra dos afetos dela. Se não foi bem assim, anda perto. Na verdade, ela tinha um poder de comunicação extraordinário, e ele se aproveitou disso vivendo da seiva afetiva trazida por ela. É claro, quando a virtude dela sumiu, ele assustou-se muito. Pudera, minha gente, ela era dramática, maníaca, fantasiosa, apaixonada, delirante, se não alucinada. Causava fascínio na família. Enquanto meu avô tinha músculos pra impressionar, muito talento pra trabalhar, inteligência pra pensar. Ele conseguia ser muito bem reconhecido, mas depois... foi aquietando por falta do vigor de Indalécia. Quando ela partiu, que ninguém sabe se dessa pra melhor, mas como a esperança é uma razoável virtude pra não haver desespero nem gritaria, resta um fiapo de luz. Quando lhe diziam: escuta, seu Idílio, não desanime tanto, ela está esperando que o senhor a

encontre, ele respondia: deixou a língua por aqui, mas quando lá chegar, vou retomar meus dias de alegria. Será eterna a proposição de dias sem brigas. Perderei o medo de estar só. Falava desse jeito, mostrando temores quase infantis. Dormia de luz acesa. Ao lhe dizer dos gastos, pois sempre fora pão duro, respondia: prefiro perder uns “pila” a vê-la no escuro. No claro tudo fica mais fácil. Meninos e meninas, a bem de toda verdade, em nome do belo e da justiça, não podia aceitar de meu avô continuar vivendo assustado, principalmente depois de um sonho.

De um sonho eterno

Certa feita, dom Quixote se pôs a falar com ideias difíceis de serem compreendidas. Vendo seu fiel escudeiro desatento, pediu ao companheiro das longas e aventureosas andanças, se estava entendendo sua fala. Sim, compreendo meu amo e senhor! Velhaco, como dizes isso se nem eu compreendo o que digo, respondeu o homem das armas pra defesa dos inválidos, das virgens ameaçadas e mais de outras gentes de fraco ofício e de pouco ganho.

Pela graça ou por sua verdade, associo o texto ao meu avô. Andava de ideias tão abestalhadas e de impossível compreensão que dei uma de Sancho, dizendo que o entendia. Não poderia andar do jeito de seu andar. Não possuía o remédio maravilhoso que a Triste Figura dizia possuir. Tão bom era o unguento dele, que se lhe partissem ao meio, bastaria unir seu corpo partido passando-lhe o unguento que estaria inteiramente recuperado. Nem de longe tu terás tal remédio, meu avô. Mudasse de jeito. Da maneira de seu jeito nem Deus o reconheceria, se acaso a morte o surpreendesse. Tive uma ideia pra ajudá-lo, porque, vendo-o assim, me fazia muito mal. Fui aguentando até o dia em que tive uma forte dor de barriga, não atribuída ao pão comido, mas à situação de ele encontrar-se daquele jeito. Resolvi me armar de artifícios com o fito de melhorar a triste situação, pois ele se decompunha por inteiro. Seria recomendável levá-lo ao psiquiatra para melhorar o seu humor. Preferi armar algumas ciladas a ver se poderia minimizar ou até afastar o sofrimento com surpresas maiores em relação àquelas do cotidiano. Convidei dois amigos, velhos senhores, de grande estima particular do avô. Levaram-no a uma pescaria. Mais uma vez confirmei que as paisagens têm lá forças melhores, se comparadas aos unguentos. Nascia a primavera e a bruma da manhã ainda estava baixa e sobre ela o sol mostrava a face ardorosa. Sobre a parte traseira da caminhoneta iam os apetrechos e o pequeno barco de pesca. Outrora poucos eram os fins de semana sem meu avô pôr o ritual em ação, levando-me com ele após a minuciosa arrumação. A picada de arbustos batendo na lateral da

caminhoneta, os estalos secos de pequenos galhos partidos e o suave roçar de folhas, foi a gota em seu despertar. A primeira palavra, foi: escuta, gurial!, faz tempo que não ouvia isso. Logo a seguir a lâmina distante do alagado, iluminada pelo sol da manhã, completou o exercício da alegria. Olha só, menina, olha só! Depois disso vieram outras palavras como se de uma pipa jorrasse o melhor vinho.

A alma do velho começou a se manifestar de forma intensa. Depois se acalmou. As conversas com os amigos, Serafim e Bruno, foram de julgamento preciso e afetividade bem pronunciada. Ver e sentir meu avô devolvido ao seu ambiente foi o melhor da pescaria. A pequena casa de tábuas já mostrava a depreciação por falta de uso, valendo um comentário: da próxima vez, vamos trazer tinta e os vidros quebrados das janelas serão novos. A voz estava firme e os olhos expressivos. Aí estava um homem inteiro. Tua avó gostaria de ver tudo em ordem. Queria ver vocês altercando sobre a arrumação, mexi! Tá bem, a gente até que se saía bem, respondeu.

Dias depois, porém, em seus olhos restava uma dor insistindo em ficar. Me preparei toda para produzir bem a ideia recorrente. Me fiz de velha Indalécia na carta que escrevi, deixando-a sobre o seu traveseiro:

Oi, meu velho amor!

Vê se deixa de lado os fricotes de meu falecimento. Se houve meu acabamento, o teu tá longe de acontecer. Te vejo um mendigo vivendo de esmola e a vida está aí cheia de lucros. Não concordo contigo de estar só lembrando o nosso sucesso amoroso. Não fique no que aprendeu e toque o barco, o rio se enche de peixes. Não fique aí de boca aberta sem saber o que fazer. Lembre tuas poesias e tuas madeiras trabalhadas! Lembra tuas histórias com teus netos? E também não deixe teu corpo à esmo como se fosse de se jogar fora. Vão falar mal de mim dizendo por aí de ter te esgotado. Esqueceste das nossas noites? Pois foram! Procure outras! Os dias e as noites são breves; não venha com essa de enterrar os mortos e ficar com eles em teu coração. Deus deu a vida não foi pra chorar e ficar pelos cantos, macambúzio como uma abóbora. Lembra a vizinha, viúva de

primeira? Se não lembra, do que duvido, eu lembro o teu olhar indisfarçável. Sei que foste elegante como uma raposa e teu controle era imediato, matando a cobra. Deixe-me rir do infinito, mas sem corpo efetivo, riso estranho, branco e sem a contumaz vibração que tínhamos em nossas lutas pra ver quem era o bom. Vê se não fica empatando a tua vida em troca de nada. Se não mudar de jeito vou mandar o anjo, o rebentador da coxa de Jacó. Se ele aleijou o homem de Deus, vou pedir pra bater o teu brim. Vê se aprende a lutar melhor contra o diabo de teu desânimo. Ficamos assim entendidos e se não entender voltarei e vou te dizer o que teus ouvidos nunca ouviram.

Outro dia meu avô veio pro meu lado e me xingou até não poder mais e eu fiquei rindo do seu jeito brigão.

— Ri de quê?, perguntou intrigado.

— Levei jeito pra imitar minha avó!, ria ainda mais.

— Mas não é certo o que você fez!

— Essa história dos olhares indisfarçáveis foi a vó quem me contou. E entendo a razão por quê. Agora a vizinha vem arrastando a asinha na frente do portão quando você toma teu chimarrão. Preste bem atenção!

— Chega de conversa fiada e vai ver o resultado de teu concurso.

— É fiada e de pouco resultado, mas bem que te agradou em saber que concordo com a vó. Ela me inspirou a carta.

Assim fui retirando o velho senhor de sua triste realidade, faltando muito pouco pra que estivesse livre da opressão. A maior liberdade aconteceu quando estivemos na igreja. Na hora da oração comunitária alcancei-lhe uma invocação da qual não teve como se safar e me comovia à medida que avançava. *Oh! Deus que guias a partir do coração, deposita em mim a tua confiança. Me deixa seguir meu caminho e tenha em mim o fogo de teu amor! Que tenha a sabedoria pra decidir sempre conforme a vontade pra conduzir ao bem. Peço, Senhor ainda mais. A casa de quem me cerca seja aquecida por meu calor.*

Coisa impressionante, depois da celebração e, acho que por causa da oração, saiu todo animado. Falou da leitura sobre o profeta Eliseu.

— Grande cara esse velho. Tem muito a ver comigo. Quando os judeus andaram no deserto ele pediu um músico pra se inspirar. Como os patrícios andavam morrendo de sede no deserto, ele, inspirado, mandou cavarem covas e em pouco tempo a água jorrou como nunca havia jorrado de um poço raso. E depois aquela dele. Andando de um lugar pra outro encontrou uma mulher casada com um velho. Almoçava aí seguidamente e a senhora simpatizou-se dele. Falou com o marido e construíram no terraço um puxadinho e nele puseram uma cama, uma mesa, uma cadeira e um candeeiro. Vendo Deus tal bondade, ele novamente se inspirou e disse à mulher: ainda esse ano terás um filho no colo. Imagino o susto da mulher, não que duvidasse da força de Deus em conceder sementes: pra plantar é que seria o problema. Deus também anda me cercando como cercava o profeta Eliseu. Não me deu uma mulher pra consolar esse velho, muito menos um filho, mas alguém que me dá conforto com uma neta chata, parecida com sua avó.

— Escuta, meu velho, pode tirar o cavalinho da chuva, que eu não vou querer mais seu puxadinho. A vizinha não quer somente um puxadinho, mas uma cama, uma mesa, uma cadeira, um candeeiro e algo a mais pra dividir, falei eu.

— Deixe-me estar assim como estou.

— Ultimamente você pergunta dela.

— Até pode ser, mas o que uma mulher de meia idade e tão bem pronunciada vai querer com um velho?

— Não fale desse jeito. Todo mundo sabe que ainda tem pose e e porte. É árvore pra muita lenha.

— Menos, menina!

As tias e os tios se revelam

O ser humano é o mais extraordinário das coisas existentes, como diz um poeta grego e eu, pobre criatura e pedagoga de pouca estrada, digo que a família é um conjunto mais extraordinário, aumentando-se, geometricamente a complicação. Deus pôs ordens em todas as galáxias e em todos os universos e se atrapalhou ao criar o coração humano. Digo isso pela observação, bastando mostrar a intimidade da minha família. Minha mãe é uma pessoa muito razoável e cordata a respeito de minha casa. Ela tem uma sabedoria muito grande pras coisas práticas. Mas não deixa de ter sempre um pé atrás com meu pai, que é o nosso zeloso guardador.

Maravilhoso é o amor, maravilhosa é a casa feita de turbulências, maravilha a ternura entre um homem e uma mulher, maravilhoso é ter um filho contra o peito, maravilhoso o seio que amamenta, maravilhosa a evolução das espécies até chegar a uma ninhada de filhos, maravilhosa a vibração das manhãs dentro de uma casa. Isso eu sentia nas conversas com minha mãe. Quando comentava a intimidade de sua casa dava pra entender o porquê da exuberância das palavras dela, pois se assim não fizesse seria devorada. Santo Deus, que ela tinha razão: tios e tias mais extraordinários e bizarros, difícil é encontrar outros. Fui vendo por mim. Quando havia desentendimento, a confusão era grande. O barulho fazia trepidar as paredes. Todos eram estranhas figuras. Eram diversos e, diversas ao todo, além de Marta, a pobre por quem choram ainda. Tão diferentes! Nem posso saber de como puderam ser educados se é que, pelos resultados podem ser considerados educados, como veremos adiante. Os tios eram ameaçadores até, mas quando suas mulheres, minhas tias emprestadas, abriam a boca pareciam soldados rasos diante de um raivoso comandante: calados! As filhas eram mais suaves, mas inconvenientes. Entre as filhas, minha mãe saiu a mais autônoma e a mais querida. Minhas tias eram gente boa, cordatas, mas, pro meu gosto, os irmãos, grosseiros, tornaram-nas um tanto fechadas. Como seres humanos, muito melhores elas do que eles. Nos fins de ano era aquela

algazarra. Uma colônia de loucos que se reunia. Havia um certo ar de violência sempre pendente, principalmente por causa da primaiada. Santa Maria, que gente mais petulante. Agora que cresceram até tomaram mais jeito, mas antes faziam dos fins de ano um negócio assustador.

Se o Menino Jesus no presépio pudesse chorar, entenderia desde cedo sobre a violência humana: por certo poria em dúvida sua competência de salvar toda a humanidade. Minha avó conseguia, entre brados, acalmar pra que se pudesse rezar pra saúde e felicidade de toda aquela tropa. Mas ilusão, mesmo durante a oração, as pernas da piaçada azulavam as canelas de tanto pontapé. Lembro de uma vez; a festa terminara antes da entrega dos presentes. Duas tias emprestadas quase se pegaram, cada qual querendo dizer da razão de seus respectivos filhos. Minha avó prometia para o próximo ano: as festas, cada família se haveria por conta própria. Que nada!, aquela gente bipolar logo esquecia suas promessas. Meu pai e minha mãe eram os mais normais de minha tumultuada família. Mais tarde vou falar dos panacas de meus tios, das raivosas esposas e de minha mãe e de suas três irmãs. Agora falo de meu pai, de minha mãe e de outras proximidades.

Reflexão: Ao mostrar minha inconformidade familiar sobre a parentalha, tomei uma decisão. Se assim eram quem sou eu pra ter uma natureza diferente, mesmo porque a hereditariedade além de mostrar rostos semelhantes traz tendências de alma parecidas. Contudo, não podia aceitar os hábitos tão tortos, sem fazer nada. Se somos o que as mediações oportunizam, que mediadora estava sendo eu pra não pôr um poço de estética social na desordem de minha casa. Via também meu pai e minha mãe de uma rotina bolorenta. E eu aí olhando aos dois como se nada tivessem comigo. Bom, vou andar mais cuidadosa.

De minha casa

Não posso dizer: meus pais são perfeitos. Sabiam ocultar muito bem seus defeitos. Faziam grande esforço pra mostrar o jeito que, eu e meu irmão Rodolfo, deveríamos ter. Agora minha mãe se tornou mais aberta e conta os desentendimentos, mas sei o quanto ama meu pai, pobre colono. A terra o deixou humilde. Nunca vi erguer a voz pra dizer como deveríamos ser, mas minha mãe agora fala: ele é menos rude do que prometia ser quando casou. O trabalho humilde e bruto não o deixou melhor porque o sofrimento e a preocupação em relação às diversas e parcas colheitas o deixavam frustrado. Sobrava, então, pra minha mãe. Ela compreendia a situação arrasadora e do esforço de meu pai, mas seus desejos sempre foram de ter uma vida bem mais confortável. Ela foi muito semelhante ao meu jeito de ser. Não sei quem vou encontrar pelo caminho, mas não gostaria de padecer a dureza de minha mãe, sempre medindo os tostões. Comparando-a aos outros de sua família, acho ela melhor de todos, mas rançava muito. Uma vez vi meu pai escondendo as lágrimas. Tenho a impressão, produzidas por causa das queixas dela. Doutra vez ele falava com um vizinho. Baixou a voz quando disse coisa assim: parece mais fácil o diabo agradar a Deus que os homens às mulheres. Aí pude perceber que nem tudo andava bem. Com tudo isso, muito mais os vi afáveis que amargos.

Mas deixa estar. Muito mais tenho a dizer de afabilidades. Disso vou me ocupar um pouco. Meu pai, o querido Honório, se desmanchava de amores por mim. Ele queria muito fazer de mim uma mulher mais feliz que sua esposa. Havia, de outra parte, a inconformidade de minha mãe. Foram muitas conversas, entretanto, somente depois da metade de meu curso de pedagogia, consegui acertar melhor as palavras. A minha conversa ia desde o esforço em manter a casa até a sua delicadeza ao se referir a ela. Que ela entendesse com ternura o corpo dele molhado pela chuva! Ouça bem sua voz forte de um barítono quando chama por Aléexia, estendendo com carinho seu nome, mamãe.

Que levasse em grande conta o riso aberto de seu homem e a voz perfeita quando cantava na igreja; notasse a discrição dele quando havia uma confusão em nossa família. Nenhum dos genros respeitava mais a vó Indalécia, querida mãe, do que teu marido. Falando desse jeito, ela minimizou nossa pobreza. No meu primeiro estágio remunerado, comprei desodorante e perfume pra ele e cremes pra ela. Do que ela mais reclamava era da falta de cortinas bonitas. Ajeitei nossa casa. Ficou linda e os dois se amaram mais. Foi a melhor coisa até agora feita na minha vida. Comecei a desconfiar seriamente que os lugares provocam a alegria que se tem. E pela primeira vez percebi: o amor dos pais pode ser favorecido pelos filhos. Pra comemorar o aprendizado, comprei duas champanhas e, num fim de semana, fui até em casa e bebemos muito contentes. Meu irmão Rodolfo, nome em homenagem de meu pai ao seu avô, apresentou, todo orgulhoso, sua namorada. A amizade foi imediata. Era ela a filha do vizinho. Meu irmão brincou se na cidade não havia um homem decente pra mim. Respondi que arriscava só os olhos. Tinha receios de arriscar o resto. Rimos, vendo a vida em toda a velocidade. Meu pai, animado pelo espírito do espumante, trouxe nem sei ao certo a razão, uma caixa com fotos, mostrando pra namorada momentos de nossa casa. Entendi o gesto dizendo: olha com cuidado a história do meu Rodolfo. Por minha parte me comovia toda, ao me ver na intimidade do passado. Depois, no meu quarto, me pus a chorar feito uma mulher enlouquecida. Houve uma invasão de mim mesma e o reconhecimento de uma história pobre. Outro dia reencontrei Irma, a namorada, me pedindo como era morar na cidade. Desconfiei da roubada em que meu irmão estava se metendo. Ela, porém, afirmava não ter encantos pela cidade. Fazia um curso sobre culturas alternativas, como cogumelos, flores e outros produtos para aproveitamento de uma pequena propriedade. No final das contas, analisadas as dificuldades todas, ela ficou menos convencida de ter sua vida enfiada numa loja ou numa fábrica. Semanas depois me confidenciou de seu pai estar animado com a proposta de Rodolfo, arrendando, por um valor mínimo, alguns hectares pra levar adiante os projetos pretendidos. Falou-me de seu futuro ao lado de meu irmão. Pensei mais sobre o meu concurso e, ainda mais, desejei aproveitar minha pedagogia. Ainda

conversávamos quando minha mãe veio, toda sem jeito, perguntar se era verdade que o avô Idílio estava interessado numa tal de vizinha.

— Mãe, quem falou pra senhora da tal de vizinha.

— A tua tia Cesária.

A tal da vizinha

Minha mãe falou de um jeito desconfiado da tal de vizinha. Eu fiquei alarmada.

Ao chegar à casa de meu avô, fui direto ao assunto.

— Escuta, meu velho Idílio, anda aprontando e eu não sei de nada.

— Do que tá falando, menina?

— Minha mãe me falou o seguinte: sua filha Cesária anda dizendo que o senhor namora a vizinha.

— Coisa muito séria! Pedi uma carona pra ela me levar pra unidade de Saúde, aí na vila, pra uma consulta. Como você sabe a gripe anda matando. Me deu uma tonturinha e me apoiei nela... Ahhh... agora entendo... vi de fato o carro do teu tio Afonso passando... A fofoqueira tirou uma conclusão precipitada.

— Vô, o senhor deve aproveitar a situação e, de fato, levar adiante a tonturinha...

— Tu também, gurial! Todo mundo vai cair de pau encima do velho!

— Não dê bola, vô! A vida é sua e ninguém tem de meter o bedelho em sua decisão.

— Mas nem tomei decisão ainda!

— Pois tome agora, senhor Idílio.

— Vou ser a neta mais feliz do mundo em ver o senhor amando.

— De fato, ando meio caído por ela, mas tenho medo de dar uma em falso. As mulheres são misteriosas e eu, sempre muito prático, tenho receio de não me dar bem nesse mistério.

— Deixa pra mim, vô. Vou ser a confidente. Pra afastar seu medo, vou me aproximar mais dela, apenas pra sondar um pouco o caminho, mas já digo que tenho poucas dúvidas sobre ela. Parece ser gente do bem!

— Tomara!

— Ummmm! A coisa anda assim?

— Vi um sorriso malandro... pra mim, quase divino.

Quando muito se quer algo, tudo concorre para tal desejo. Isso é coisa de pensamento positivo. É verdade nem sempre acontece, mas no meu caso aconteceu. Mal caía a tarde, hora de certos mistérios... ouvi a voz da vizinha. Ela simplesmente se chamava Maria.

— Eliane!, ouvi mais uma vez.

— Sim, Maria!

— Quer entrar um pouco?

— Mas por pouco tempo. Estou louca pra abrir minha correspondência de Marau, onde realizei meu concurso pra professora.

Depois de insistir mais uma vez, aceitei o convite. Ora, ora, estava louca pra ir até a casa de Maria. Percebi, ultimamente, andava mais bem apossada. Não me aprofundo no diálogo. Mostrou-se calorosa e segura. Falou de sua viuvez sem filhos, de seu desejo de encontrar um homem bom pra companhia e intimidade. Deixou muito claro: não quero nenhuma vantagem econômica e, pelos sessenta por onde ando, tenha o suficiente pra viver até os noventa. Pude colher alguns pensamentos interessantes. Se pela palavra se pode depreender o caráter de alguém, achei haver um ser humano interessante. Sabe, Eliane, acho que pela solidão e contemplação das coisas estou antenada na beleza de tudo e também no teu avô. Poderemos rir juntos. Sozinhos, no máximo, podemos repuxar os lábios. Se não podemos rir de tudo, ao menos, não vou me sentir perdida como estou agora. Pra nós dois os dias podem ser menos iguais. É muito triste olhar ao nosso redor sem um comentário. Pra mim e pra ele seria uma graça termos conversas agradáveis.

Ao final da *charla* despedimo-nos. Eu estava, então, mais segura sobre a sorte de meu avô.

Um grande tumulto

Uma das grandes e preciosas lições se refere ao seguinte testemunho: o amor nem sempre é feito de suavidades. Os interesses alheios podem trazer ódios e violências nunca vistos anteriormente. E para antecipar o tumulto de um amor, lia um texto de Bachelard:

A casa lutava bravamente. A princípio ela se queixava; as piores rajadas a atacaram de todos os lados ao mesmo tempo, com um ódio nítido... Mas ela resistiu. Ela curvou o dorso e agarrou-se ao velho vigamento. Então outros ventos vieram e, arremessando-se rente ao solo, arremeteram contra as muralhas. Tudo se vergou sob o choque impetuoso; mas a casa, flexível, tendo-se curvado, resistiu à fera.

O texto de Bachelard casava bem com a situação ocorrida em torno da casa de meu avô. Era uma casa muito engraçada. Por um triz não virou desgraça. Nunca pude imaginar as pessoas tão inseguras, ou pior, serem cruéis diante de um desejo de um pai. Explico: meu avô vivia de arrendamento de duas colônias de terra boa e de um valor, pela localização próxima da cidade, muito alto. Tinha benfeitorias muito bem feitas. Enfim, um lugar idílico em tudo pra onde se olhasse. Seguidamente eu e ele íamos até lá pra ele ver se tudo andava bem. É claro, os filhos e filhas de meu avô estavam de olho sobre as propriedades. De minha parte estava desligada de qualquer pretensão. Detesto viver da vantagem alheia.

Quando fui novamente para minha casa, as tias emprestadas, a Altina, a Honorina e a Virgília lá estavam e, como se não soubesse de seus interesses, vieram como se apenas quisessem me ver. Santas saudades! Meus sentimentos, às vezes, são mórbidos. Desta vez entraram em pleno funcionamento. Estavam intranquilas e ao mesmo tempo indecisas pra saber de meu avô. Antes já havia discutido com minha mãe a respeito de meu avô. Ela se mantinha reticente quanto ao possível amor de Maria e de Idílio. Pela metade da manhã perguntaram sobre ele. Nunca o vi tão bem, respondi. A nervosia das três foi crescendo. Altina não conseguindo segurar mais o clima, arriscou.

— Me disseram que o velho anda querendo se bandear pro lado de uma *veia*.

— Meu avô está namorando uma mulher bem mais jovem que ele e nunca vi um homem tão feliz.

— Acho uma vergonha! A nossa mãe faleceu e já ele está metido à galã por aí!

— Nós achamos que você pode ajudar a impedir essa loucura. Da última vez que vi o pai, ele me parecia doente da cabeça.

— É verdade ele andava pra baixo e mal falava. Com a Maria ele fala pelos cotovelos. Ele reviveu novamente.

— Estou de acordo com tuas tias, intrometeu-se tia Honorina. A mulher que anda cercando nosso pai tem outras intenções.

— Olha, tia Honorina, não é bem assim, ela tem recursos e não carece dos “pila” do avô.

— É, mas sempre é assim, quem mais tem mais quer.

— Não posso avaliar a dona Maria com muito conhecimento, mas pelo que percebi ela é uma pessoa muito simples, não tem nada de interesseira. Senti sinceridade nos propósitos dela.

— São essas as mais perigosas, interveio Virgília, vindo pro meu lado com raiva disfarçada. As raposas quando querem pegar um galo também vem como se não quisessem nada com nada.

— Não é bem assim, tia, ela não disfarçou seu interesse. Veio direto e falou claramente das suas intenções. Ela quer morar com o avô.

Foi aí que começaram uma série de impropérios.

— Cadela!, exclamou Honoria.

— Desgraçada!, gritou a Altina. Sabia que isso ia acontecer. E lá vem o pior, não arrendou as terras pra mim só por causa de uns trocados. Ele está rejeitando nossa família!

— Não é bem isso, Altina, falou calmamente minha mãe. Teu marido só queria pagar a metade do que foi arrendada. Nisso meu pai tinha razão.

Já estava chateada a não mais poder. Quando minha mãe falou: *nisso ele tinha razão, mas viver de amores com um pé na cova*, meu sangue subiu.

— Escuta, mãe, vai dizer que ele está errado em amar novamente?

— Acho, sim, um grande erro dele; com aquela idade, juntar seus trapos com uma desconhecida. Nunca se sabe dessas mulheres...

— Me desculpem, vou me retirar. Vou visitar a tia Manuela e a Tarcila e vou ver o que elas pensam. Se pensarem igual a vocês, mesmo assim não vou arredar um centímetro do que penso. Mania essa de acharem de velho não poder amar! Vocês já andam mais pra lá do que pra cá. É bom pensarem diferente da velhice.

Ouvi um murmúrio à medida de meu afastando, parecendo uma zoadada de abelhas africanas nos dias de muito sol. Minha boca estava seca e me doía o estômago.

Muito diferente foi o encontro com a tia Manuela. Não fiz rodeios sobre o que buscava esclarecer.

— Entre, Eliane!

Fui direto ao assunto.

— Sabe, tia Manuela, que o vô tá namorando?

— Pois é, a tua mãe me contou. Ela parece cheia de dúvida se vai fazer bem pro pai.

— E a senhora?

— Uma maravilha!

— Também penso assim.

— E você sabe que teus tios concordam com elas?

— Sei nada.

— Pois a coisa vai pegar fogo. Os três sempre foram uns jumentos de cabresto. Agora dizem de boca cheia: agora podemos administrar as terras e o velho precisa de muito pouco. Tem até aposentadoria, dizem.

— Sabe, tia, isso faz acreditar na torcida deles pro vô morrer.

— Disso não duvido. Vou dar minha opinião igual a de Adelaide tua outra tia. Que se case o seu Idílio. Se a mulher for jovem que tenha até filhos. Ninguém segura a vida pelo rabo.

Antes do mau tempo

Enquanto a tempestade se faz de rancos distantes ou apenas de nuvens brancas, a gente anda de um lado pro outro como se aquilo não nos dissesse respeito. Ocultei-lhe as inclemências do tempo rondando nossa casa. Alimentei a aventura dos dois, esperando dias de raios.

Até criei uma oração protetora contra o que poderia perturbar idilidades. De fato, fiz de tudo para crescerem em estado de comunicação. Pensava em Deus criador que desse uma espada pronta pra batalha. Que Maria não se perturbasse com os enteados e enteadas de alma pequena.

Pois bem, achei engraçada a situação na qual já me encontrara. Foi quando faleceu minha avó. Não sabia de nada, mas havia no ar um silêncio denso. Estava quieta como uma corça antes de o leão persegui-la. Sentia em meu pai a mesma inquietude. Deu a entender que sabia haver no ar uma situação muito desconfortável. Me perguntou, por aqueles, dias se estava tudo bem comigo. E tuas tias, souberam de alguma notícia? Tua mãe e teu pai não vêm me visitar? Por que a Maria não veio hoje? Expliquei-lhe que ela estava indisposta.

— Não sei o que está havendo, mas sinto algo me incomodando. Você sabe de alguma coisa, menina, e não quer me contar?

— Não, respondi. Maria disse coisas muito lindas a respeito de vocês dois.

— Sabe, isso também me preocupa. Tá certo, eu não devo satisfação a ninguém. O que tua mãe pensa a respeito do namoro?

— Nada que seja motivo de mal estar?

— Mas, então, existe resistência. Me sinto muito desconfortado sem pôr tudo em pratos limpos.

— Escuta vô, pense em seu direito de conduzir a vida. Isso é muito importante pra teus filhos e filhas e também para os netos. Assim eles estão aprendendo a ver a vida trazendo sempre novidades. E se alguém tem algo contra a maneira do senhor levar a vida, vão aprender uma nova lição.

— Agora sei: daí vem o tumulto.

— Mas não há de ser nada. E sabe por que, vô? A Maria não é de se assustar e nem de causar tumulto

— Mas não gostaria que minha gente fosse causar qualquer constrangimento a ela.

— Não se preocupe. Estou de seu lado e mais gente está feliz com sua decisão.

Debaixo do mau tempo

Intervir pra que as pessoas se sintam bem exige muita obstinação. Consegui com meu avô superar a dor da perda, comunicando-se com seus amigos. Agora estou vendo de frente duas situações não menos difíceis de serem superadas: os familiares enquanto veem nele uma pessoa sem reinvenção de propósitos e no trabalho voluntário uma resistência sem a devida justificativa. Pois me deu a nítida impressão de o fato de não haver movimento em torno de uma atividade, aumenta as dificuldades de estabelecer um caminho de vulto. Cada um com sua natureza e seus costumes. Solicitei pra ele participar de um grupo de convivência. Também não aceitou o universo de interesses aí suscitados. O descanso de um homem por vezes é tão importante, quanto as velhas moverem o corpo em danças aeróbicas. Os homens velhos preferem pelear com um baralho a se mover contentes como as mulheres.

Conversei seguidamente com Maria e não tive dúvidas sobre acerto de meu avô em tê-la como companheira. Como soe acontecer, chegariam barreiras. E não demorou.

Em manhã chuvosa vieram, como um batalhão, Altina, a Honorina e a Virgília com seus respectivos maridos, meus queridos tios. Me deu uma coisa, como me dizia minha mãe, quando vi o mau tempo. Tive vontade de fazer uma cruz com o machado, a exemplo de minha mãe, na direção da tempestade a ver se a dissipasse. E aí estava uma realidade pouco agradável. Mal entraram, percebia-se uma visita pouco desejável. Mal sabiam as pobres cadeiras sobre o que acontecia sobre elas. Lembrei-me de um texto que havia lido, enquanto a tempestade não fosse cair. O silêncio das cadeiras era admirável, pois o que acontecia na minha frente, faria falar até as pedras. Mas não, as cadeiras estão solidárias, quietas e serviçais. É bom que nos admiremos delas, tão sóbrias e retílineas e sem ter que passar pela inconstante forma humana de ser. De toda a maneira que se lhes olhar, fica a lição de podermos ter um pouco mais de generosidade. Elas suportam o peso de nossos traseiros sem reclamação

sem saber das perversidades prestes a acontecer. Falemos, pois, do alto delas... assim se cumpram sua natureza, e nós, a nossa. E eu a minha.

Nem bem concluí a reflexão sobre as cadeiras quando a tia Honorina, com temor disfarçado, pediu que eu deixasse as tias sozinhas com o pai delas. Meu avô não deixou concluir a frase.

— Ela fica!

— Vô, eu posso me retirar sem problema, elas querem apenas os seus bens. Desculpem, o seu bem!

Tia Altina me olhou de cima abaixo, percebendo a ironia, depois falou.

— Soubemos de seu namoro!

— E quase casando. Só faltam detalhes.

— E isso é o melhor para o senhor? Tem certeza? inquiriu tio Alfredo.

— Bissoluta!, respondeu, brincalhão, meu avô. Olhem bem pra mim minha gente, se acaso um dia deixei vocês de fora. Fiquem tranquilos que já fiz o testamento e nada do que é meu deixará de pertencer a vocês.

— O senhor sabe, as leis favorecem os casais de uniões estáveis, falou insidiosa a tia Virgília.

— Tanto quanto os casados! Espero viver com ela por muitos e muitos anos. Vou me cuidar como nunca me cuidei. Liane, faz favor de chamar a Maria.

Levantei-me e dei cumprimento ao que havíamos combinado se acaso fosse necessário. E foi. Chamei Maria. Veio, rápida. Entramos e apreciei ver a cara das tias. Aí estava Maria, toda elegante, mas sem afetação. Bonitona, coisa mais linda, bem a rigor dos méritos de um homem de bem!

Bons-dias, abraços e olhares significativos, foi o que não faltou.

Para quebrar o silêncio Maria falou que fazia um bom tempo que os dois se encontravam e ambos estavam certos de agir bem em querer se casar. Repetiu o que já havia me falado, reforçando a ideia: não poderiam ser felizes sem estarem juntos. Depois da fala, abriu a bolsa e entregou aos tios uma cópia de um documento registrado. Leu, com

firmeza, no qual renunciava a qualquer bem que, por ventura, pudesse advir da união entre os dois. Enumerou as suas posses e concluiu.

— Não faço isso com orgulho, mas pra dizer: tenho bens suficientes e não preciso agregar nenhuma terra ao meu casamento. E se o fizesse em comunhão de bens, maior lucro seria de Idílio. Tenho a dizer mais: qualquer ponta de interesse me deixaria muito mal. Agora deixo vocês por causa de um compromisso. Não levem a mal, outra hora vamos conversar melhor, com licença.

Beijou meu pai e logo a seguir, com naturalidade e alegria, despediu-se de todos. Acompanhei-a até a porta. Eu estava cheia de luz.

Mas depois veio o inesperado. A conversa mudou de tom. Fiquei abismada quando começaram a falar, dizendo haver acordo com tudo que estava acontecendo. Estimavam que tudo acontecesse da melhor maneira. O casamento vai fazê-lo esquecer da grande perda, lembrou a péssima língua de Honorina. Meu pai foi incisivo em dizer: jamais vou esquecer o passado, mas não entregaria o presente e o futuro ao medo de não me comunicar com uma nova companhia. Poucos amaram como nós nos amamos. Aprendi a ser humano com Indalécia, a mulher mais inteira que vi em toda a minha vida. Era soberana em suas opiniões e afável nos gestos. Aprendi com ela a não ficar sem destino. Não ofendo a sua memória, ao contrário, tenho Maria como continuidade. Estou tendo a sorte de conhecer duas mulheres maravilhosas, concluiu.

Depois convidei a todos pra ficarem para o almoço, embora atrasado. Fiz de conta de terem apreciado a união de meu avô. Ele, depois do almoço, propôs um pequeno encontro festivo para o mês seguinte.

Naquela mesma noite, manifestei minha admiração sobre a qualidade de suas afirmações. Ele mostrou-me então um conjunto de livros em alemão e poesias que escrevera muitos anos atrás. Sou colono, mas minha cabeça, diferente das mãos, é suave.

Reflexão: Depois desses acontecimentos fiquei pesarosa e reflexiva por ver, em todos, a mim mesma. Nada me é estranho. Tudo o que acontece poderia estar em mim. Temo chegar a ser assim, pois sinto

em mim tendências menos elogiáveis. Vou estar atenta aos meus costumes. Como professora, vou usar a sala de aula pra fazer de tudo a que meus alunos tenham o talento do perdão e da consideração alheia. Pelo amor à dignidade, quero ver se afasto de meus alunos os ranços que senti, profundos, na alma de meus parentes. Vou fazer trezentos e poucos exercícios pra formar a compaixão, a generosidade, a alegria, a gentileza, a indignação, e elegância, a sensibilidade, a ternura e em cada leitura e em cada texto a ser escrito, vou tentar minimizar a feiura da alma, pondolhes um pouco das virtudes necessárias. Mais vou fazer exercícios pra que tomem conta dessas virtudes. Amém

Depois da tempestade

Por vários dias fiquei atordoada por ver o ser humano tão desqualificado em minhas três tias e tão pobre em meus aparvalhados tios. Ser educadora, da qual mais adiante vou falar um pouco, sempre sabia, é uma tarefa difícil ao pensar nos diabos loucos. A gente vai a fundo no ser humano e, por vezes, tira tão pouco. Para completar essa minha perplexidade, li o seguinte num pequeno texto de história. Frei Bartolomeu de las Casas, vejam a ironia, o mais humano dos espanhóis, por compaixão aos índios que mineravam nas Antilhas, solicitou a Carlos V que trouxesse negros pra fazer essa tarefa. Como não dá pra pedir outros tios e tias, vou ficar com estes mesmos.

Na semana seguinte à visita das queridas tias, levei em mãos o convite de meu avô para seu casamento. Bem mais mesquinha que ele, tentei dissuadi-lo do convite, mas ele falou de uma maneira bem distinta:

— Escuta, aprendi de você, também sou educador.

— Muito certo!, eu, às vezes, me contradigo. Também os diabinhos me espiam.

Imagino o que teria acontecido se eu fosse falar pra minha parentalha tudo que pensava. Prudência e água fresca, e bastante, faz sempre bem.

Tive desejos de, em vez de calar a boca, dizer alto meus pensamentos: seus imbecis, de cabeça limitada, vossa alma não merece consideração. Até o diabo teria algumas reservas em recebê-los. Como em tudo e em toda via é necessária compaixão, fiquei na minha, vendo os efeitos da serenidade forçada. Fui pedir uma bênção. Visitei meu vigário, bonachão como Sancho, a ver se conseguia perdoar minhas tias emprestadas. Brincou comigo dizendo ele ser também um rezador: *meu Deus por que me deste uma só mãe e tanto parente chato? Deus, pra fazer que eu deixasse de ser mesquinho, levou minha mãe e dá-lhe parente pra cima de mim.* Rimos! O perdão e a prudência me valeram maiores elogios, tanto por cuidar do meu avô como por ser tão prestimosa em receber os parentes e explicar todo acontecimento. Respondia: agora é

chegado o tempo dos dois ficarem sozinhos. Cada um cuide do próprio nariz! Ao chegar em casa, recebi o resultado do concurso. Fiquei orgulhosa por ter sido uma das primeiras. Até o final do mês seria convocada pra assumir uma escola. Do alto ou do baixo de meus 25 anos, me senti a maior educadora. Me enchi mais uma vez de bons propósitos. Lá fui eu dizer da notícia ao meu avô. Tentei acertar com ele em não ficar nem mais um dia em sua casa depois do seu casamento. Pediu-me pra ficar mais um tempo. Ele iria torrar seu rico dinheirinho numa lua de mel pelo mar Mediterrâneo, partindo de Barcelona. Falou-me de seus receios, mas ia acompanhando um grupo de turistas, conhecedores daquelas águas. Avisei-lhe: neste navio norueguês só vai dar gringo. Maria gostou da ideia, mas também temia pelos dois. Idílio chutava bem no alemão. A ideia posta, ação em marcha! Ela não esqueceu de dizer: as despesas serão divididas de igual para igual. Falei isso também pra todas as abelhudas. Aceitei, então, ficar até o retorno deles. Levou-me até seu computador e mostrou-me de seus avanços na linguagem digital. Do seu medo do mouse até navegar do Google, foi mais rápido que imaginava. Eu vendo-o sentado e mostrando-me seu domínio na internet deixou-me ainda mais crente nas possibilidades de encontrar caminhos melhores para as pessoas. Por fim, para maior surpresa, vi dominando a geografia e a história dos lugares da Europa e da Ásia. Perguntei se sabia tudo isso por causa da escola. Respondeu-me: essa alegria de conhecer foi aprendendo somente nos últimos tempos. Você foi minha principal professora. Brinquei com ele dizendo pra não querer me cantar pra ficar com os dois. Comecei a ter mais ânimo pelos acontecimentos. Estava, ainda mais decidida a morar em Marau: as cidades menores sempre me encantaram.

Começamos, eu e Maria, a trazer suas roupas e pertences para casa de Idílio. A amizade entre nós duas estreitava-se cada vez mais. A alegria, composta por diversos motivos, a exemplo do desafio de dar sentido ao desconhecido, empurrava-nos pra frente! Via meu avô desperto para a vida, sustentando novos sonhos e grandes eventos. Todo minuto era cultivado como, se não bem aproveitado, se perdessem preciosidades. Motivo não menos importante consistia na ternura irradiante de Maria e,

associada a ela, a ventura de me sentir educadora de mim mesma enquanto, por reciprocidade, desenhava um jeito bom de viver.

Por esses dias fui assumir uma escola em Marau: alfabetizar um grupo de crianças. Começaria na próxima semana. Durante ela fui vendo um lugar pra morar. Encontrei rapidamente uma pensão de uma senhora muito expansiva. A noite prometia ser boa por começar a me dar a conhecer e a conhecer pessoas que carregavam, pela pronúncia, a origem italiana. Ao me ajeitar na casa dei com um rapazola.

O encontro foi uma fortuna de bom: um Bepi muito interessante. O convidado pra serviços eventuais da Angelina estava sem volteios Sabe o que é transparência. Pois aí havia uma. Uma figura humana meio bronca, mas de uma perspicácia dada em observações, ora picantes, ora cheias de humor, ora de uma contundente penetração. Por ver tanto amor idílico, fiquei tomada por uma inclinação amorosa e de pouca morosidade. Ele me olhava incisivamente, mas com pudor. Detesto homem querendo apenas o corpo. A sopa estava uma delícia e acabou por me dar de surpresa um galo primo canto e de uma voz solene e amena. As palavras no recipiente daquela voz tinha um efeito quase devastador sobre mim. Estava muito sensível, já não sabia se era um início de entrega ou apenas resultado de meu primeiro emprego. A gente nunca sabe pra que lado pende o coração. Ao sair da sopa ele me disse morar não longe daí. Acrescentou: *si é de tu voglia me piace te encontrar. Anche te piace?* Fiquei muito contente, respondendo não haver problema de vê-lo pra futuras conversas. Fiz dengo, bem que estava afim de levar comigo o conteúdo apreciado. Que não pensasse, porém, de me achar de graça. Tudo seria para um jogo cheio de sentidos. Fui pra casa e me peguei rindo. Vim pra ver crianças e estava entusiasmada por um frango. Ainda bem cedo da manhã seguinte, ele veio sem jeito e me entregou uma rosa. E brincou: pra ti *non* pegar coisa melhor que eu em Passo Fundo. Me encantou, mais quando beijou minha mão, olhando-me com olhos de um pedinte.

Meditei sobre o amável Bepi e meu destino. É fácil lançar os outros em união. Senti calafrio ao pensar: quando toca de cada um se envolver, a ponto de perder suas particularidades, há um temor profundo de se perder a si mesmo. Ma como? Estou perdendo o tino. O objeto é a

história do velho amor de meu avô. Aí também pensei em Rodolfo. O amor de dois mete receios...

As bodas de meu avô

Aí estavam o velho Idílio e a senhora Maria. Uma nobreza translúcida retratada na figura dos dois. Todos os familiares, sem faltar nenhum. Até a tia Honorina, hospitalizada, convenceu seu médico a não perder a festa. Não tem como medir a presença de todos. O fato repercutia nele e, de como ele fazia, mexia em seus familiares. Sua figura retilínea mostrava a elegância que a hora exigia. Um verdadeiro educador pra todas as idades. Nenhum dos presentes esquecerá o evento. Na hora do sermão o padre entregou a palavra aos dois. O encanto do discurso religioso foi *manhífico*, como falou meu Bepi. Quase tenho vergonha de dizer: apenas passou vinte dias e já andava comigo. Mais adiante explico que agora é a vez de meu avô e de Maria. Que falou bem, falou: *Não estava feliz de estar só. Ao sair dessa solidão por meio de Eliane, encontrei Maria. Pedia uma vida melhor e me veio mais que pedi. Não sei do tempo de minha vida, agora com Maria desejo lonjuras. Vou fazer de tudo pra ela ter uma vida alegre e se algum motivo houver de tristeza serei o melhor companheiro.*

Ela falou apenas duas frases: *pensei que não amaria mais. Me enganei: encontrei quem eu não esperava e me veio um homem tão distinto. Por isso vou render graças a Deus enquanto viver.*

O silêncio reforçou a grandeza e a simplicidade das palavras.

Me faz bem falar da festa: estava tão bem e de alma renovada, pois ao ver meu avô todo enfatiotado, resolvi mostrar o meu quase namorado e fazer o elogio de minha família. Durante a noite havia pensado em tudo, e, medindo as palavras, poderia fazer bem aos meus tios e tias. Impressionaria ao Bepi. Poderia ver de perto a todos, tirando suas próprias conclusões. Apresentei meus pais. Aqui está quem me deu tudo de bom, falei. Meu pai mostrou sabedoria e humildade: damos apenas as madeiras, a casa, ela construiu por conta própria. Me agrada *molto la casa*, respondeu Bepi. Na hora do almoço meu avô pediu para eu apresentar pra Maria a toda a minha família.

Me senti traída por que o mais que queria era curtir com Bepi o momento familiar. Apresentei, então, a todos. Palpitava meu peito e muito. Bepi e Maria, aqui estão os meus e que Deus me deu de Graça. É uma boa família. As brigas são muitas, mas não é preciso chamar a polícia nem os bombeiros. As conversas são altas e cheias de boas intenções, mas, ao final, tudo se resolve. Somos uma família cheia de emoções. Honório é o mais velho, meu amável pai. Se não fosse um guerreiro cheio de decisão, seria um navegador, pois gosta de peixes e de água. Sua esposa Aléxia é que é uma mulher cheia de boa vontade e grande educadora de seus filhos e nunca se mete na vida dos outros: minha mãe. Vem o Felipe, o mais generoso de toda a família. Se São Francisco não existisse ele poderia estar em seu lugar. É atencioso com seus animais e carrega seus bichinhos como se fossem seus filhos. A Honorina, bem, é preciso um ano pra conhecer tudo de bom que nela existe. Ela fica braba somente quando a causa é justa. O tio Alfredo é o apaziguador. Não tem desentendimento que ele não ponha calma. Que beleza de pessoa é o meu tio Alfredo. A Virgília é que é uma bela companheira. Sempre consulta seu marido pra saber o que é melhor. É a democracia em pessoa. Os meus pais eu já apresentei pessoalmente para Maria, entretanto vou dizer o seguinte: se existe o que de melhor existe, se resume nas pessoas dos dois. Aprendi tanto do amor! Quase sei de cor como se escreve. Se existe beleza no mundo aprendi a vê-la com os olhos deles. Se existe a forma certa de lidar com as pessoas posso dizer: foram eles os professores. Faltam tia Adélia e Adelaide. Adélia é a mais confortante presença humana. Todos se sentem bem com ela. Quando a gente entra na sua casa lá estão tio Roberto e ela deixando bem quem tem o prazer de sentar-se por perto. Não é preciso ir à Roma pra sentir a bênção de Deus. Aqui temos Cesária, a mais querida. Só sabe dizer e fazer o bem! Eu quase caí de costas por dizer esta mentira! Deixei a tia Adelaide por último pra mostrar que nossa família tem uma brilhante mulher. Põe beleza humana nessa mulher! Eu ainda um dia chego lá. Todos sabem de seu marido. A doçura em forma de homem é que ele é. Falei no mesmo tom dos outros. Pois essa, Bepi e Maria, é minha família. É claro que não vou falar de meu avô. Se eu falar dele devo falar de meu coração, pois esse velho amável tem o tamanho de

minha vida. É claro, Maria, que não vou falar dele. Não vou tirar o prazer de você mesma descobrir quem ele é. Maria, pra todos que estão aqui presentes é uma mulher amável. Deus me deu esta senhora como presente pra saber sempre o que devo fazer pra ser ainda mais feliz. Não vou falar do Bepi que é muito cedo pra dizer tudo que ele é e pode ser pra mim. O certo é que me derreto toda só de pensar nele. Ainda que o coração humano seja difícil, posso lançar o meu em sua direção. Agora, um brinde para o casal e pra todos nós que temos o prazer de estarmos juntos.

Mal terminada a apresentação, todos se admiravam de onde Eliane tirara tudo o que foi dito. Confiantes na palavra não houve confusão nem por palavras nem por gestos. A mãe, conhecendo sua filha, sabia haver alguma ironia.

Num momento de distração de todos, meu avô veio falar comigo e perguntou.

— Escuta, menina, donde você tirou tudo isso.

— Vô, da vida deles. Se não são tudo que falei, quem diz que não podem ser? E tenho certeza, seu Idílio, que, ao menos aqui, eles vão tentar mostrar esse lado bom.

A festa foi terminando. Viu só vô: não me enganei. Todos queriam mostrar formas não triviais de ser. Depois meu avô tomou seu carro e os dois foram a Porto Alegre tomar o avião que os levarias ao seu navio em Barcelona. Aprendera um pouco de inglês e piscou pra mim.

Bye, my little girl!

Goodbye, my old man!

Reflexão:

Comunicação em público. Vendo meus tios e tias tão compenetrados do que falei, ao mostrar uma face tão preclara e nobre, passei a acreditar numa possibilidade humana. Falar em particular sobre alguém, buscando melhorá-lo, não tem muita força. A questão está, me parece assim, ó: quando muitos olhos se dirigem à pessoa, surge uma crença levando-a a representar o papel imposto. A pessoa se reconhece

como tal e passa a cumprir o designado. Sente-se tão bem. Não quer perder o que lhe foi atribuído. Semanas se passaram desde a partida de meu avô e me testemunharam o quanto fez bem o reconhecimento público. Isso me leva a crer: não vou expor a pessoa em situação desagradável. Quando puder encontrarei diante dos outros o que meus alunos apresentarem de bom, afim de que se reconheçam na virtude demonstrada. Moral da história: mais vale o reconhecimento mentido do que o ressentimento merecido.

Um bravo sermão

Em Marau, sábado de manhã. Bepi circulava pela pensão. Avisei-lhe que, antes de tudo, prepararia minhas aulas da semana. Primeiras letras. Pela primeira vez os alunos ensaiariam o seu nome, escolhendo as letras correspondentes. Saberiam melhor quem eram, pois todos leriam os nomes uns dos outros. Deveriam dizer em público o seu nome, escrito para saberem ainda melhor quem eram. Em cada nome pronunciado, uma salva de palmas. Já havia percebido o que cada um deles tinha de bom e de particular. Associaria minha compreensão deles ao pronunciarem o seu nome. Alguns esconderiam entre os dentes a palavra de seu nome e eu aí descobrindo a melhor maneira para que abrissem a boca sem medo de quem eram.

E Bepi rodeando a casa. Lá pelas tantas entrou em casa e me convidou pra ir à missa. Reclamei dele dizendo:

— Não dá pra esperar um pouco? Vida de professora é isso que tá vendo: não tem fim de semana.

— *Va bene, more*, ma pensei que *anche* podia rezá um pouco. Vamo na *messe* que o sino já tocô!

— *Adiamo, enton!*, imitei-o incomodada.

Rezei por Bebi: que não saísse dele um chato. Prefiro lidar com o diabo a encarar um homem inconveniente.

O evangelho era sobre o bom samaritano, mas o Frei Luiz Maria, ateve-se ao homem assaltado, mais precisamente, sobre os ladrões. O santo homem levantou de mau humor ou instigado por uma raiva justa, mal contida. Livrou o verbo como se fossem aves assustadas.

Não vou me ocupar com o homem assaltado. Vou me ocupar de quem o assaltou. Não vou me voltar para os assaltantes do tempo de Cristo. Vou me voltar sobre os salteadores de hoje. Não me conformo com os presidentes e seus ministros. Falo como Padre Vieira. Nem os presidentes podem ir ao Paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao inferno sem levar consigo os presidentes. Um povo está sendo assaltado enquanto os pequenos ladrões de galinha são

mostrados nas grades. Navegava Alexandre o Grande com uma poderosa armada. Nessas andanças imperiais condenou um pé rapado por uns anzóis roubados. Vendo que não havia perdão pra ele, retrucou ao grande conquistador: Por que roubo uns anzóis sou ladrão, e vós que roubais com uma esquadra de navios sois imperador. É o que hoje estou vendo: ladrões pequenos enfiados nas cadeias; os grandes roubam e condenam. Eles têm imunidade para roubar sem castigo, sem culpa e sem vergonha. Vejo tais figuras estampadas em revistas e jornais com um ar cheio de satisfação, mais satisfeitos que os santos retratados em estado de graça. Vi uma ladra dessas dançando na assembleia. Tão feliz: era a própria Teresa d'Ávila em êxtase. São esses os salteadores impenitentes a distribuírem migalhas à população para serem bem vistos e votados. Cristo encontrou um ladrão, o Zaqueu, mandou descer da árvore pra devolver aos cofres públicos todo roubo com juros e correção monetária. Se Cristo viesse hoje, qual deles devolveria sua abastança? Nenhum, por certo. E se Ele se descuidasse fariam uma devassa a ver se os impostos estariam sendo pagos. São José deveria dracmas a Herodes.

Teriam mais dificuldade em carregar o roubo, pois não usavam cuecas naquele tempo. Outros não saberiam onde pôr todo roubo por não haver bancos pra depositar. Ainda alguns pagariam alguns pobres saduceus pra emprestarem seus nomes, carregando a carga roubada. Alguém serviria de camelo a outro. Hoje expresso assim minha indignação. O pobre homem à beira do caminho que eu vejo no Brasil são milhões e os saqueadores moram em palácios como morava Zaqueu e até fico triste pensando não haver samaritano suficiente para salvar a todos. Já me perguntaram hoje se estou pessimista ou deprimido. Eu respondo: sofro de ambas as doenças por não saber o que fazer. Aqui em Marau eu vejo a honestidade do município, mas tendo apenas migalhas pra diminuir toda a sorte das misérias. Vejo o prefeito agradando aos ladrões de Brasília, pedindo misericórdia aos abandonados. E cobram tostão por tostão, fazendo acreditar que só os municípios devem honestidade em seus bens. Me divirto até, que denunciar e chorar parece não demover ninguém: afana-se de todos os modos, bem a gosto dos roubos do tempo do padre Vieira: rouba-se no infinitivo pois que os roubos não tem mais fim; rouba-

se de modo optativo, como se no governo a corrupção fosse uma opção a mais e quase obrigatória; rouba-se de modo mandativo, se manda roubar para os chefes e para os partidos; de modo permissivo, isso agrada ao presidente que, fazendo-se de inocente, deixa outros roubarem por ele; enfim se rouba de modo conjuntivo, que, se perdendo todos as vergonhas, roubam em bando como tucanos nos caquizaís.

Me admira o povo que aqui está, tão silenciosamente aceitando o que não me conforma. Todavia, vejo alegria apesar de tudo. De fato, não tem gringo triste quando está de barriga cheia e com um garrafão de vinho no porão. Rezemos, enfim, por nós mesmos pra que não nos falte a força da honestidade e nos livre da maior amargura.

Ao sair da missa perguntei ao Bepi se os freis falavam sempre assim.

— No! No! Qualche sabato solo!

Estava acabrunhada. Quando entro na igreja, vejo a vida de maneira mais certa, fico, então, perturbada por fazer tão pouco.

Voltei ainda, à noite, pra Passo Fundo. Havia prometido ao meu avô ficar em sua casa enquanto estivesse viajando. Mandei por e-mail o sermão do Frei e um abraço pra Maria.

Minhas aulas em Marau, *ma che cosa!*

Enquanto meu vô não diz nada, vou falando de minha tarefa de educadora. É apenas uma simples história, estando quase pra uma tragédia.

De fato, uma vez li: a maioria das pessoas prefere seguir a tradição. É mais fácil se a obediência aos costumes for bem feita. Existe um belo acolhimento comunitário. Evita-se qualquer conflito o que pode levar à excomunhão ou, se não tanto, à desconsideração. Se a gente se comportar como criança numa instituição não há enfrentamento e dúvidas. Não existem problemas mais sérios. A gente toca o dia a dia com mediocridade. Novos sonhos são abandonados em favor da harmonia e da paz social. A gente vai levando uma vidinha feliz e vasta, como no meu caso. Essas crianças aprendam a ler e a escrever. O que escrevem, o que leem e como se comportam não importa tanto quanto seguir o rumo estabelecido. Sentia medo e até numa noite acordei sufocada, sendo mostrada como uma intrusa na cidade, correndo até a ponte da Sede Independência.

Estou fazendo onda, e vou explicar melhor o meu caso. Pra rejeitar alguém não é preciso grande coisa. Numa das reuniões da escola expus minhas ideias sobre ensino face às questões do envelhecimento populacional e suas consequências educacionais. Afirmei rapidamente: hoje educamos para a longevidade da vida e para tanto é necessário pensar em desenvolver alguns hábitos diferentes daqueles enquanto a vida era breve. É preciso fazer as crianças aprenderem a viver bem com as casas cheias de idosos. É preciso desenvolver hábitos pra dar conta de saber viver bem depois dos sessenta anos. É preciso cuidados com a vida pra não chegar mal na velhice. A sala de aula e a relação com a família podem se constituir um bom laboratório pra desenvolver os costumes da boa convivência. Mal havia falado e já houve um silêncio de poucos amigos. Comecei a me sentir mal. Senti fazer-se um fosso entre mim e as colegas. Ainda bem que, ao final, algumas professoras passaram por mim dando sinal de aprovação. Pra algumas o tema se tornou um assunto

muito estranho. Senti, algumas delas, frias como um fio de navalha. Pensei bem e busquei não fazer mais menção sobre o que pensava. Fiz o que já havia feito na universidade, ao expressar a mesma opinião. O que pra mim seria uma exigência educacional a ser posta em pauta, para outras um tema inconveniente. Me calei pela segunda vez. Agora tudo estava diferente: poderia, no interior da sala de aula, mostrar as consequências de meu entendimento.

Por isso e por aquilo, comecei a cuidar da sala de aula pra que todos pudessem se ver muito bem. De fato, Freud tem razão. A perversidade não custa a aparecer. Então pensei os exercícios pra todas se sentirem bem e muito bem em sua sala. Fiz de tudo pra levarem temas da casa em pequenas atividades e textos pra formação de hábitos e ideias, facilitando a integração de gerações, promovendo a tolerância e a percepção do envelhecimento como um processo satisfatório de vida.

As primeiras frases foram pra que tivessem sensibilidade, mormente em relação às formas de exclusão; via com eles os fatores de risco da saúde humana e das alternativas para sua promoção; repetia frases escritas e lidas sobre a compreensão da necessidade de pequenas tarefas de cuidado consigo e com os outros; descobria com eles maneiras de tornar a escola mais alegre; as primeiras frases diziam respeito às praticas de bondade e de alegria. Ao fim do ano vou levar meus alunos pra conversar no asilo e visitar algumas pessoas sozinhas, pra lerem suas pequenas frases;

Basta de meus sonhos!

Um velho no mar

Veja, minha neta, esse velho no mar. Eu e Maria metidos a navegadores de mares dantes nunca navegados. Pois é, querida neta, vou te contar da maior novidade. Minha Maria, a quase silenciosa, aquela que guarda segredos, se revelou. Ela está ajudando a escrever essa carta marítima. Eu nem de longe seria capaz de traduzir tão bem os lugares vistos. Ela vê belezas onde não vejo. Então, aprendo a beleza dela. Me afirma o seguinte: a realidade não é igual para todos, ela é como a gente vê e a gente vê de acordo com o amor e o conhecimento de cada um. É a isso que eu me refiro, ela me empresta seus olhos, seu coração e seu entendimento e, aos poucos, posso ver tudo melhor. A ignorância é como uma fumaça que dificulta a visão. Ela escreve e quando sou eu que pipoco as letras, ela me ajuda a pôr a melhor palavra. Ela não deixou eu dizer isso, mas nisso ela não me manda. Hora dessas vou te mandar algumas coisas de nós dois. Ela tem mais medo que ciúme. Isso eu te digo, querida neta, sem ela saber. Fico olhando espantado donde sai tanto medo. Não sei se é porque teme repetir tudo de novo como aconteceu com o primeiro marido. Ela vê chifre em cabeça de cavalo. Desculpe eu te falar dela assim, mas preciso dizer o que tenho coragem de falar somente pra ti. Sabe o que é uma ternura metida num corpo de mulher: é ela. Mas eu a vejo perdida por muito pouco. Dia desses sem querer saiu de minha boca uma expressão da Indalécia. Ela só faltou me devorar com os olhos. Pedi desculpas, mas de pouco adiantou. Me irritei muito de ela ficar desse jeito. Aí eu vi bem de perto, de fato, o passado tem poder. Estamos escrevendo juntos sobre a nossa viagem, mas vou dizendo algumas coisas sem ela saber. Agora vou fechar esse e-mail. Ela está voltando de arrumar o cabelo.

“Véio” e criança não podem sair sozinhos: é um perigo. Logo adiante você vai saber porquê. Mas não me arrependo de tudo que estamos fazendo. A Maria te manda um beijo muito carinhoso.

Este é o segundo e-mail:

Uma viagem longa é igual à vida que se vive. Em ambas aparece toda a condição humana: contradições e ambivalências: assombro e indiferença, ternura e desgosto, alegria e tristeza, fantasia e realidade, angústia e paz e lá vão todas as mazelas e bens que se reúnem e se desfazem. A natureza de esplendores se converte, às vezes, em esgares de morte como se nada estivesse acontecendo. Isso eu vi de meu amigo João Carlos dois dias antes de viajar. Lembra o marido de Dinair? Ele trabalhava com ardor, com a morte em seu encaço: preparava os convites para o encontro de seus ex-colegas de agronomia e de olho nos seus arquivos genealógicos. Uma fraqueza tépida e sonolenta, sem reclamação. A vida e uma longa viagem nos reservam tamanhas surpresas. Se antes fossem nos dados os acontecimentos, a primeira coisa seria duvidar.

Semana que vem vou continuar te enviando as impressões de nós dois. Pelo visto a coisa vai longe: na vida tem de tudo e na viagem também.

O meu nervosismo

Não me entendo a neta perfeita. Busco dois grandes motivos pra viver atenta em meu avô. Ele cabe como luva em minha vida. Não existe melhor guia e objeto de minha ternura. Não posso negar, outro motivo me atrai: com ele quero ver de como dá pra chegar bem até o fim da vida por mais estendida que seja. Eu estou acostumada a ver a vida enquanto cheia de razões dominadas pelos outros: trabalho, instituições exigentes, inserção social as mais intensas, criação de filhos e outros badulaques. Quero ver se, com meu avô, posso vislumbrar melhor o meu tamanho quando estiver com o tempo dominado somente por mim. Me assusta, então, se não seria melhor deixar meu querido Idílio seguir solitário a sua vida sem ter que carregar os medos de Maria. Minha maneira de aproximar os dois não foi forçada? Que direito tenho de tirar o silêncio de quem quer se calar? O jeito calmo de Maria não o deixa frustrado, afastadas as turbulências de minha avó? É, às vezes, andamos como cusco em procissão, perdidos no meio de santos e de piedades. Me consola saber: a vida tem mais respostas do que nossos vãos questionamentos.

Perguntas sem grande repercussão. Marau me assusta ainda. A resistência dos colegas de escola reduziu-se um pouco. Mas me vejo tão solitária nessa arte de querer sujeitos éticos e estéticos. Todos aqui confessam uma religião cristã, mas se tomarmos a cultura vista nos gestos, sejam na mídia, sejam na convivência, pouco se pode dizer do aprendizado de Cristo. A maioria está mais pra Herodes, querendo sacrificar o Menino por poucas razões. Não sou diferente. Se a missão dos gringos batizados é de virar pescadores de almas, tendo-se nelas um cuidado todo especial o que dizer se, seguidamente, eles são capazes de comer uns aos outros? E o fazem sem pestanejar. E eu aí metida a fazer exercício e mais exercício pra ver se tiro leite de pedra. Mas vejo, por outro lado, alguns efeitos. Eles mostram uma face esperançosa. Educar para o cuidado parece querer salvar a fera humana. Vou vendo de perto se ao final do ano tudo vale a pena. Depois eu conto.

Outra preocupação é o Bepi. Me enrolou um bom tempo com seu italiano. Fala um português atravessado. Sua linguagem não saía de algumas palavras muito bem ensaiadas. Falava *questo qua e questo la, anche io e anche tu* e vinham frases cálidas na imitação de um italiano adorável. Depois que me apaixonei, feita uma mulher encantada, deixou de falar em italiano e se declarava numa fala de pouco elogios. Temo desse jeito porque me pergunto: se mostrou uma linguagem tão bem ensaiada, não estará ensaiando também algumas virtudes de amostra e depois as perde como perdeu o seu dialeto ensaiado. O homem parece feito pra conquistas e aventuras. Muitas vezes, sem mais nem menos, se mete à besta.

Pois quer saber de uma coisa, agora já sou senhora Eliane, já se foi a virgem: vou tocando meu destino desse jeito: é preferível fazer alguma coisa a ficar fazendo uma onda de perguntas. Vou levar o Bepi num cortado. A testosterona dele não é muito mansa e, de casa, pelo visto, trouxe bons princípios. Pronto desabafei. E ele que se cuide!

Retornando ao velho com sua amada

Não era sem tempo de voltar à viagem de meu avô. Começou a descrever a sua viagem. Foi falando assim:

Não temos aeroporto pra voo longe de casa. Em Porto Alegre uma pequena parada. Velho gosta de visitar amigos e dar paradas antes de chegar. O encontro fez muito bem. Alegrias rondando a mesa, lembranças de família e sonhos de todos. Adultos e jovens em estafantes atividades e velhos viajando. Ainda deu tempo pra falar de minha neta. Coisa mais amável um ser se dispondo a olhar um velho como se fosse coisa muito importante. Agradeço por ser o velho avô contando com uma neta assim.

Pois, pois... amizade a primeira condição pra viver e viajar. Depois São Paulo. Voando pra longe! Primeira parada foi em Lisboa. Fomos pro hotel contratado. Amei de todo meu coração e de toda a minha alma a gentileza daquela gente simples. Parecem pobres e por isso não tem orgulho fincado no corpo. Portugal de nossa gente. Dia 8 visita panorâmica e depois Estoril, Cascais e Cintra. Apenas Cintra agradou pra valer. Aí vimos um castelo e a dor me doeu funda, por ver o que sobrou da nobreza portuguesa. Se uma vez Portugal brilhou, já não brilha mais. Assim falou Maria.

Ela entende muito de tudo. Portugal foi castigado por roubar a dignidade da nossa indiada e, por não saber negociar, ficou desse jeito. Pude ver um pouco de luxo no Palácio dos Gerônimos. Maria se comoveu toda diante do mausoléu de Camões. Ela recitou com devoção ***Alma minha gentil, que te partiste. Tão cedo desta vida, descontente, Repousa lá no Céu eternamente. E viva eu cá na terra sempre triste...*** recitou mais, mas não guardei.

Sentamo-nos numa praça na torre de Belém, aí ela conversou nervosa o que sempre acontece quando se refere a qualquer sofrimento. Falava e falava. Daqui saíam e chegavam e saíam os Jesuítas. Quando em 1662 eles foram expulsos do Brasil por defenderem as atrocidades contra os índios, Vieira xingou os reis de Portugal na capela real. Dizia, em

sermão, que os lobos famintos andavam soltos no Brasil e sem predadores. Aqui, dizia ele, a liberdade era trocada pela servidão. Só o cativoiro, a tirania, a cobiça, a sensualidade e o inferno estavam contentes.

Por ver minha amada assim tão desvalida, fomos tristes para o hotel. Ainda disse pra ela não sofrer pela história passada. Tomamos o avião pra Madrid. Pensamos fosse o mesmo avião que nos levaria pra Barcelona. Mas não, pra infelicidade geral de nós dois, em Madrid, tomaríamos outro. Pra quem sabe e tem pensamento ligeiro isso não seria problema. É aí que eu digo: velho e criança não podem viajar sozinhos.

Vamos ao avião que desse jeito não chegaremos a Barcelona. Maria diz ser terra de loucos. Me contento: mais um não vai fazer diferença. De fato, foi uma loucura a chegada em Madrid. Mandaram, antes do pouso, irmos atrás da letra J que, pronunciado com chiado do fundo da garganta, foi mal entendido. Desconfiei que fosse o nosso simples jota. Pedi mais esclarecimento e a aeromoça repetiu que fosse atrás da letra J. Numa pantalha encontraríamos o destino. Começou, então, a corrida dos infernos. Lá pelas tantas, todos correram prum trenzinho do qual ninguém havia me falado. Ainda bem que a polícia da imigração estava gentil e carimbou o passaporte, tendo-nos como gente boa. Depois, mais correria e exame da bagagem de mão. Na correria pediram pra tirar até a cinta e, na pressa louca, esqueci dela. Me senti um verdadeiro judeu em campo de concentração. A calça estava firme, do contrário não teria como segurá-la por causa da bagagem de mão. Aí implicaram com meu *ordenador*, note book. Por ser antigo e de razoável tamanho, não acreditaram haver máquina tão poderosa. Examinaram com muito cuidado. Vamos adiante, desse jeito ainda sou capaz de perder o avião. Confiantes no jota, encontramos a pantalha, mas cadê o número de nosso voo e o número do jota. A Maria, mais pacienciosa, encontrou-o milagrosamente na pantalha. É o J56, gritou contente. E lá fomos nós. la conosco um paulista muito esperto, mas também atrapalhado. Depois de esperar um tempo diante do J56, ele desconfiou. Voltou pra pantalha e veio correndo. O homem, gordo, mal respirava pela velocidade e peso. Nos avisou que o número agora era o J46. Imaginem, minha querida neta, o alívio ao ver, ao alto da porta, junto do j46: IB 6824, nosso amado voo.

Da próxima vez vou preferir o matungo de Dom Quixote ou o burrinho de Sancho a passar pelo que passamos. Buenas, a volta, desde então, começou a me preocupar. Comecei a ensaiar meu espanhol. *Por favor, estou inseguro, y como hacer en Madrid a tomar el mismo vuelo.* Mas já não mais temia tanto, pois sabia do trem, de uma letra que deveria seguir, e de um número a perseguir.

De fato, querida neta, a alma traz escondidos sustos que podem causar assombros.

O longo caminho do aeroporto, associado à falta de informação precisa, pode evocar o abandono infantil. Assim é em toda a vida. Os medos e os sustos são maiores quando falta a informação. Temores infundados podem nos angustiar. Na hora sem sol se desenha a necessidade de amar. A fragilidade pode se tornar um meio de encontro ainda mais terno. Vem a boa vontade e a precisão para minimizar a devastação. A viagem sem companhia pode ser ameaçadora pra quem tem pouco costume de caminhos desconhecidos, ainda mais pra dois neófitos em longas viagens. É isso mesmo nessa hora: quais são aqueles com quem podemos contar? Maria me pretendeu e eu a ela. Por falar em sustos, a assustada é ela. Por vezes, preferia ter nela a gritaria de Indalécia. A quietude dela me incomoda a ponto de preferir os duelos caseiros de antigamente ao silêncio temeroso de Maria.

Mas que se danem medos, angústias, sustos, assombros e o que de mal possa acontecer! Barcelona! Barcelona!

Valeu? Se valeu! Barcelona criou um bando de loucos pra gente se encantar! Gaudi, Miró, Dali, Picasso, são apenas frutos de um lugar e de sua história! Em tudo se respira o diferente e a poesia. Um vento inteligente sopra sobre tudo. Sagrada Família: não pode haver obra mais inusitada, mais santa, mais surpreendente. Que a basílica de São Pedro se incline diante dessa maravilha: ali se conjugam a matemática e as flores, a divina sabedoria entre pedras e ramos. Parque Guell, Montjuic, a catedral, as *ramblas* e tudo mais: bem aí a liberdade e a beleza se puseram a ousar.

Minha querida neta, isso tudo não foi o suficiente pra acabar com os temores marianos, que coisa tchê! Os lugares têm poderes de

assombrar, afastando quaisquer danos da alma. Mas, ao menos, ela estava mais suave em seus olhos. O estômago dela é que começou a receber as pancadas dos temores. Dizia-lhe, com insistência: olha querida, deixe os mortos em paz! Vamos curtir o mar. Afinal, em nossa breve vida esta será a última vez onde veremos Deus deste tamanho. Ela se esforçava pra não estragar nossa viagem. Fazia uma cara sofrida onde se escondiam os primeiros sorrisos. De fato, a felicidade teima em se esconder.

Depois, dia 8, de navio pra Casablanca. Na primeira noite eu ainda falei pro Chef do navio pra arranjar uma sopa nutritiva, mas leve. Gente boa o gringo. Quase entrei em surto por não me fazer entender. Finalmente saiu um *my wife need soup* enquanto eu esfregava a barriga e fazia uma cara de grande sofrimento. Me prometi estudar mais inglês! Ela depois recostada nos travesseiros tomava a sopa com vagar e me olhava cheia de ternura. Pronto! Lá se foram os medos: a viagem vai começar.

Estávamos no terceiro dia de mar. Eu e Maria desejávamos companheiros que pudessem dividir conosco suas impressões. Mal dominávamos o inglês e dava inglês a dar com um pau. Encontramos, finalmente, companheiros do Brasil. Descobri orgulhosamente: uma pátria nos dá muito mais que o chão. Em tudo a alma se completa e o amor flui vibrante quando se encontra amigos, e encontramos!

Primeiro passeio: Rabat: capital política de Casablanca. Dividimos com Mustafá, o guia, um dia de observações, era domingo, dia 10/04. O guia falava com orgulho de sua pátria, Marrocos, e maior se tornou quando pronunciou o nome de Hamed V o rei da família alamita. Em 1956 conquistamos a independência. Falecendo Hamed V, o filho Hassan II tomou conta da pátria. Nós amamos os dois. Então veio Muhamed VI. Aí tudo ficou melhor ainda. Nunca se sabe de tudo nem na vida, nem na morte e muito menos em tudo que vemos.

Dia seguinte, em Agadir, o guia Moro nos dizia com uma filigrana de cinismo. *Voi a dicirles que Hamed V le gustaba demás las mujeres.* Brinquei comigo... afinal era o pai da pátria. Como havia mulheres que iam até o mausoléu de Hamed! Que milagres buscavam elas? Que coisa! Não

é que Hamed, ao submeter as tribos rebeldes afim de compor a pátria, exigia do chefe local, a cada dez anos, a melhor garota da tribo. E atender devidamente a todas as mulheres de todas as tribos? Dizer que isso acabou somente nos anos 1990 com Muhamed VI, neto de Hamed V. Fiquei duvidando sobre qual amor que Hamed buscava: da pátria ou das mulheres. Mas das intenções humanas até Deus duvida.

Fomos dia seguinte pra Taroudant: a própria revelação da fragilidade e da contradição. Uma cidadela berbere toda cercada de altos muros. Lembrei-me então do guia Mustafá. *Los digo...* que Hamed V dominou as tribos, obrigando-as a servirem ao rei. Vi, então, o quanto o rei Muhamed VI é amado pelas mulheres as quais tiveram garantida a dignidade. Ele criou leis protetoras concedendo poder decente a elas. Se o marido quiser outra, a separação deverá ser autorizada pela primeira. *Y las leyes son severas y los juices tambien!, habló Mustafá.*

Voltemos à cidadela de Taroudant, hoje uma Medina. Ai meu Deus, o mercado berbere quase nos mata. Os mesmos tapetes, frutas, metais, quinquilharias, ferros, pratos, chaleiras, bules, burcas, chlabas: roupa masculina, óleos, verduras, sementes, farinhas e tudo mais que se possa imaginar. E a Maria, curiosa, pergunta pelo preço... tá roubada! Um inferno: avançaram sobre ela, e, vítima, caminhava por todo mercado, perseguida pelos pobres e desesperados berberes. Quase comprei um samovar(bule)... por \$ 50, Ficou triste porque resisti. Ora, ora, não sou um sultão e nem sabia se teria dinheiro pra viagem toda se me pusesse a comprar as pratos berberes. E depois ela viu uma garrafa térmica. Novamente aquela correria de um morenã indo atrás de minha mulher. Mais frustração. Ficou triste por não levar nem o samovar, nem a garrafa. Já vi que no próximo mercado quem está roubado sou eu! Mas não é só de negociações e frustrações que se faz a vida e uma viagem. Tem mais estranhezas. Voltemos pro início do passeio.

A natureza tem suas bondades e suas violências. Isso é visto aqui nas árvores que, isoladas, sobrevivem. Mesmo à distância podia se ver sua severidade. O arbusto argan crescendo em terra de torrões e terrões-arenosos, amarelos. A árvore com semelhanças da vida humana por razões de ser, resistir e existir. Rude em dureza, entre árvore e arbusto.

Espinhosa e dadivosa. Agressiva em sua estrutura e generosa em sua semente. Estendida pela vista que se faz entre Agadir e Taroudant. Oferece um fruto no meio de espinhos. Serve de alimento às cabras e óleo ao homem. Causa espanto ver cabras suspensas em seus galhos, comendo do alimento, semelhante a uma oliva. Dormindo ruminam o fruto e retirada polpa, vomitam o caroço de onde retiram o precioso óleo. Vi o sumo correndo pela pedra e as mulheres berberes moendo silenciosamente. E o Moro continuava *sua explicación: sepan uesteds: as raíces de la aragana pueden* afundar por cem metros pra buscar água. Em meditação via a contradição de sua aparência e a bondade concedida às cabras no sumo e, às mulheres, pelo óleo. A árvore da vida não se faz diferente. Defende-se de um lado, quando posta ao fogo pra aquecer as gentes no austero inverno, este, feito da composição de ventos úmidos do mar e dos sopros gelados do Sahara.

As cenas das tendas trazem a visão de gentes comprando e vendendo belezas e misérias. Olhava-os com dor. Ofereciam cantos dolentes com um tipo de viola de duas cordas e um pau; ao passar sobre elas produzia um som dolente. Vendiam a sonoridade triste, estendendo as mãos pedintes. Ali passavam elas em roupas pobres dos pés à cabeça. Apreciava ouvi-las em sua língua berbere. Moro conversava com alguns deles. Mais espanto quando ele nos explicava. Tenho de falar três línguas e muitos berberes fazem isso. O francês, o árabe e o berbere. Sessenta por cento é berbere e não tem como não falar: é coisa de sobrevivência. E eu com minha pobre língua e analfabeto de outras vozes: apenas balbucios infantis de outras falas.

Estendo mais uma vez meu olhar para as muralhas, agora inúteis, de cinco metros. Serviam, faz pouco mais de 50 anos, pra defender a população de outras tribos. Doenças, velhice, fraquezas de alma, transtornos, medos e sustos, lá vamos fortificando as nossas aldeias. Mas não há que negar a generosidade das cabras que aos pobres oferecem o pescoço ao sacrifício exigido pelo profeta. Nós buscamos proteção e os animais pagam o preço. *Esto se hace en memoria de Dios que a ofrecido un cordero en cambio del sacrificio de lo hijo de Abraham. Pero es una fabula*, falou uma castelhana. *No! No! Esto es verdad! Esta en el libro del*

profeta! Aí entrei eu perguntando se ele acreditava em Darwin ou na história de Adão e Eva. Não duvidou. *El profeta habló que tenemos solamente uno padre e uma madre!* Me calei. Os vestígios da evolução me bastavam e, a ele, Adão e Eva. Ao final de todas as contas o resultado será o mesmo. Brinquei com Moro se ele não nos levaria a uma mesquita. Nós oraríamos por ele em Agadir. Os 25 pontos das orações de cada um dos excursionistas seriam repassados a ele. Riu-se, afiançando: na eternidade não se transferem bondades. Deus e seus anjos estão atentos ao direito de cada um! Ingentemente avaliava que tipo de céu me caberia por prêmio por descrever de seus pontos e sendo os meus tão poucos.

Fomos depois ver a fortaleza árabe de Agadir. *La Fortaleza foé eregida como protección contra los portugueses.* Bem ou mal, falo e penso pela língua deles. Sou pouco mais de um fugitivo que se enfiou no Rio Grande e *estoi grato ao destino e ahora a mi mujer que me comprende, pero un poco triste por no haber su samovar.* Meu castelhano é um espanto!

Aí, então, a bestialidade: pobres camelos servindo de entretenimento aos turistas. A Maria tirou uma foto de mim e de um camelo. Saudei o camelo e me senti um dromedário não muito contente. Maria só faltava chorar por não ter suas quinquilharias.

Mesmo sem bule e sem samovar pode haver o encontro humano. Já pensava em Las Palmas. À noite fomos dançar. Todos já velhos, nós dançávamos que *la vida se la tiene hoi! Maniana que venga mejor!*

Pois bem, querida neta, tá vendo que não me saio tão mal ao escrever. Mas também me valeram as leituras e meus rabiscos feitos e escondidos. Espero me tornar um homem capaz de afastar os antigos fantasmas de Maria e ela me livre dos meus.

Querida Eliane, a viagem está um encanto. Confesso, para alívio de minha alma, tenho dificuldades de lidar bem em relação com Maria. Esse nó é só meu. Lembra da vó Indalécia? Pois é, parece absurdo, mas ainda estou viciado nela. Sabe, tudo era medido em palavras ardorosas e até, à vezes, bravias. Era uma contenda, mas não tenho dúvida: era mais um clamor de paixão. Não havia graves ofensas, mais parecendo a luta de Jacó com seu anjo. Depois... nem te conto guria, só Deus sabe de nossos

encantos. Com a Maria é tudo diferente. Às vezes eu me exalto um pouco diante de um assunto qualquer e ela fica toda sensível. Vejo, então, que meus brados não são mais oportunos. Fico por boas horas lambendo a sensibilidade de Maria. O amor tem disso: a gente é como ferro do ferreiro de minha infância, de tanto malhar vai tomando forma.

Pensares de Eliane

Penso: mas que barbaridade! Como é difícil aproximar duas pessoas. O amor de velhos parece mais complicado em virtude de terem quase, como instintos, os costumes já definidos. Vejo o meu avô, quem diria fosse a forma da comunicação anterior tão difícil de ser cotejada com a atual. Penso sobre a natureza humana, por vezes tão delicada e, por outro lado, tão defendida. Quanto mais frágil a pessoa mais tende a se defender: parece ser a única coisa que possui. O sentimento de abandono surge com muita facilidade. Tenho observado também em meus alunos. Quanto menos protegidos, mais agressivos ou mais fechados. E mudar de defesa para a cooperação amável é uma tarefa muito complicada. Maria está aí como prova: recolhida em seu jeito, sente mal com qualquer investida mais vigorosa. O mesmo com meu avô: se sente ainda perdido na estreiteza de seu passado.

Te devolvo isso pra consolo diante do pouco que tens a dominar, querido avô. Ao descobrir a bondade de tua Maria, é descobrir o quanto ela carece dela. É, meu vô, se a gente quase chorava quando perdíamos um peixinho que nos caía do anzol, imagino que lhe doam ainda as perdas.

Nem bem ao certo sei por que escrevo isso, meu amado Idílio. Em Maria mais se esconde uma ovelha medrosa e cheia de gentileza. Se a avó Indalécia era brava, lutadora e quase feroz na proteção de suas intenções, acho mais fácil se ajustar à Maria com sua inteligência clara e serena. Por tudo que se vê por aí, em nosso Brasil, habilitado na arte de rapinar, me encanto com uma mulher que é minha avó madrastra, pois de rapina nada tem. Um ser humano se molda com dificuldade e é o que estou tentando com meus gringuinhos de Marau. Não sei se vou exercitá-los o suficiente a ponto de, em cada casa, haver docilidades mais que assombros. Beijos, meu avô, e beijos em Maria. Vô, por favor, me mostre que envelhecer também é um tempo de se converter. Quem sou eu pra falar o que estou falando. Perdão por lhe dar nos dedos! Espero que essas palavras sirvam pra quando eu tiver perdido o que eu amar. Não tem quem

não perca e quem sou eu pra achar que não possa perder também. E, sabe Deus o que vou fazer então! Beijos e beijos na Maria e que bom que ela não seja bocuda como eu! Esta viagem está rendendo, continue a me escrever. Eu viajo com vocês.

E la nave va

Mal se haviam completado três dias, recebi outros registros de meu querido marinheiro.

Recebi tuas recomendações: tá uma grande educadora! To me convertendo. Falo até baixinho e ela ta admirada de minha conversão. Disse: bem!, como é bom ouvir a voz dela do jeito afável que é. Mas vou continuar a viagem que em tudo tem a ver com a vida. Vamos pra Las Palmas. Pelo que li, por aí passaram os conquistadores, ou devoradores. Vieram mostrar onde morava a indiada e pra azar deles e sorte nossa. E se não fosse assim pra onde é que iríamos?

O amanhecer de 12/4/2011 foi gentil como se fosse posto uma ilusão de beleza sobre o mar: Las Palmas. Fomos ver a casa de Colombo. Mais uma vez a alegria de conquistas, a admiração de ver Santa Maria, Pinta e Niña. Cascas sobre o mar. Vinte metros de esperança. Na proa uma cama. Pouco mais que um quarto na frente de 3,5 de altura, 4 de largura e cinco de comprimento e 20 no total. Lá se iam eles em busca do desconhecido. *Podrian se murir todos!* A fome de poder e vencer movia aquela gente. Tudo assustador e atraente como pode ser a trajetória quando se tem um sonho. Mais ou menos como você com teu sonho de tornar bons teus meninos e meninas em Marau. Não sei o que é mais fácil: será conquistar terras, destruindo tudo que vem pela frente ou tornar um ser humano cheio de compaixão?

Vi o livro em que Colombo escrevia suas intenções. Não havia dúvidas, morreria quem se opusesse à determinação: as terras e as gentes seriam deles. O mundo tem melhorado, mas a política que vemos na Líbia com suas riquezas não é diferente. Mas *hai* que navegar! À noite assistimos a um show musical no qual, não bastando as canções, eram escolhidos os melhores cantores. A plateia delirante ia escolhendo o pior pra sobrar, por fim, o melhor. Em tudo semelhanças às intenções de Colombo. Venceriam os castelhanos e ninguém pra avaliar as lágrimas dos perdedores. Temos dificuldades em conviver com a simplicidade. Em

tudo metemos a precisão, a disputa, marginalizando a quem entendemos não merecer o melhor quinhão.

Agora, manhã de 13/04, chegando em Funchal. Lugar dos funchos, das montanhas e das falésias. Não vou perder nada e ouvirei de Maria as suas impressões para ampliar *todo que se tenga*. É isso o casamento: a vida em dobro.

Vim de Funchal menor que uma lagartixa. Damos na catedral da Sé, mas nenhum movimento religioso se fazia. Fomos à igreja do colégio: menos ainda. Telefonei pra ti guria, mas o telefone estava estragado. Me incomodei, *pero se puede viver sin eso*. Fomos ao mercado e uma beleza de frutas, alimentos diversos e flores: a natureza farta, mas não via compradores. Bem como sempre, pode-se ter muito a vender, mas o que se faz se não tem quem queira. Se ouvia: *quers qu' coisa? Nao comprs de prmairo!* Nisso e em noutros momentos me pareceu um povo da maior bondade.

Pra maior alegria e felicidade estomacal tomei duas taças de vinho. Uma delícia. Compensação de buscar por todas as vias um bolinho de bacalhau pra Maria! Voltamos debaixo de um céu bonito e sol forte. Vi uma caravela portuguesa e lá no alto a cesta que anunciou o Brasil. *Terr' à vischta!* Pobre da indiada que a via. Mal sabiam a que viriam. Mas não me veio essa meditação. Veio apenas a simplicidade de caminhar. E, por esperteza aprendida dessa gente, admirável e pobre, trouxe duas caixinhas de vinho que, do melhor, em garrafa, não se podia trazer. Agora estou a escrever e por memória e despedida a confissão que se pode fazer em toda a vida: *graç'sch ao pcado que se faiz pr' cá e pr' otrsch bandasch, pr' vezesch, pode-s tér u'a vrtude!!!*

Não sei se teremos algo de bom durante o dia. Entretanto, como quase sempre é: do que muito se espera nem sempre se produz o melhor. Aguardo a noite que haverá magias. Amanhã poderá ocorrer melhor coisa, que Deus é um ser de muitas surpresas. Se no mar fez tantas e tamanhas coisas e tão diferentes, não poderá fazer de novo, custa-lhe tão pouco. Afinal, sou um filho, se bom não sei, mas Ele, por ser tão grande, pode dar uma mãozinha pra uma surpresa no meio do mar.

De uma neta contente

Quase quarenta dias, meu querido avô, que tua sobrinha navega em mares de uma educação que estou tentando inventar. Ao menos consegui diminuir a resistência das minhas colegas. É por que a páscoa se aproxima e aqui ainda se respira um tempo mágico. De todo jeito, os exercícios diários de cuidar da vida, como os passarinhos cuidam de seus filhotes, estão dando resultados. As primeiras palavras são acompanhadas de pequenas atividades. Estão aprendendo a perdoar pequenas falhas dos coleguinhas. Dia desses pedi pra escreverem, com seus pais, os nomes deles enquanto dissessem uma palavra muito querida. Chorei escondida quando um deles disse que não podia dizer uma palavra por que o pai bate na mãe. Se é coisa que não suporto é que uma machão bata numa mulher. Pra não complicar mais apenas chamei o pai que, pra surpresa minha, veio. Conversei um tempo com ele, dizendo apenas do belo filho, mas muito triste. Perguntei apenas se ele sabia por que o piázinho andava daquele jeito. Ele me falou desesperado: não sei o que fazer, professora; ela bebe e já tentei nas boas e de nada adiantou. Já perdi duas vezes minha cabeça. Não é função minha entrar na casa de minhas crianças, mas de nada adiante querer ensinar a um menino desesperado. Estou vendo uma maneira de encontrar um jeito. Pra encurtar a história. A mãe do piázinho está com os alcoólatras anônimos. Tenho pra mim ser esse o melhor remédio. Com o olhar dos outros não tem quem não possa ser melhor. Desculpe, vô, você em mares azuis e eu tratando de lidar com uma criança desesperada. Escute mais um pouco: não é que a mãe do guri veio conversar comigo: eu me fazendo de boba perguntei o que estava acontecendo de seu menino estar tão feliz. Jesus está deixando minha família tão bem como nunca!, se expressou Disse-lhe que ela tinha um bom protetor, mas não esquecesse dos amigos anônimos. Ela, então, percebeu do meu conhecimento sobre tudo. Abraçou-se comovida e nos despedimos. Fiquei imaginando o quanto pode fazer uma escola que cuida pra além das letras. Se numa vila pobre a escola não se mete, só tem a polícia a se meter. Podem dizer o que quiserem, mas a vida dos alunos faz

parte do currículo. Não adianta encher a cabeça de letras se a alma fica à mercê dos ventos.

La nave anche va

Seu Idílio me mandou o seguinte: Mama mia, Eliane, você me deixou contente, muito mais do que o mar pode me deixar. Olhei pro mar, enquanto lia tuas palavras pra Maria; me enchi de orgulho. Não cabia tudo em mim. Essa tua amizade, querida, quase devoção pra com tuas crianças, é alfabetizar para a ternura. Por isso continuo falando de mim e da Maria, tendo em vista a amizade que encontrei no navio. Não há dúvidas somos seres carentes, todavia, em momentos me pareço tão destemido que o navio me parece me seguir. O navio vai comigo!

A amizade de Bráulio e Ricardo, brasileiros entre bárbaros, e sua gente fez acontecer melhores dias. Não será a amizade a fazer a diferença sobre o mar? Veja o amigo Moura, *brasileiro t'bem, a falr qu' stava cheio* de satisfação quando o sol o aquecia na caminhada em Funchal. Penso agora no diálogo que praticava com a luminosidade. Nisso concordo com Nietzsche... estar, a mor parte do tempo, com as nádegas presas sobre uma cadeira é um pecado contra o espírito santo. Por certo aprenderam a não estar à serviço de si mesmos. A felicidade parece ter neles uma referência.

Sobre o mar o pensamento se torna maior... e tenho o direito de criticar Nietzsche. Vendo o estilo bom De Moura e Raquel, avanço sobre o significado da bondade. Discordo do filósofo quando exacerba a crítica sobre o cristianismo ao falar que os padres serão vistos ainda como seres subterrâneos. Pelo bem que fizeram aos imigrantes no Sul do Brasil é coisa de se reverenciar. Quem, tanto como eles, se entregou em defesa da pobre gente? A felicidade da fé em Deus e da renúncia não lhes era infinita? Se até eram fisicamente anêmicos isso não significava que a força espiritual não lhes bastasse. Entendo, então, a felicidade acontecer ainda maior quando existe renúncia em favor de uma maior comunicação, contanto que não se roube a dignidade de ninguém. A gente vê, em Ricardo, Bráulio... Renunciaram suas vestes daqui e encontram roupas melhores na Califórnia. Andar na frente de tudo pode fazer bem, assim aos padres como a eles. Amém.

Vou acordar a Maria. A manhã já vai alta e os dedos da aurora já perderam a suavidade. É o sol brilhando sobre o mar. É o mesmo sol contemplador de milhões de intenções, em barcos diferentes. Sabe, querida neta, que a viagem nos liberta da rotina, oferecendo tempo pra dizer, no meio de belezas, a nossa intimidade nem sempre aquela maravilha. Essa comunhão com o passado faz ver como os tempos carregam imensas bondades e grandes profanações. Bem, por onde ando agora, andaram as gentes que iam pras Américas e comungo deles em seus sonhos. Querida neta, não tenhamos a violência em nossos ombros nem o braço cansado de viver.

Volvo-me sobre o mar. Não tem como não me envolver com a criação a começar pelos humanos. Se o líquido amniótico contém semelhanças às águas do mar, justifica-se pensar em sua extensão: grande a vida. O mar, soberano, emprestou seu dorso às embarcações de todos os tempos e empresta o lombo a essa em que vamos contentes e reflexivos. É complicado não pensar numa força pensante, numa inteligência majestosa que possa ter disposto sua vontade sobre as águas, concedendo à vida suas diferentes compleições. A superação de tudo que se possa imaginar veio dessas águas e ao seu sabor impulsionou a virtude de ser sem modéstia. E a terra, dando continuidade em seus jeitos de se constituir, oportunizou formas ainda mais diferentes que as do mar. Retorno agradecido às águas e, da limitação de criatura, olho como aprendiz, tendo a vontade de ser mais.

Me senti menor que um tico-tico por estar no mar, vendo-a sem ânimo. Pediu pão com manteiga. Fiz sua vontade e me pus a escrever esse pouco, que o momento requer pouca expansão. Um alegria diminuta me veio de graça como pra compensar a débil saúde de minha amada. Desejei o que Nietzsche aconselhava em seu saber: uma saúde mais tenaz, mais afirmativa: uma grande saúde física e mental. Possa depois se erguer saudável dizendo: *A vós os que buscam com ousadia, a vós, os que tentam, a todos que um dia se lançaram ao mar terrível com suas velas cheias de manha...* bom, desse jeito ela vai começar o discurso para se animar e incentivar aos criadores de sonhos avançados, aos buscadores do futuro e aos frequentadores do passado. Depois ela

passará a mão sobre o estômago. A dor não mais existirá. Vai dizer pra suas amigas: vejam como tenho pouco poder sobre o lugar onde se digerem as dores e os alimentos.

Alhambra(o roxo). Se vai de Málaga até Granada em quase duas horas de ônibus, 130 km. Aí a grande surpresa. Ainda bem que os reis católicos, Fernando e Ysabel e o próximo, Carlos V, não destruíram tudo. A expulsão dos árabes foi crime contra a humanidade. Lembro a mania horrível dos espanhóis expulsando também toda indiada das Missões do Sul do Brasil pra Colônia do Sacramento. Aqui eles preferiram morrer a obedecer. Em Alhambra a alma se confrange de pensar nas dores daqueles que foram retirados. Mas começemos pelo início que a caminhada foi densa.

Em Málaga encontrei aquele tipo de mulher, uma tosca, da qual me dizia um castelhano, *se no las conoce no lo pierdes nada*. Acho que Cervantes fez o elogio de Dulcinéia pela raridade de encontrar gentis e admiráveis mulheres desse lado das raras terras férteis. Mas a senhora seca de expressão, mas correta ao falar pouco, dizia: aqui em Málaga, a partir de domingo ramos, começam as procissões. Cristo morto e sua mãe são transportados pelas ruas e os baldaquinos pesados são levados nos ombros de muitos homens. Temos um dos andores pesando dois mil quilos e há muito sofrimento em carregá-los. Temos seis que ponteiam as procissões em nossa cidade. Tive desejos de perguntar à antidulcinéia se faziam isso por sincera religiosidade ou por folclore: santo Deus, meu temor de mulheres é grande. E a bíblia diz: se tendes em casa uma mulher nervosa, fugi pro deserto. Como estava longe do deserto não teria pra onde ir! Calei-me obedecendo a dica antiga: se te calas te manténs filósofo, no meu caso, inteiro. Ela falava sozinha: Cada um dos homens suporta até mais de trinta quilos. Cada procissão leva de 6 a 14 horas. O que é isso de castelhanos amarem tanto a dor? Será pra justificar o tormento causado: 1492, expulsão aqui, morte aos milhões de índios do além mar. Mas deixa que antecipe o que vi em Alhambra. Me cresceu o rancor ao ver o Palácio de Carlos V. Abaixo das colunas uma grande estrutura, a coisa mais abominável. As deusas da vitória carregando louros tendo o mundo nas mãos e o que é de pasmar: meninos pondo fogo nas

bandeiras dos povos conquistados e junto aos pés delas, armas e penhores caçados das gentes humilhadas. Uma construção bruta e quase tosca e, no pátio interno, 64 colunas sustentando tetos pesados. Tudo contrasta com a delicadeza do palácio do califa árabe. A beleza da construção árabe comove. Os traços postos nas paredes e nos tetos, delicados: rendas e filigranas, mal se acredita no que os olhos veem. Ao olhar para as alturas e para a convergência de linhas trabalhadas, fica-se crente: a matemática e a estética não fogem das de Gaudí. O aprendizado da lógica, a sobriedade de espírito e o encanto nasceram dos árabes, tornando a Europa menos cruel e fantasiosa. Viam-se os restos de casas e no vale as hortas reais. Arturo, o guia local, foi o inverso da guia da autovia. Ao ver um dos tetos da casa real árabe, reconstruído pelos reis católicos, exclamou: *es un horror!* Lá estavam o F e o Y de Fernando e Ysabel, metidos onde nunca deveriam ter se metido. Ironicamente numa das paredes escreveu-se *Alá é o vencedor*. Não tem como não meditar sobre a fragilidade pessoal e social. Pois bem, os califas de então, por se acharem cada qual suficientemente fortes, não resistiram aos desejos de Castela. O maquiavélico casal, assim como na Grécia os romanos, percebeu o reino dividido. Assim fez o casal, por encontrar as partes muçulmanas frágeis, tomou para a Espanha o que era deles. O tardio Carlos V, metido como só ele, se achou também e pôs no meio daquela maravilha aquele caixão de cimento e pedras brutas. Bem de acordo com Maquiavel: tudo que não está suficientemente munido de uma força, poderá sofrer o inesperado. Haverá sempre um urubu de espreita. Isso se pode dizer das pátrias e das pessoas. E lá estavam os reis católicos. A grandeza árabe não retorna, mas é inconcebível deixar de se ver a altura, a magnificência, a longividência e a dignidade da dinastia Nazaríes e sua gente. Reis por reis fico com os Nazaríes, embora não tivessem a competência de unir os seus, pagando caro a ineficiência da defesa. Mais uma vez se esclarece a importância do cuidado, da união, da humildade e, sobretudo, da fortaleza, sendo a caridade, nesse caso, antever perigos. Bem deveriam saber os califas que os espanhóis amam verter sangue, quando não das pessoas, então, da representação da paixão de Cristo, de outros mártires e de inocentes touros.

De nada adianta, como nesse lugar, ter uma fortaleza bela diante de um inimigo poderoso e unido. Estávamos ingênuos como Federico Garcia Lorca, nascido nessa terra tão religiosa. Talvez fosse esse ar tão santo de Málaga que tornou o poeta tão sensível... fazendo poemas perto do mar enquanto Franco, com a sanha de 1936, matava seus inimigos. Assim se acabou o pobre homem, achando que apenas queriam falar com ele, tendo como interlocutores os tiros na madrugada. De nada adiantou escrever seu poema *A las cinco de la tarde*. Morreu seu amigo toureiro. Não muito tempo depois, morreria ele às cinco da manhã. E tive a sorte de passar junto de sua quinta, onde sua gente vive ainda hoje.

Às cinco horas da tarde.

Eram cinco da tarde em ponto.

*Um menino trouxe o lençol branco
às cinco horas da tarde.*

Se Garcia estivesse atento estaria melhor em Tanger, em vez de ficar por aí sonhando liberdades e doçuras. *Entoces*, a comunicação não anda sozinha, a atenção é um pré-requisito, mas ainda insuficiente pra que a alma esteja melhor. De nada adianta estar de olho se não se tem condições de ver a metade das coisas. Lorca deveria saber, assim como seu amigo toureiro, que Franco nem o touro estavam pra brincadeiras

Melhor é dizer da viagem e como se sucede. Apenas estamos indo em direção a Barcelona. Volta e meia, a costa dá sua cara, mas amanhã chegaremos lá. Enquanto isso, escrevo esse pouco que talvez nem sirva pra qualquer tipo de comunicação.

Vô, deixa eu falar de amor

Escuta só, vô! Acho que vou me casar com o Bepi. Como me enrolou, botei ele pra aprender nossa língua da melhor maneira. Não é um Rui Barbosa, mas capricha nos verbos, nos *s* e nos *r*. Acho complicado casar, mas quem não arrisca não petisca, como dizia minha mãe. Não sei por quê, vô, tem algo a me dizer: ele tem se mostrado evasivo, apesar de todas as promessas. *Ma che cosa sara la anima?* A alma dele parece manca. Me desculpo dizendo: mulher é bicho complicado mesmo!

A dor de romper comigo mesmo pra ir ao encontro de um espelho amoroso e por onde se vê a maior extensão de todas as coisas, já falei, não é pra qualquer um. Santo Deus, casar é mais que se perder. Vou tentar ir além dos gestos solitários. O frei com quem tomei de uma boa amizade diz que a vida entre um homem e uma mulher fica melhor quando estivermos atentos como gaviões sobre a montanha longínqua. Quase perguntei a ele, então porque se meteu na vida franciscana? Ele disse que quando qualquer um dos dois afirma: *eu te amo*, existe um caminho mútuo na qual a solidão se perde. Ele é um baita poeta. Me confessou: vê Eliane, se você pensar: hoje estou contente por ter visto as andorinhas voltando. Pode crer, minha filha, quando você comunica, dentro do amor, a volta das andorinhas, não é apenas como dizer a um amigo que as andorinhas retornaram. As andorinhas de um casal de entrega não revoam diante de um só olhar, mas de muitos olhares já comunicados. Ninguém se entrega absolutamente a ninguém, somente no casamento religioso existe uma porta aberta para que ocorra a doação mútua na qual nada mais é particular. A memória se funde e os momentos de rememoração são carregados das mesmas formas e com uma densidade aprimorada. Pelo reconhecimento mútuo pode haver maior encanto e a atração se revitaliza. Acho, entretanto, continuou, que é mais fácil amar a Deus que amar uma mulher, porque Ele não fica duvidando de tudo. Rimos muito

Vou me casar porque é difícil atravessar uma vida sozinha. Além disso, vô, encontrar alguém amável, por mais de cinquenta anos, é algo desejável. Alguns preferem passar a vida sem ninguém, achando difícil

aguentá-la a sós, mais complicada ainda, levá-la a dois. Feliz de quem consegue, sem grandes distúrbios, dar formas agradáveis à vida que se apresenta desconhecida. Ficar a esmo por aí, apenas desenrolando a própria bandeira, não é de bom tom. Muito menos interessante é ficar de sentimentos íntimos apagados. Respeito o que pensa o Frei, mas gastar uma vida sem sentir o prazer mais fundo, penso que é demais. Vou fazer do Bepi um homem contente. Não dá pra desejar muito mais que isso nessa vida. Com isso já me mostro agradecida a Deus. E quero um ou dois bepinhos ou bepinhas, que meus seios já estão prontos pra sentir mais que um pouco de prazer. Beijos na Maria. E diga pra ela, imagina como vai ficar o estômago dela se vier pra cá tomar um vinho de garrafão! Beijos, beijos, beijos!

De novo em Barcelona: cidade de loucos

Minha bela neta, você nem sabe o quanto me encheu de alegria a notícia de que quer juntar tua vida com a de Bepi. Diga pra ele que se não te fizer uma mulher *molto felice*, vou enforcar ele no nosso pé de ariticum aí do lado da casa! Pois bem, querida, acho que o coração humano é o mais complicado. Cada um vê, sente e age de acordo com a realidade que vai dentro do dito coração. Faz me lembrar um livro que eu li: *Memorial do convento*, de José Saramago. O personagem Sete Luas voa alto no Balão de Frei Gusmão, a passarola do frei, como chama Saramago. Voa a passarola e, quem está vendo o fenômeno desconhecido, vê de seu jeito o que anda pelo alto. Um casal de amantes que se ama sobre o campo de centeio julga que o amor faz ver coisas estranhas, os peregrinos, ao verem a passarola do frei, afirmam: é um sinal divino, passando a rezar com mais fé. Pois é, minha neta, o que vê o coração é coisa de espantar. Nunca se sabe o que nos apronta o coração alheio. Tenho pra mim que vale a pena amar a dois e arriscar mundos e fundos por isso.

Por aqui meu casamento está ficando como Deus quer. A Maria já não anda tão assustada e eu aceito melhor o jeito dela dialogar. Lembra a Indalécia: tudo era vibrante e a gente ficava com veias do pescoço saltando de tão alto que falava. Com a Maria é completamente diferente. Não dá pra erguer a voz nem pra reclamar. É tudo nos murmúrios! Quando a gente se fala mais parece sussurrar. Deus põe suas divinas mãos em concha pra ouvir nossas conversas.

Novamente em Barcelona. Estou no meio de um povo louco, mas disso a Espanha e o mundo estão cheios! São, porém, de delírios bem feitos. Ah sim! Não posso deixar de curtir mais uma vez Las Ramblas, mesmo que as tenha encontrado menores que pensava. Olharei melhor homens e mulheres tendo o corpo e as roupas cobertas de tintas. Essa loucura só um catalão pode entender. Não vejo sentido e estou como Nietzsche, ele não conseguia entender os alemães. Entretanto não estou tão mal quanto o filósofo. Meu espírito está melhor.

Fomos às Ramblas. Minha pequena, é nessa rua de vários nomes que os catalãs vociferam quando raivosos e desfilam com o Barça ao festejar vitórias. Um dia de sol claro e agradável, embora a manhã estivesse fria. Bateu-nos um verdadeiro sentimento de vida. Os plátanos reluziam em suas folhas recém-nascidas e o movimento dos vendedores estava tranquilo. Mal havíamos dado alguns passos e já me apareceu uma pintora. Como não poderia deixar de ser, me vieram contentes os quatro: Sancho, o burro, o cavalo e o Engenhoso Cavaleiro. Seguimos adiante e com mais alguns passos paramos ao ouvir uma banda. Sons compassados e melancólicos anunciavam uma procissão. Aguardamos e aparece o Cristo sobre o burrinho, transportados num andor dourado. Meninos com ramos, velhos com bastões. Outros, com estandartes, faziam as honras ao burro e a Jesus. Me comoveu a cena enquanto pensava: melhor seria se saísse de cima do animalzinho e nos livrasse da crueldade, pois, de alguma forma, a população cristã parece ter vivido sob o efeito da violência. Já confessei e confesso; meu entendimento não aceita a necessidade da morte de Cristo: uma, que o desordenamento do mundo continuou o mesmo e, de outra, Deus não seria um Deus cruel querendo ver a morte de seu filho. Ele não apreciaria ser entendido como um Senhor que mata. Mas não sei porque diabos assim foi posto e temos grandes dificuldades de nos tornarmos melhores. Nossa, como os espanhóis amam o sofrimento... dos outros. Coisa mais triste o rosto de Cristo. A cena seguinte comprova o que disse: subimos, Maria e eu, com dificuldades um pequeno muro ao entrar na Catedral, pois uma multidão reverenciava o Senhor com ramos erguidos. Uma senhora vendo nosso esforço, assim mesmo reclamou com dureza de nossa intenção. Mesmo que explicássemos que apenas queríamos passar e não ocupar seu precioso lugar, continuou a fechar caminho. Por fim, resmungando cedeu passagem e nós fomos adiante. Enquanto ela estava reticente ao menos mandei a velha senhora à merda umas duas vezes, na presença do Senhor. Meu coração, mesmo sentindo a figura humilde de Jesus e de seu burrinho, não ficou melhor. Dou um azar com as mulheres espanholas. Me conformo: dias antes de embarcar no navio, um brasileiro já dizia que eu não havia perdido nada por não conhecê-las. Minto, encontrei duas delas

no navio que eram muito gentis. E nada me dá o direito de mandar uma mulher espanhola à merda só porque não dá passagem. Ia esquecendo da amizade de um casal argentino, Roberto e Marta. Conversam agradavelmente, ele tendo um senso de humor admirável. Queixa-se ele de os portenhos deixarem mal ao resto da Argentina, uma vez que querem ser mais do que são. Os portenhos dizem que Deus fez a Argentina, mas a oficina do bem foi erguida em Buenos Aires. O resto é resto. A forma portenha incomoda o modo suave da Argentina.

De tanto andar, cansei. Dia todo vendo a cidade de Gaudi e de noite saracoteando feito adolescentes. Deus é grande, mas meu mato está ficando pequeno.

Assim é, então, uma viagem pode mostrar a nossa fragilidade. A vida, com mais certeza, tem a mesma mania. Essa mesma perna que jogava futebol, agora é poupada até numa caminhada. E perna de homem não pode fracassar. O imaginário popular tem nas pernas e nos pés um princípio de poder. Imagino, então, como pode ser decepcionante pra uma mulher ver seu marido aposentado, arrastando seus chinelos pela casa. Antes mostrava o vigor de seus músculos pernais. Agora se afinam molemente. Não sinto perder o que tinha, aprecio a água que me vai restando. A lei da compensação é uma bela lei, faz tirar leite de pedra. Então, compenso escrevendo estas coisas pra ver se posso tornar melhor este momento. E brincar também compensa o que se perde. Perguntaram se Maria e eu não iríamos a Roma, respondi que não: o papa não nos havia convidado.

Assim se vai viajando entre pequenas dores e grandes olhares, vendo o que a fortuna pode nos oferecer. Encontramos um brasileiro entre os dois mil estranhos. Os outros ficaram e Barcelona. Fiquei feliz, pois diz que sabe tudo sobre o aeroporto de Barcelona e Madrid. Espero que, na volta, tudo seja melhor. Aprendemos agora sobre os dois aeroportos... *Todavía que la Virgen de Leganés, la capitã de los ejercitos, me guie.*

Mas não se anda pra trás, hoje dia 19/04: na cidade de Chivitávechia. O ônibus nos deixou perto de um passeio e dei com a vista num museu arqueológico. O primeiro milagre de minha viagem, porque os italianos da viagem anterior eram mais grossos que dedão destroncado.

Soube que a cidade foi alvo de ataques pelos aliados e a destruíram quase completamente por causa do porto. Brinquei, no meu italiano desastrado, com um casal que nos atendia: *italiani non sano far la güerra, allora, d'amore sano tuto*. Riram, só não sei se de meu italiano ou da graça que eu pretendia fazer. Maria, andando sem muita graça, começou a se animar no mercado. E compra daqui e compra de lá. Isso e mais daquilo e lá se iam os euros. Ela, então, pediu pra retirar euros com seu cartão. Desastre. Fizemos tudo que a máquina mandava pra retirar alguns euros. Esperamos o valor solicitado, só não obedecemos o que dizia o visor. *30 secondi... e dopo...* Santa Maria! A máquina engoliu o cartão de crédito dela. Por sorte, a caixa externa pertencia a um banco... Entramos espavoridos, com sacolas e mais sacolas. Ainda bem que *la direzione* nos atendeu e retirou o cartão. Ela, porém, não desistiu e foi à luta novamente. Obedecemos a máquina e, bem antes de completar *5 secondi*, retirei o cartão e, ela, os euros. Depois retornamos, ela mais vitoriosa e eu com mais sacolas. Reflito sobre a força das compras sobre as mulheres. Penso com meu zíper: elas têm nas vestes e nos sapatos algo como graça divina. Ao final da tarde, ela avaliou como bom e justo ter trocado a velha e conhecida Roma pelas novas e desconhecidas roupas.

Hoje, 20, no mar rumo à Grécia, ainda não sai de mim a imagem de um sarcófago romano em Civitavechia. Em relevo, dois anjos seguravam a imagem do falecido: o sonho da imortalidade para um pobre *piscator*. Era o que se anunciava na parede. Um sentimento de compaixão me deteve por um momento.

Sei lá quando veremos novamente a Itália. Ficamos sentidos de vê-la, sem saber se retornaremos. Imagino, então, os imigrantes que saíam definitivamente. Sobre essas águas vai muita lágrima italiana. Buenas... que se vão as lágrimas e fiquem os melhores momentos.

Seguimos em direção à Grécia, imaginando que bem por aqui passavam os navios romanos para acabar com a Grécia e os gregos. Tentaram copiá-los, mas quem nasceu pra pato nunca vira saracura. Tinham músculos pra vencer, entretanto, faltava-lhes cultura. Levaram o que podiam. Retomamos, entretanto, o espírito grego com a ciência, arte e filosofia, somente 1600 anos depois. Veio a Igreja com a crença e apagou-

se a ciência para retomá-la depois. Vamos conferir, então, a Grécia e agradecer aos turcos a salvação da lavoura. Me sentia alegre.

E por falar em alegria estive, faz pouco, com o correntino Roberto. Contava-lhe, com meu atravessado espanhol, sobre o sarcófago e o falecido com seus anjos. Dizia-lhe do sentimento de compaixão ao ver o ataúde. Riu-se, falando que mais lhe comoveria se *dentro al sarcófago* houvesse euros ou dólares. Me pegou numa brincadeira: disse-me que odiava os negros e os bombeiros. Perguntei: por que odiava os bombeiros? Ele se riu todo: que também eu tinha meu preconceito uma vez que estava mais preocupado com os bombeiros.

Ao chegar em minha cabine não vip, telefonei a um amigo pra saber se o Inter havia se saído bem na partida contra o Emelec. Me alegrei e somente uma pedra em meu sapato poderia tirar meu bem-estar. A Maria, enquanto estava com Roberto, conversava com Marta e uma equatoriana, Maria Dolores. Esta, viúva, muy linda e bem feita, narrava a sua tragédia da morte anunciada do marido. Dia anterior à morte ele disse pra Maria Dolores sobre o ritual a ser feito, incluindo o lugar aonde deveria ser enterrado. Com certeza, Roberto olhava-a e, com malícia, *hablava en su interior. pobrecito, no sabe lo que perdió!* Concorro com ele.

A neta fala sobre Marau

Vô, deixa eu falar um pouco de Marau. Quando li sobre Civitavechia, lembrei Marau. Sabe, vô, estou amando este lugar, mas não deixo de ficar cada dia mais preocupada com seu destino.

À noite eu rezo como se fosse uma amável pessoa. Digo pra Deus: Pra onde vai essa cidade? Nas roças se ouviam os mugidos dos bois. A terra era arada em silêncio. Agora entre a fétida fumaça e o ronco austero das máquinas se faz o amanho. Onde antes havia apenas pequenas empresas familiares, nos fundos dos quintais, hoje se erguem, entre ferros e cimento, indústrias pesadas. A matéria prevalece sobre o espírito. Chegam gentes estranhas ao lugar. Não vejo a mesma estampa alegre dos gringos. A cidade amena e religiosa está virando um lugar pagão. Quem, depois de tudo se transformar em gente formada no meio de prédios altos, lembrará as sombras das árvores? Elas educam. O que pensar das austeridades dos cimentos. Quem, tendo o conforto, lembrará ouvir os freis falarem de anjos e de outros seres celestes? Vejo, na minha escola, no meio daquela realidade de poucos recursos, os meninos disputando o melhor tênis, as meninas, as melhores sandálias. Em qual chão vão pisar eu não sei! Senhor meu Deus, Deus meu e Senhor, são esses os caminhos da salvação? Diga-me, tu, eterno e de um poder movedor de estrelas, será esse o caminho desejado por ti? Se tudo sabes, acaso, não te equivocas em deixar tudo andar desse jeito? A tua preciosa sabedoria não vacila? Meus esforços são parcos porque minhas crianças se movem na direção de uma história cheia de novidades. Senhor, depois que todas as virtudes mais tenras e ternas virarem poeira é o Senhor quem dirá o caminho certo, meu Pai dos Céus?

Querido Idílio, meu amado avô, minha oração terá algum efeito? A oração de uma só mulher poderá revelar melhor destino? Enquanto assim faço minha oração, aí na saída de Marau, os guindastes não param, os fogos das soldas não cessam. Ninguém sabe dos meus desejos, quietos dentro de mim. Quando as virtudes ficarem menores que um grão, não

será tarde demais querer a salvação? De que adiantou teu filho morrer se apenas sobrou a violência erguida na cruz?

Agora vou dormir e amanhã vou fazer meus alunos falarem com seus pais como se amam. Ainda que eu saiba que muitos deles vão dizer que o pai estava muito cansado e que a mãe não tirava o olho da televisão, mesmo assim vou fazer a minha parte. Amém!

Vô querido, meu querido avô, não tenha em mim uma mulher amarga. Apenas digo pra Deus essas coisas que é pra me aliviar volta e meia. Tenho em ti, meu velho, um apego tão extraordinário! Por favor, continue contando tua adorada viagem. Isso me faz bem. Fique sabendo: quanto mais eu vejo a indocilidade humana, mais vontade eu tenho de descobrir em mim o bem a ser feito.

A nave a navegar

Nossa!, minha neta. Está pondo Deus em cheque? Bom, minha pequena, se ele não te atender não sei quando vai fazer isso. Mas acho difícil. Olha que eu uma vez ouvi de um frei, que Vieira também destratou a Deus só porque os holandeses ameaçavam tomar conta do Brasil. E foi uma boa não terem tomado? Não seria melhor a raça vencedora do mar? Uma professora tem o direito de ter o espírito crítico e pode fazer a sua parte, deixando melhor a nossa piaçada. Vai em frente com teu amor e manda ver. Eu aqui em pleno mar avalio a espécie humana muito complexa e não há quem não queira fazer o bem e lutar por aquilo que seja o melhor. Vejo o anúncio de um jogo entre dois times rivais. O esmero de uma partida me agrada muito. Mas se a gente olhar bem, aí reside uma luta. Parece verdade: o homem carrega um universo de mil possibilidades e o que se pode fazer é, dentro de nossa pequenez, melhorar um pouco a face humana. Deixa eu te mostrar o quanto se luta.

Anunciava-se o jogo entre o Barça e o Real Madrid. Mais que um jogo: vale uma rivalidade política, conceitos de vida, poder secular perdido entre regiões e muito mais. Um jogo, que, por aquilo que se vê o dia todo na televisão, será uma simbólica batalha campal. Nesse exato momento o repórter da televisão espanhola esclarece sobre todo o efetivo policial pra proteção dos contedores. A primeira providência é não permitir que ambas as torcidas se cruzem. De fato, há desejos bem mais implicados do que os de um jogo. Vamos adiante que a vida não para. Domar a alma é tarefa pra uma grande professora! Mas deixa te escrever!

Amanheceu frio. Grécia! Estávamos de grande expectativa. Piraeus e depois Acrópole. A guia traduzia, com gentileza, tudo que as ruas diziam... São Nicolau e Poseidon se misturavam pelo caminho até o alto da colina. À medida que nos aproximávamos ao pé da colina, muitos eram os sentimentos, e as ideias se misturavam. Até são Paulo apareceu no caminho. Ele, como tantos crentes com suas diferentes verdades. Nele se confundiam preconceitos e boas palavras. Santo Deus, quanta dificuldade pra encontrar o melhor. Subimos o monte e lá embaixo o Agora

onde Sócrates foi julgado. Ventava muito: o mesmo vento do grande pensador, razão pra seus amigos pedirem um tempo antes de ele tomar o veneno. A ventania poderia espalhar sua alma e não haveria como reencontrá-la. Ele a responder: não há vento que desmanche uma alma bem constituída! A ciência e a fé andaram por aí cada qual com sua vivacidade. Enfim o alto. O poder, a matemática, a beleza e a busca aí fizeram sua residência. Bizantinos, turcos, romanos cada qual se achou no direito de se enfiar debaixo dessa maravilha, eles, pouco ou nada contribuindo pra grandeza humana. Talvez os turcos tiveram a bondade de guardar, bem ou mal, o magnífico sonho grego. 2400 anos nos separam das alturas e da maravilha humana exposta no Partenon. Pena terem destruído a deusa Atenas Palas de 9 metros. Aí os muçulmanos sacrificaram a divina grega em nome de Maomé e de suas pretensões. Uma questão não silencia: é saber quando a caridade tomará conta da fé? Voltamos silenciosos. Juntei do chão duas pedrinhas de mármore como sinal de tudo que aí foi feito e pensado. Aí se vê a harmonia apontando para um pouco de esperança de se encontrar a o ponto médio de todas as coisas, tendo-se em grande conta a igualdade e o direito de cada povo guardar suas riquezas. Finalmente os nossos respeitos a Platão e a Aristóteles. Eles tiveram a sorte de ver tudo em breve paz. Nossas saudações aos milhares de pensadores. Deram tudo de si pra tornar o ser humano um pouco melhor. Descemos o monte e nos entregamos a cuidados menos reverentes.

Noite tranquila. Jantamos com Marta e Roberto, o casal correntino. Rimos juntos sobre a vida e repetiu o teste do preconceito: *quiero que se mueren todos los negros e los bomberos. Entonces el se pregunta por que los bomberos? Ha! Ha! Viste que tienes prejuízo contra los negros! No te preocupaste con ellos!*

Tomamos um vinho de Mendoza: *um regalo de mi tierra!*, vibrava Roberto. Ele ainda mostrou toda a sua aversão a Peron. Brinquei com ele e ele não gostou, pensando que fazia elogios a quem ele detestava: *Sabón Peron evita coceras!*

Comentamos depois um pouco sobre as grandes trocas de poder e todas as mortandades ocorridas na Grécia, assim como nos lugares dos

turcos e dos árabes. As comunidades nômades ou fixas se juntavam, se reforçavam e iam à luta. Roberto citou Martin Fierro: *Los hermanos sean unidos em cualquier tiempo que sea, porque se ellos se pelean, los devoram los de fuera*. E é bem assim, se os de casa se desarranjam, outros espreitam pra devorar. Assim com os árabes na Espanha, assim com os índios daqui, assim...

Amanheceu fazendo oito graus em Izmir. Seguimos pra ver a casa de Nossa Senhora. Pensei em convidá-la pro jantar. Não jantaria em paz. Perguntaria tanto sobre tudo. No caminho a guia, cujo nome não sei, era uma turca orgulhosa de sua terra. Foi falando: os primeiros a morar na Turquia foram os ititas, depois os persas e, pra sorte nossa, Alexandre, o Grande os expulsou. Aqui, então estavam os gregos e depois os romanos e veremos em Éfeso a grandeza da vida desses dois povos que por aqui estiveram. Falava ela: viemos nós, então, da Ásia Central. Éramos um povo nômade. Pra fugir do frio, se deslocou pra perto do mar Egeu. Aqui crescemos como diversas tribos nômades. Num determinado tempo *muy lejos de acá*, nos unimos e chegamos a derrotar os bizantinos e outros povos, formando o império otomano. Avançamos muito, mas aos poucos, por razão de lutas internas, ficamos no que hoje é a Turquia. Não nos confundam com árabes, somos outros e viemos de outro lugar. Somos uma nação livre e temos o nosso pai da Pátria: o rei Mustafá. Em 1923 criou, em definitivo, nossa pátria. Libertou as mulheres da semiescavidão, afastou de nós algumas colônias inglesas e francesas e somos o que somos. No período grego, 200 a 300 depois de Cristo aqui se formava um centro muito forte de pensadores, inclusive Heráclito viveu aqui em Éfeso. O que mais se fazia era uma boa medicina com estudos de toda ordem.

Calou-se. Depois começou a tecer seus comentários sobre a casa de Maria. Como se sabe, é a casa de *La Virgen?*, falava ela. Cristo, na Cruz passou a João a responsabilidade de cuidar de sua mãe. Depois da morte do filho de Maria, ele veio pra Éfeso e trouxe consigo sua mãe. *Era um apóstol mui abierto*. Também São Paulo esteve três vezes aqui e pregou no teatro em Éfeso. E a tradição reconhece que São João está enterrado na basílica aí construída. Hoje apenas temos ruínas causadas pelas sucessivas destruições, tanto por mão humana em lutas, como pelos

terremotos. O concílio de Éfeso reconheceu Maria como mãe de Deus no ano 431. Havia a consciência local de sua presença anterior. Por outro lado em 1821 uma alemã, senhora Anna Catharina Emmerich, sonhou com Maria. Pelo sonho, Maria morava numa das montanhas próximas do mar Egeu, havendo aí água em abundância e da altura da montanha podia se ver o mar. A guia continuou:

Foram escavadas algumas montanhas e numa delas encontraram as ruínas de uma casa, uma imagem de mulher e água em abundância no subsolo. O Vaticano reconheceu a casa como sendo a casa de Maria. Uma pequena casa, coisa amável. Queria ficar mais um pouco com minha Maria, mas o atropelo das gentes que vinham atrás impediram. Dizia a guia turca: Emmerich viu uma Nossa Senhora muito velha e cansada.

A maior surpresa, porém, estava por vir. Éfeso, a admirável Éfeso. Percorremos as antigas ruas de uma cidade de 300 mil habitantes dos quais 50.000 mil eram escravos. Pela novidade, tudo causava encantos. De Pompéia tínhamos conhecimento e da Acrópole de Atenas também. O que vimos em Éfeso superou a expectativa dos dois locais. Sabe-se ainda que somente 20% do terreno foi escavado, mostrando-se, assim mesmo, a face de uma cidade poderosa. Estranho é que pouco se diz de Éfeso: um pouco mais que a emblemática construção de sua biblioteca de dois pisos com suas colunas. Depois... as tradicionais logginhas. É o costume dos guias levarem os turistas às compras pra tirarem seu benefício. Roberto foi perguntado se esteve agrado com a visita ao centro de vendas de casacos de couro de cordeiro. *No, eso estuvo mal porque yo vengo de Argentina no pa negocio*, mas pra turismo. Gostei da atitude dele, mas não teria sua coragem, tirando-lhe o sabor de seus trocados. Qual o turco que não ama fazer um negocinho...

Volto à viagem. Olhei pesaroso pra igreja onde, provavelmente, São João Evangelista foi enterrado. Tudo em ruínas. Não entendo esse abandono. São Pedro e São Paulo têm suas magníficas basílicas e aí apenas pedras em desalinho. O ônibus nem sequer deu uma paradinha em favor dos cristãos. Esse ocultamento histórico é que me faz perguntar pela razão.

Hoje, sábado santo, 23. Maria levantou com más intenções, desde ontem vem me falando que é Páscoa e só hoje me dei conta que pretende um presente. Quando nas mentes femininas vem a novidade de roupas ou qualquer especiaria, elas se modificam. Vamos, pela tarde ao Gran Bazar de Istambul. Por certo as logginhas turcas não são o meu maior interesse, *pero como estoy a pensar*: a solidariedade e o amor são duas virtudes pra reforçar a imortalidade e a transubstanciação de um casal. Há de se entregar os interesses próprios em favor da companheira. A renúncia, porém, nem custa tanto, pois me agrada ver as artes populares nos objetos que vendem. Vamos lá e que Alá esteja conosco. Saímos, Maria e eu, a pé. Queríamos chegar assim ao gran Bazar. Puxei de meu inglês pela direção a ser tomada para o local pretendido. Ninguém dava a mínima. Ia perguntando e caminhando. Mal havíamos dado alguns passos e aí estava o gran Bazar. Cadê a bondade turca? Era um mísero cristão entre forças muçulmanas.

Chegamos entre caniços de pescadores sobre a ponte. É de assustar a fome por objetos de toda sorte. Junto ao Bazar uma mesquita e apreciei um muçulmano fazendo sua ablução no meio daqueles estertores de consumo. O povo mal se movia. Nem falar dos barulhos de turcos negociando. Como todo mundo negociava, negociamos também. Regateamos a ponto de irritar um deles, mas depois Maria voltou. Finalmente, acertamos o negócio e ele nos dava, acreditem, na boca, regalos de doces e chocolates. Isso é que é amor... Deixei aí quase todos os trocados e na rua negociamos também. Vimos produtos que circulavam no mercado negro.

Manhã de Páscoa, 24, esperando o dia clarear pra ver o que Istambul tem de magnífico. Fazia frio e o passeio foi menos do esperado. Me lembrei de Nossa Senhora no alto da montanha. Preferia estar em sua casinha. Fomos à mesquita azul construída pelo sultão Ahmed entre 1609 e 1616. Descalços contemplamos a grandeza da obra e a preciosidade das paredes com seus desenhos rendados. Tudo mostrando o infinito Alá e a crença no profeta. Depois, a poucos passos, fomos ver a Hagiasofia.

Novamente a grandeza... Mas a mão humana não é fácil. Vejamos o que nos diz o professor Google:

*Foi Constâncio II, que inaugurou a Hagia Sophia em Fevereiro de 360 DC. Nas Crônicas de Sócrates de Constantinopla diz que a igreja foi construída por ordem de Constantino, o Grande. Uma grande parte dela foi incendiada durante tumultos em 404, quando o patriarca João Crisóstomo foi enviado para o exílio pelo imperador Arcádio, pai de Teodósio II.*¹

Por aí se vê a dificuldade humana para a comunicação, ao fazer do espaço sagrado um lugar de violência. A divina sabedoria, aí profanada, esteve longe de inspirar a paz.

Encantou-nos a grandiosidade imaginada por Constâncio e Constantino, com essa obra. O guia falava com entusiasmo: *asta 1500 la obra fué la única en el mundo con esto porte!* Anteriormente ele já havia expressado o quanto a Turquia tinha e tem a força. Mostrava, no hipódromo, o obelisco que uma vez brilhava como o sol. Os cristãos o deixaram nu, pensando ser de ouro.

Depois da suntuosidade da Hagiasofia, fomos à cisterna construída por Justiniano I em 532 AC. Utilizou o trabalho de 7.000 escravos. O grande reservatório de 80.000 litros de água era capaz de abastecer a cidade em caso de cerco. São 336 colunas de mármore. .

Não fazíamos ideia, Maria e eu, da extensão da construção e de sua conservação. Tudo faz pensar sobre tecnologia pra torná-la impermeável. As magníficas colunas deixam que pensemos não somente na função de utilidade, mas na estética encantadora. Imagino o quanto custou aos escravos e a outros operários a construção desses dois monumentos. Dizia o guia que em Hagiasofia trabalhavam, sem parar, 20.000 trabalhadores. Depois dessas belezas todas, veio a irritação com as demoradas visitas nas logginhas e, pra maior desagrado ainda, nos levaram pra ver uma joalheria. Não sei onde vou registrar minha inconformidade com essa mania de retirarem o tempo de turismo em favor de compras.

¹ <http://olavosaldanha.wordpress.com/2010/11/08/a-igreja-de-hagia-sofia/>

Pela tarde, pra minha inconformidade e alegria de Maria, assisti a uma tourada, ao vivo, pela televisão, direto de Málaga. Mais uma vez me convenci da covardia e da brutalidade da morte de um touro.

Hoje, 27, começa o nosso retorno pra casa. Nunca nos banhamos no mesmo rio. Nem o rio nem aquele que nele se banha são os mesmos. Mas temos a casa que pode ser muito mais que todas as paradas e o mar. Está chegando o tempo de Maria eu sabermos melhor quem somos e quem podemos ser, juntando tudo o que temos.

Deixando de filosofar, agora vamos pro mar. Em todos os edifícios brilhava a lua crescente e a estrela, símbolos, respectivamente, de Alá e seu profeta, o qual, seja pelo tempo que vivia, ou por interesse pessoal, era machista extremado. Notei que o guia de ontem já não tinha a mesma fé dos muçulmanos árabes e berberes de Marrocos.

Vi também em Hagiasofia por quão pouco as pessoas podem se desentender. Taparam a cara dos querubins e retiraram parte do corpo de algumas imagens. Os muçulmanos tem com certa gravidade não lavar o corpo inteiro e tive compaixão de um deles, lavando-se na mesquita Yeni. Buenas, possivelmente, terá ele compaixão de mim por não fazer a ablução do corpo com a mesma intenção. Tive a sorte de aí mesmo ouvir o lamento dos muezins no alto do minarete e não longe daí outro responder. Era de cortar a alma o som estremecido do muçulmano pedindo misericórdia. A impressão é de alguém perdido no vasto deserto, buscando resposta ao desespero humano. Por certo era a hora em que se manda que realizem a oração.

O que vi me pareceu um grande exagero. Na verdade, tive como extremada a fé, não se considerando a lógica. O guia dizia-nos que Abraão, em suas andanças, encontrou a pedra da primeira casa do pai Adão. Simplesmente creem, a razão pode ficar de lado e a um passo de loucuras. A diferença de nossa crença é de ela ter passado pelo crivo da racionalidade superando o fundamentalismo.

De fato, em viagem como na vida, se vê de tudo. Temo praticar também o exagero ao julgá-los por minimizarem a racionalidade, tendo na fé o sustento e direção pra vida. E não foi com toda a racionalidade que, na última guerra, fizemos o que fizemos?

À noite, porém, melhorei as impressões sobre a raça humana quando Andy Bünger e a orquestra Jade, tendo, além dos três já citados, um brilhante baterista, executando canções russas, alemães, latinas, cavalaria ligeira, Zorba, o grego, entre outras. A música revelou a outra face humana, podendo-se pensar como Sófocles:

*Há muitas maravilhas, mas nenhuma
é tão maravilhosa quanto o homem.*

A música talvez seja mais expressiva das artes. Lembro de um filme no qual a personagem principal era muda. A ouvir uma música comovente, foi questionada de como descreveria seus sentimentos em relação ao que ouvira, ela, então, abriu a mão direita à altura do peito e, em espiral, ergueu-a ao mais alto enquanto seu rosto estava todo ternura.

O dia não está sendo tão surpreendido. Tomamos cervejas boas com Roberto e vi Marta, preocupada com sua casa. Por vasto que seja o mar não se pode escapar do que nos incomoda. Depois fui ler pra me divertir: a *Barca do Inferno* de Gil Vicente. Tem linguagem complicada, mas de tudo que se entende é que poucos se salvam. Outras gentes vêm vindo e o diabo vai mandando a todos entrar na barca. Curioso é que se salva um parvo coitado, esvaído em caganeira(sic). Se salva, também, um judeu. Nem o diabo nem o anjo pretendiam carregá-lo em suas barcas. Revelação dura, de preconceito maldoso, embora digam ter Gil defendido os cristãos novos. Finalmente diz Gil:

*...na vida perdida
Se perde a barca da vida*

Ao anjo sobra pouca gente: é de pouca clientela. Não se sabe se leva o judeu, mas por certo, o parvo e quatro cavaleiros que acabaram de morrer em escaramuças com mouros entram na barca do anjo.

Concluindo o dia 26: me vem a vontade de voltar pra casa. A Maria diz também não quer mais ficar. Mas... se tivesse mais dinheiro...

Por ver tudo o que vi, não sei se, às vezes, os diabos ou os anjos nos possuem: de tudo o que queremos é que a vida nos queira e, por menor que seja meu julgamento... não percamos a barca da vida.

Amanhã, 27... Valleta nos espera. Esperamos que a vida nos surpreenda.

E fomos surpreendidas por duas razões: a primeira diz respeito aos muros de grande proporção. De todos os lados que se olhar Valleta, a capital de Malta, muros largos e altos nos mostram a defesa com que os cavaleiros se defendiam dos otomanos. De fato, se defenderam.

Jean de La Valette e os seus, em agosto de 1556, expulsaram a todos os inimigos. Entramos depois na Igreja de São Paulo. Engraçado como os cavaleiros de Malta amavam os decapitados. Tanto na igreja de São João Batista como nessa, se fazem os elogios às duas cabeças dos santos decapitados. Na primeira igreja, Caravaggio pintou mais que um quadro, um mural da decapitação de São João Batista e na de São Paulo aparece parte de uma coluna, presente de um papa, posta aí como a original em que o santo viajero fora decapitado. No chão das igrejas: enterrados os grandes heróis. Nada surpreende o interesse em ter em Malta um lugar estratégico para proteger os peregrinos e garantir o espaço europeu.

Amanhã, *at the sea!*

28/04: Nada de especial. Arrumação de malas.

Chegamos, novamente, em Barcelona. Saímos do navio às 8,30, da manhã e nos tocamos para o hotel Denit, na rua D'Estruc pra deixar as malas e novamente caminhar. Entramos na catedral. Novamente o encanto de ver a abóboda colossal e abaixo a cripta onde está enterrada Santa Eulália, protetora da cidade. Fomos depois ao museu da Igreja e nos comovemos com os quadros de Góya: *Desastres da Guerra*: a mais forte denúncia contra a invasão de Napoleão na Espanha. Estavam expostos, também, os instrumentos de cálculo de Gaudi e a maquete da primeira igreja, a qual serviu de inspiração para o projeto da Sagrada Família. Fomos ainda ver de perto o museu de Salvador Dali pra não perder nenhuma das grandes loucuras da terra. Depois ao Aeroporto. Novamente me bateram os temores, mas, pra sorte nossa, havia uma mulher, sabedora de tudo. Assim mesmo consultei, no avião em direção a Madrid, o aeromoço e esse me disse: *siga al S* e num bilhete escreveu: S22. A corrida foi a mesma, mas agora sabíamos pra onde ir. A alegria foi grande quando o IB6825 alçou voo rumo ao Brasil. Havia pela frente minha casa com a gente querida e outros amigos. Trazia Roberto e Marta, Moura

e Raquel. Não podia esquecer Jean. Muito menos Ricardo e Bráulio, suas esposas e Regina, a amável cuidadora de crianças. Buenas: nada melhor que a amizade no meio de terras belas, mas estranhas: a vida sem a devida proteção é muito perigosa. Pra nós dois, Maria e eu, tudo valeu! E como diz Sêneca: nada é pequeno quando a alma é grande. Que a tenhamos sempre maior. A vida e Maria merecem!

Que venha o velho com a doce senhora

Por não dar tempo de responder ao e-mail e ao anexo do meu avô, resolvi esperar e dizer pessoalmente a minha ternura e meu agradecimento. Pra meu azar, no meio do caminho apareceu uma pedra. Não é a pedra de Drummond. Encontrei a pedra, mas continuo procurando a poesia nas pedras de Drummond. A minha veio de Bepi. Por me ver tão exultante com a vinda do avô, o homem deu pra desembestar de tanto ciúme. *É vero*, o amor tudo releva, tudo perdoo; a glória humana e divina se medem pela grandeza do perdão, ainda assim fico de olho. O diabo nunca se mostra por inteiro, *ma Dio*, também não! Não esperava que ele fosse tão desamparado e se doesse por tão pouca razão. O amor se aprende, é verdade, como o caminhar e o escrever. Mas a um homem, – desconfio estar se tornando pai –, não cabe ficar apequenado só porque demonstro ternura por um velho. Isso vai valer um dos primeiros comentários com meu avô. Não existe idade pra se ganhar ou pra se perder. Vou mostrar-lhe o tamanho de meu avô. Desejo que possa ter um pouco do velho amável. Este, sim, conseguiu recolher bondades em seu caminho longo. Quando Bepi revelou não gostar de eu manifestar tanto entusiasmo pelo retorno dos dois velhos amantes, falei pra ele se criar, que se olhasse no espelho a ver se aí não se mostravam uma criança abandonada ou um pobre de rosto faminto. Saiu ofendido como se lhe tivesse feito uma desfeita. Fiquei olhando pra mim medindo-me com ele, a ver se não faria o mesmo se ele se entusiasmasse por uma avó. Se ela fosse tão amável, me enfiaria em seu colo colhendo de suas amabilidades. Achei, então, ser o homem mais frágil que uma mulher. Não temo tanto, nem me assustam tanto as circunstâncias. Mas é assim mesmo, cada um carrega suas misérias e eu não posso negar as minhas, como essas de achar que ele deveria ser mais adulto. Vou ver de perto a criança morando nele, ou terá ele um caráter menos confiável? Uma boa conversa e as bênçãos de meu avô, por certo, me darão mais certeza do melhor caminho. Mas... temer que se perca o amor por causa de um avô não será

revelar outras estreitezas? To me assustando! O que me resta é aproximá-lo do velho senhor. Assim poderá perceber, em vez de ameaça, proteção.

Enquanto ele não chega me ocupo em lembrá-lo quando se expressou assim: olha minha pequena, dizia ele, quando menino não havia nada melhor que nos tempos de Natal. Pouco se ganhava, muito se esperava. Uma bola, uma gaita de boca eram os sonhos, milagre se viesse uma bicicleta. A alegria era contagiante: tudo se limpava e a casa recebia enfeites. Então eram três as razões do contágio alegre: cantos falando do Menino, os presentes e a casa cheia de enfeites. Amanhecia com dores no corpo por causa de câimbras: a tensão me perpassava os músculos. As horas estão cheias de graça quando se tem o que esperar.

Estou fazendo voltas pra dizer que estou do mesmo jeito de meu avô só de saber que os dois estão por chegar enquanto me palpita o coração com a novidade.

Passei um sábado inteiro ajeitando a casa com Bepi. Uma vez só ele disse: pra que tudo isso? Só olhei pra ele. *Va bene! Va bene!*, repetiu. Pediu desculpas por ter sido egoísta e de pouco respeito com meus sentimentos. Pra ele não pensar: ela somente gosta da família dela, passei domingo passado na casa dele. Ele teria razão de pensar de eu apenas estar envolvida com a minha família. Devia já saber que casar é estender-se, mais do que casar com um homem estava casando com uma instituição. Me comoveram a simplicidade de uma casa azul junto às saias do pequeno mato, os encantos de uma mãe por seu filho e a operosidade do pai. Saí confortada por saber da casa onde Bepi havia nascido. Apreciava o pequeno apelido para um homem daquele vigor. Não havia do que me queixar. Está no sangue italiano a arte de amar. Não sabem fazer a guerra, como falou meu avô. Não lhes falta talento para a intimidade.

Domingo era o dia tão esperado! Bepi levantou cedo e senti que vibrava comigo. Ainda cedo preparou um chimarrão e ajeitou a carne na pequena gamela. A manhã estava demais e eu mal conseguia me calar. Lá pelas tantas não consegui segurar a novidade.

— Vem cá, querido! Tenho uma novidade!

— *Cosa sara?*, brincou.

— Fui ao médico, ontem, depois das aulas. Estou esperando teu filho!

O homem deixou de falar. Depois de um curto silêncio, começou a soluçar. Me abraçou, depois ajoelhou-se e beijou meu ventre. Ergueu-se novamente e me envolveu com ternura e depois falou.

— Vamos fazer um casamento do jeito que você me falou.

Também estava comovida e soltei as lágrimas escondidas. Depois andamos como tontos pela casa, movidos pela alegria.

A vida tem disso: por vezes parece dar uns nós, não tendo como desenlear e logo ali adiante, como agora, a gente pede pro sol não se pôr. Como as horas não têm cadeira pra descansar, vou adiante.

Pela tarde desse dia fomos à rodoviária buscar os velhos viajantes. O carro de meu avô era grande. Dá pra carregar os netos e as coisas da roça, dizia ele. Mal acreditei quando vi todas aquelas malas. Depois dos enlevados abraços fomos pondo as malas, enquanto pensava: meu Deus, o que pode acontecer em um mês!

Depois do tumulto fomos pra casa. Maria, no início, um pouco tímida por não saber dizer de sua alegria por conhecer Bepi. Seu Idílio é que não cansou de dizer do prazer em conhecer o meu italiano. Mostrava todo interesse sobre tudo que era dele, principalmente, a família. A amizade foi iniciada pelas coisas e interesses comuns da história familiar dos dois. *Miseri coloni*, dizia meu avô, *ma tuti bona gente*, emendou Bepi. Riam a não mais poder. Ao chegarmos em casa, é que se deu o inesperado. Maria queria ver sua casa. Idílio disse que a casa dela era essa onde estávamos. Ela respondeu, respeitosa: não poderia abandonar o que era dela. Pra alegria e tranquilidade de minha avó madраста, falei pra não ter preocupação. Tínhamos estado nela pela tarde e tudo estava em ordem. Assim mesmo falou: quero ver minhas plantas e meu jardim. Concluiu: esta será nossa casa, mas deem um tempo pra me despedir de minhas coisas antigas. Meu avô concordou e fomos levá-la para curtir seu espaço. No caminho me falou com ardor da casa. Pra ela era a única coisa pra não esquecer. Deixamos os dois homens e, só depois de Maria ficar olhando, parte por parte a casa, saudando e reconhecendo a si mesma, é que pediu pra voltar. Mal havíamos entrado, contei a minha novidade.



Parecia que a criança anunciada era filho dos dois. Bepi sentiu-se muito bem. Meu avô, abriu uma das malas e entregou uma máquina fotográfica a ele.

— É pra tirar 300 fotos de tua criança!

O rapaz estava muito comovido. Preparamos a janta enquanto tomávamos um vinho pra comemorar a sorte do momento. Fomos dormir cedo. Havia o outro dia. Antes de nos recolhermos, ela me chamou à parte. Me entregou uma joia grega, dizendo: pra te trazer sabedoria e paz.

Uma casa cheia

Meu avô foi colono, entretanto por cinco anos de sua adolescência tentou virar um santo. Foi interno num seminário, daí seu ar filosófico. Dizia: os dias de quaresma eram os mais tenebrosos. Na Semana Santa nem ao menos o som de uma sineta. Para marcar as responsabilidades, era uma matraca: som de madeira. No dia de ramos a cerimônia era de doer até os ossos da piaçada. Doía-lhe na memória o canto gregoriano *pueri hebreorum portantes ramos olivarum obviaverunt dominus.*² Impressionava-o a tristeza do burrinho e de quem morreria. Lembrava também as saudades de todos os anos, mas dizia ele, não deu pra se tornar o santo que minha bisavó tanto queria. Falava isso nas últimas quaresmas. E havia chegado novamente o tempo de lembrar os meninos dos hebreus.

Por esses dias houve muito movimento na casa de meu avô. Ele queria a todos na festa de Páscoa. Como se a sua velha alma não tivesse fundo, sempre insaciável. Lembrou, entre tantas leituras, o sermão da tentação, num dos domingos da quaresma. É bom ter nosso rico dinheirinho, mas salvar a alma em exercícios de bondade é o principal.

Era de tardezinha e vinha cansada de Marau. Minha tarefa compreendia falar ao meu pai, à minha mãe e às tias sobre as pretensões de Maria e de Idílio. É claro, iria pra falar de meu filho ou filha. Ele preparou o chimarrão e, no primeiro gole, começou a falar. Eu e Maria queríamos pôr em ordem nossas conversas, mas ele foi incisivo a que calássemos. Normalmente era ele quem ficava quieto, enquanto nós duas conversávamos. Não foi grosseiro, mas convincente a ponto de calar duas mulheres loucas pra dizer da vida e suas nuances.

Começou a falar sozinho e, mais por respeito, silenciámos:

É, tem gente admirada porque Judas vendeu Jesus por trinta dinheiros. Tem gente vendendo a própria alma por menos de quinze. Os

² Os meninos dos hebreus, trazendo ramos de oliveira, vinham ao encontro do Senhor.

irmãos de José eram 11 e venderam o pequeno mano por vinte. Nem deu dois “pila” pra cada um.

— Querido, onde quer chegar com essa conversa.

— Deixa eu falar. Estou carregado de coisas...

— Fala, vô! A gente escuta!

— Deixa eu tomar o fio da meada. Desse jeito não dá pra filosofar, falou um pouco irritado. Eu me lembro de Vieira e sobre o diabo querendo comprar a Deus. Lembram o evangelho. O demo levou Jesus pra cima de uma montanha e mostrou uma paisagem. Não dava pra ver daí o mundo todo. Disse o espírito da tentação: se tu me entregares a tua alma e me obedecer vou te dar tudo isso. O diabo velho devia ser um pouco mais esperto. Como fazer uma proposta tão burra prum cara de tanta sutileza. Grande coisa é que seriam as cercanias de Hebron e, outros alqueires por aí espalhados, para um sábio entregar sua alma por tão pouco. E mesmo podendo dar o mundo, Jesus sabia o valor da alma. Se a gente tem, nem que seja um matungo ou mesmo uma vaca que não dá mais leite, quer mesmo assim vender por um bom preço. Mas vejo gente entregar a amizade, o conhecimento, o amor, a beleza e toda a alma por menos do que o preço de um cavalo ou de uma vaquinha.

Não sei porquê, e nesse exato momento sinto mal estar entre nós. Sinto minha alma perdida por causa da distância com minhas filhas. Elas estão distantes por se sentirem prejudicadas. Ainda que Maria tivesse afastado o temor delas, ficou essa pendência afetiva. De alguma forma minha alma está cativa desse incômodo familiar. A penitência dessa quaresma pode valer a superação dessa relação de pouca atadura. Vamos fazer uma festa e pôr nossa alma a salvo, deixando de lado esse mundo árido.

— Homem de Deus! Não precisa falar tanto pra dizer que na Páscoa você quer todo mundo numa boa, falou Maria à meia voz!

— O Bepi está curioso pra conhecer o bando todo. Ele se propôs a fazer o churrasco! Quando eu contei pra ele de nossas festas, ele começou a rir de minha família. Quando perguntei irritada... se era gozação. Ele riu mais ainda, dizendo que eu é que não conhecia a dele.

— Sim a festa vai ser linda. Acenderemos um fogo à meia noite pra lembrar a luz a se fazer em nós.

— Está bem, vô, vamos comemorar! Esperei o sermão do vô se esgotar. Agora posso dizer da imagem na ultrassonografia. É um menino.

— Aqui está a champanhe pra nossa festa do momento, falou Maria.

— E o casamento? O menino não pode ficar sem a promessa dos pais, falou Idílio.

As bodas de Eliane

O Frei se animou com os resultados pedagógicos narrados por Eliane. Ria ao falar: afinal a escola também é responsável pela salvação. Ao contrário, se apenas desenvolvemos a inteligência, as crianças podem se tornar perversas. Em Treblinka e Auschwitz estavam os melhores químicos e engenheiros: haviam frequentado as melhores escolas da Alemanha. Tendo em vista a conduta de Eliane, Frei Anselmo foi falar com o provincial: não cobraria nada pela celebração do casamento, uma vez que a menina estava ensinando a fazer o bem. Completou a arenga: meus sermões são pequenos se comparados aos da professora.

E veio o dia das bodas de Eliane.

A pergunta era: o Frei se expressaria conforme o gosto de quem aprecia uma boa palavra? Na hora de falar chamou o velho Idílio. Não falou muito, mas o suficiente em sua opinião.

Meus queridos noivos: Eliane e Bepi

Seja bom o que estão fazendo. A promessa é para lembrar o compromisso. A companhia não é segurança, a menos que cada uma esteja sempre de olho no outro. O caminho é sempre inseguro pra que a gente não se acostume com a crença de deixar o barco rolar. É preciso fazer alguma coisa a cada dia. O que me conforta é ver a história de vocês dois chegando ao melhor caminho imaginado. Sei dos costumes de vocês; é só não perdê-los por distração ou pela rotina. Certas pessoas não precisam de conselhos: o coração já decorou o que fazer. Por isso me calo pra poder continuar a cerimônia.

Foi assim que se deu pra depois saírem rumo à casa dos pais de Bepi.

O que, porém, ninguém imaginava, aconteceu. Eliane mostraria ser uma mulher boa de dar a luz. A criança veio junto às primeiras dores. E foi aí no meio da casa pequena. Tudo ocorreu sem complicação. Uma velha italiana foi chamada às pressas. Apenas deu conta de fazer os procedimentos finais. Brincavam: o piazinho quer ver de perto o casamento. E viu. Por tê-lo saudável, mostraram o piá a todos os

convidados da festa. O Frei, entusiasmado com tudo, propôs batizá-lo. Foi impedido de torná-lo imediatamente filho de Deus por razões de os padrinhos não estarem presentes. Os vizinhos e a velha parteira concordaram em não batizar. Mas queriam saber do nome.

A noite foi caindo devagar sobre a alegria inesperada. Os pais de Eliane, mal cabiam em si de ver o neto tão forte, por ter uma filha tão valente e um genro de uma casa de ternos costumes. Por ter o filho encostado no peito, Bepi olhava com agradecimento e funda ternura pra Eliane. Insistiam todos em saber do nome:

- Ele vai se chamar Clauber, disse o pai, em voz bem alta.
- Clauber? Em uníssonos, se perguntavam.
- Clauber!, exatamente como vocês ouviram.
- Clauber prum piazinho tão bonito!... tinha que falar uma tia-avó.

Páscoa

Meu querido avô não apreciava tanto a Páscoa em razão da fé, mas em razão da caridade. Sua fé, em torno da realidade de um filho de Deus morrer pra acalmar as insatisfações do Pai, não o convencia. Na sua opinião, Jesus morreu pra selar sua crença na bondade necessária. A fé, então, poderia ser relativizada, mas não a caridade. Era isso que Ele mais queria. O velho senhor desejava todos juntos no dia em que poderia voltar e pôr ordem na casa. E Cristo salva quando a humanidade tiver a fé, até de menor porte, e a caridade como principal.

Por entender a Páscoa como um belo dia para a prática da caridade é que resolveu reunir a todos. Depois de insistentes convites vieram os tios com todos os filhos e netos, mais meu pai e minha mãe e o mano Rodolfo. Altina, a Honorina, a Virgília, Adelaide, Rodolfo, Honório Adélia, Maria, eu mais todos os netos e bisnetos, incluindo meu piazinho Clauber e meu amado Bepi. Dava umas 50 pessoas. Vieram chegando e tudo estava preparado no quintal. Podem dizer o que quiserem, mas a celebração e a estação cumpriam seu papel de destaque. Manhã serena e de folhas anunciando as horas dos frutos. Meu avô estava admirável e Maria, a maior recepcionista. À medida que chegavam ia saudando a cada um. Seu Idílio ciceroneava, dizendo os nomes. Maria havia trazido um pequeno regalo a cada um. Surpresa geral foi receber aqueles presentes de bom valor e de afeto. Nem a prima bocuda e intriguenta faltou. Estava pra ver qualquer falha na festa.

Enquanto mostravam com alegria o que haviam recebido, aumentavam as palavras. Havia uma música religiosa pra mostrar que a festa não era somente para alegria humana. Por fim, perto do meio dia chegou o frei Filipin, um fazedor de bem. Celebramos na maior ventura que se possa imaginar.

Falou o frei e falou meu avô. Não havia sinal de ressentimentos. O perigo eram as tias. Já não desconfiavam, porém, de perder sua preciosa herança. Mais ainda agora, mostrando suas preciosidades. Nota: meu avô vendo meu olhar de indiferença e certo rancor na direção da prima bocuda,

aproximou-se de mim falando: abraça com carinho! O que o desejo não resolve a vontade pode resolver!

Os laços de ternura não se perdiam, pois, vendo tudo isso, os netos estimulavam a que outros encontros se sucedessem. Clauber, mais tarde, esperava sempre por esses dias inventados por meu avô. Eles acabaram sendo um ritual.

O grande bisavô

A suavidade do tempo contradiz os seus efeitos. Quando menos percebi, o meu rosto tornou-se outro e meu piá crescido. Entre todas as coisas sucedidas, a melhor foi a beleza e a reciprocidade entre meu avô e Clauber.

A minha opinião é de que ainda não se tem estudos sobre a relação entre bisavô e bisneto. Entre avós centenas de livros já foram escritos. Pois vou, então, botar meu bedelho nesta relação. Vou esclarecer o quanto puderem minhas fracas noções.

Vejo, nos meus quarenta anos, a necessidade de olhar o movimento ágil das jogadoras de vôlei do Brasil. Antes a força e a destreza do corpo dos outros não me causava admiração. Eu andava em todo o vigor, estava em iguais condições. Me encanta agora olhar o frescor das folhas da primavera, especialmente o das jabuticabeiras. Seja por minha natural fragilidade, seja pela menor agilidade de meus passos, me encantam o que se é exuberante ao redor. Explico assim o meu encanto pelos momentos absorvidos na incansável agitação de meu garoto. Estou fazendo voltas pra defender minha tese. A fragilidade e a carência da ternura faz sentir cada vez mais os gestos de proteção. Ainda mais quando, no meio da relação, rola o mesmo sangue. Há, penso, um sentimento de proximidade ainda maior: uma fusão entre o que já foi e o que vem vindo. Misturam-se as temporalidades e ambos se sentem quase eternos. Os mais velhos veem-se fortes e amáveis em seus descendentes. Ficam fortalecidos ao assimilarem o vigor dos seus.

Dias atrás, observava a conversa entre seu Idílio e o Clauber. Não havia um dedo de dúvidas que aí estava uma montanha imponente e um vale cheio de sementes. Mais, bem mais: a necessidade irresistível de amar e de se completar. Meu avô contava das árvores e dos pássaros livres bem aí onde se punha a casa. E ele perguntando: por que eles foram embora?

Continuei a sentir essa fusão familiar, antiga e nova. Não pude esconder uma lágrima pela seguinte fato. O pequeno se pôs sobre os pés

do biso, era assim que, às vezes, ele o chamava. Olhava para o alto tentando encontrar o rosto de seu enorme companheiro. Então pronunciou bem alto, meu bisão! Como tu é alto, bisão! Meu avô não teve dúvida, abaixou-se, pondo-se como se fosse o próprio animal das estepes e dos ventos do Canadá. Meneando a cabeça em forma de ataque, falava: sou o grande animal das neves. Sim, sou o bisão!!! E não é que o piá se assustou, correspondendo: não, tu é meu bisão? A conversa voltou-se então pra a explicação do meu avô sobre o grande animal das neves.

O pequeno, então: tu é os dois!?

Dois dias depois o meu piá veio em minha direção, estando quieto por um tempo, bem considerável pra ele.

— Mãe, eu também sou um animal?

— Sim! E bem igualzinho ao teu bisão!

Saiu correndo meneando a cabeça. Fiquei me perguntando contra quem ele se defendia ou a quem ele atacava.



O tempo é consequente

Os alfarrábios de meus escritos já descansavam por mais de dezoito anos. Minha intenção era publicar pra guardar a memória de meu avô e de Maria. Ele viveu com ela por bem 17 anos. De sua morte não vou me ocupar porque ela tem sua imortalidade garantida em mim e em meu filho. Tudo o que viveu, tentei reproduzir da melhor maneira. Não é vergonha trazer no coração e nos gestos o que enobrece. Meu filho aprendeu a ser cada dia mais com seu bisavô. Amava meus pais e os pais de Bepi. Este, não conseguiu conciliar sua vida com uma casa só. Nem eu consegui. Tudo andava bem até desandar. Não podia acreditar mas aconteceu. Minha casa tão bem posta, ruiu. Entretanto, ninguém se feriu. Sabia e, muito bem, da fragilidade das pessoas e de suas relações. Quem há de saber o perfil de toda a natureza de um ser humano. Quando Bepi se foi, falei para Clauber, já crescidinho: não leve a mãe a mal por não poder ficar sozinha. Encontrei outro gringo da maior ternura e maior fidelidade. Não vou falar de Casemiro agora, nem do abandono de Bepi. Bem que o meu avô me afirmou quando na clínica em Santa Catarina: Deus, minha pequena, fez galáxias e bilhões de universos, mas acho que se atrapalhou quando criou o coração humano. Todavia, Clauber se sentia à vontade e acarinhado na casa de seus avós maternos e paternos. Meus pais sentiam a maior vantagem no menino, pedindo pra que o levasse até eles. A paternidade maior do piá foi de meu avô; de Maria recebeu o maior dom. Desenvolveu uma vida intergeracional. Seu Idílio depois de 10 anos com a Maria resolveu se internar numa clínica em Florianópolis. Estava cansado de ser levado aos médicos por minhas mãos e pelas mãos pelas mãos de Bepi. Vivíamos entre Marau e Passo Fundo. Apenas deixou um comunicado e lá se foi na direção de Santa Catarina. Ao entrar em sua casa, a carta me doeu ao infinito: não tenha minha decisão por abandono. Sei da ternura do cuidado, mas também os pássaros se retiram pra ir embora. Querida, já não careço tanto da presença de todos. Carrego a ternura densa em mim. Que cada um tenha pra seus cuidados e para os seus o tempo necessário, escreveu.



Rapidamente aprendi o caminho da clínica geriátrica em Florianópolis. Passei dias agradáveis e cuidadosos junto dele e de Maria. E não sei se não foram os melhores de minha vida. Aluguei um apartamento e juntos íamos até o mar. Meu avô, entretanto, vivia repetindo que não ficasse com ele, mas com o Bepi. Numa dessas idas mais longas pra apoiar os dois velhos, Bepi fugiu de mim. Me doeu muito, mas de laços e rompimentos aprendera o suficiente com meu avô. Noutra viagem falei ao velho homem: o Bepi se mandou, em compensação encontrei o Casemiro. Este conseguiu mostrar-me o tamanho escondido da felicidade. Ainda acredito num vínculo que não se rompe. Assim espero. Meu avô perguntou-me se ainda me lembrava sobre o que eu havia dito sobre o amor. Repeti que em nada retiro do que disse. Mas *far che* se ele não foi capaz de andar na mesma direção. Meu avô não ficou abatido. Olhou-me nos olhos enquanto dizia: a vida se faz de circunstâncias também. Não perca o fio da meada: o amor é o único fio que vale a pena.

Não se passaram dois anos, quando nos veio a péssima notícia. Estava sozinha em casa. Telefonei pras tias que declinaram de ir por ser muito longe. Fomos meu pai minha mãe e o Clauber. Estou dando voltas e muitas pra poder continuar a narrar um pouco da sua morte. Quando eu o vi. Meu pensamento apenas foi: por aí passou um belo ser humano. E a morte é isso: a gente fala e ninguém responde. Fim da comunicação. Agora seria a minha vez de falar por ele. Não chorei, pois dele já tinha mais que suficiente. Ninguém chorou, pois não era um ambiente de melancolia. Maria aprendera tudo que poderia aprender. Sabia tudo da dor de estar a sós. Se sentia ainda forte para voltar a Passo Fundo e retirar de lembranças, de Clauber e de mim a alegria de continuar. Durante a noite me confessou apreciar estar de nosso lado. Moraria em sua casa e poderia contar conosco. Assim foi dito e assim prometi. Terei nela uma bela companhia. Aprofundei a amizade de minha mãe e de meu pai. Também Rodolfo tinha em Maria uma bisavó. Na verdade, aí estava uma mulher de natureza dócil e de conversa suave. Falar com ela era semelhante a entrar numa casa acolhedora. Valia muito tê-la como amiga. Enterramos o corpo do senhor. Sua alma estava conosco. Quando sua morte doesse em mim, viria a Santa Catarina para chorar. Às vezes,



chorar também contribui com seu quinhão para diferenciar os dias vagos, tristes e raivosos daqueles em que a alma antecipa a felicidade eterna.

Ao chegar em Passo Fundo abrimos a casa do bisavô, que a tínhamos como lugar de todos. Um vizinho cuidava dela e ali se hospedavam as tias, meu pai, minha mãe. Clauber é que mais aproveitou dela. Por ler muito, gostava de descrevê-la como um sítio calmo como as pequenas fontes. Gostava de estar aí pra que não sucumbissem as lembranças. Ele tentou esconder as lágrimas, achando que estivesse a sós. Ninguém dos visitantes podia pensar sequer em ocupar o quarto do bisavô. Era dele. Clauber dizia que ainda levaria alguém pra viver com ele aí.

Passado um tempo dentro de casa, o Casemiro veio me abraçar. Disse ainda sentir muito não ter conhecido o velho de quem tanto se falava. Respondi: de fato, perdeu muito, mas que se observasse bem o Clauber e a mim, poderia perceber a sombra palpitante dele. Não respondeu, permanecendo por algum tempo em silêncio. Abraçou-me apenas. Do quarto de Clauber ouvimos exclamações. Veio correndo trazendo um maço de papéis. A médica do meu avô entregara-o ao meu filho dizendo: são apenas algumas observações sobre alguns acontecimentos sem importância.



Encontro com meu ex-marido

Tendo o sabor de estar viva, de ver no filho um homem bom e ter Casemiro, um fiel amante, escudeiro em meus sofrimentos, ainda assim não podia esconder a sensação de fracasso. Em razão da morte de meu avô e da separação de Bepi, às vezes, não havia quem ou o que me consolasse. Ainda bem, pois eram raros os momentos de minha soturnidade. Casemiro, retilíneo, embora não exuberante. E num desses dias de menor monta, o Bepi veio até minha casa com sua linguagem de encantos e de arrependimento. Não suportei. Disse-lhe: fique bem com quem havia escolhido! Não merecia minha atenção! Se não havia suportado minha ausência por causa do meu avô, como poderia levar adiante qualquer relacionamento? Estava desabafando quando ele me interrompeu: sabia ter errado e disso se arrependia. Mas não veio pra falar do estrago feito. Chegou pra dizer o que havia perdido com a morte de meu avô.

— Eliane, falou ele sem afetação. Quero agradecer o maior presente de minha vida que é ter convivido com teu avô. Sei, não aprendi o suficiente.

— Se você fosse bom aluno teria aprendido a me respeitar mais, e muito menos traído minha confiança. Aí ele contestou:

— Teu avô não gostaria de vê-la assim.

— Até português você aprendeu com seu Idílio.

— Não imagino o que ele diria, mas o certo é que faria de tudo para que você estivesse bem! Sabe, Eliane, sei o quanto o Casemiro é um homem bom e de um espírito mais confiável que o meu! Fico feliz por ter acertado melhor. Tento melhorar ainda, lembrando o que teu avô me disse um dia: um pequeno perdão foi feito pra uma pequena falta e um grande perdão pra uma grande falta. Peço que me perdoe como eu mesmo tento me perdoar, pra poder viver em paz! Sabe, fui a Santa Catarina chorar no túmulo dele e tive a sensação de que ele perdoava meu grave deslize. Eu te amo ainda, Eliane, e agradeço sempre o filho e o tempo que tanto amei e tanto aprendi.



— Agradeço o amor tardio confessado agora e traído por pouco.

Mal havia terminado a frase quando Clauber entrou na sala. Saudou meio constrangido o seu pai. Estava agitado.

— Mãe, lembra os papéis que o avô deixou pra mim? São lembranças dele sobre o que pensa de nós todos.

— Filho, posso ler também?, perguntou o pai.

— Só a mãe pode dizer quem pode ler.

— Vou ler primeiro, depois vou pensar no assunto. Filho, teu pai veio só pra dizer que sente falta de teu avô e de ti. Agora tu vais comprar os livros da faculdade e teu pai vai pra casa dele.

Após a saída dos dois, me vieram lágrimas intensas. Um rio de dores. Não vou explicar os tumultos afetivos envolvidos em nossas relações e desacertos. Me deixou por uma mulher de Marau, feia de doer, Perdi completamente o sabor de Bepi. Raivas iniciais. Convulsões emocionais diferentes, tudo ao mesmo tempo. Por sorte me veio Casemiro. Espero não me enganar a seu respeito. Mas deixemos essas intimidades de lado. Os frutos de Bepi murcharam.



Das lembranças do meu avô

Eliane, antes mesmo de ler, entregou as folhas pra Maria, dizendo ser dela o direito da primeira leitura. Era ela que amargara a dor da perda de um velho que fora vigoroso até os últimos dias; sofrera sabendo dos dias tristes de quem parte de alma cheia de bens. Eliane sabia o quanto valeu ter se oferecido como mediadora na união dos dois. Maria, como havia prometido, não pretendeu nenhum hectare de terra, tornado-se ainda mais próxima de minhas tias e de meus pais. Que apego por terra! Não será pra compensar o pouco espaço pra guardar o corpo final. Guardo as expressivas sentenças de Sancho: *ao deixarmos este mundo para nos enfiarmos terra adentro, tão estreita é a senda do príncipe como a do jornaleiro e não ocupa mais pés de terra o corpo do papa que o do sacristão*. Rir é bom remédio.

Eliane, ao entregar as folhas de Ilídio, falou comovida: já tenho o suficiente do velho senhor. Entretanto, era claro, estava curiosa sobre o que podia ele ainda dizer. Foi até o jardim onde dormitava um velho gato, sentindo-se semelhante a ele. Não havia desilusão nem demasiadas esperanças, nem alegrias de tirar o fôlego. Havia a consciência de uma saudade dos dias partidos e nada era tão célebre. Bastava-lhe a sua vida. Estava mais na espera da vida, que ela em surpreendê-la. Chegou-se o fundador de sua segurança, o intrépido Casemiro. Sentiu, de repente, a felicidade na alegria serena. Afinal, dizia, não é pra qualquer uma encontrar um homem bom depois da meia idade. A conversa, no andar dos dois, tornou-se calma e boa.

— Daí, foi bem no trabalho, meu Case?

— Sem novidade. Apenas um comprador manifestou a alegria de ter adquirido nosso produto, me dando uma sensação de conforto. Geralmente se ouvem apenas queixas.

— E você, amor, quando vai conseguir tua aposentadoria?

— Só daqui cinco anos. É a previsão, e não tenho porque precipitar o tempo.

Alguém tocou a campainha. Era a Maria toda eufórica.

— Meu Deus, coisa mais linda ele deixou pro teu filho, Eliane!

— Li num tapa e te passo o que foi escrito. Por favor, Casemiro, leia você também. Tenho que ir e obrigado por ter emprestado. Eliane se retirou e começou a ler as

Memórias de um bisão

Querido Clauber, sou um bisavô à moda antiga: se não pude falar tudo enquanto vivo, vou falar depois de morto. Não gosto de conselhos, que a vida bem olhada dá seus recados. Lembra os bisões que atravessam o inverno andando juntos, tendo um corpo forte e o couro bem protegido? Não sei se lembra, você era pequeno. Quero ser um bisão e atravessar contigo os invernos, as pastagens ralas, os rios, as planícies, as caçadas mortais e os ventos bravios. Você sabe, este bisão não foi abatido, ainda que rajadas fortes se abatessem sobre a nossa casa. Leve, em tua vida, a memória desse bisão que te ama. Eu sempre imagino o quanto as manadas viviam serenas, alimentando tantas populações de índios, mas nunca se deixaram subjugar. Somente quando a violência e a covardia se instalou nas regiões frias de Canadá se sentiram próximos do fim. A última defesa veio de uma reserva criada para que a espécie não fosse dizimada. Sofri como um bisão, mas não me subjuguéi. Tendo tua mãe como proteção, encontrei minha reserva e quero multiplicar minha vida sem olhar para o pouco que me resta. Vou atravessar meus dias simples. Não quero a ganância dos matadores de bisões, mas a vida fluindo entre neves e verdes das pastagens. Por falar em pastagens, posso me alimentar da brevidade dos momentos. Quero me dividir contigo se me terás em tua paciência.

Julho de 2007

Meu garoto, garoto de teu bisão. Que a glória te tenha na maior simplicidade. Leia algumas palavras deste bisão. Disparo meu olhar para o horizonte e para as últimas folhas. Quero viver em teu futuro. A gente aprecia muito pouco o passado, mas ele é a alma do futuro. Bem, piá, pra que saibas de meu jeito, não te mixe apenas com as palavras comuns. Leia muito. A alma dos outros faz renovar nossas pastagens. O medo, então, te faz mais cuidadoso e a coragem pode te enfiar dentro de uma guampa: anda com tudo que você tem. Sempre achei que somos como a

atmosfera: não dá pra a gente se queixar da água e do vento, tudo é necessário.

Agosto de 2007

Nada de muito especial neste mês que chega ao final. Esperei muito frio e o tempo estava ameno. As laranjeiras e os pessegueiros mostram a exuberância das flores. Não sei porquê as flores dos pessegueiros suavizam minha alma. Perguntei pra Maria se não queria viajar, vendo novas paisagens sem ir muito longe. Ela aceitou. Fomos, mas o clima de nossas almas não andava de tanto encanto. Aprendi existem dias de poucas vantagens porque não sabemos ver.

Novembro 2007

De fato, nem sempre a velhice é a melhor idade. O corpo que tenho sou eu também, por isso me sinto debaixo do mau tempo. Pareço um velho bisão sobre a neve. Não tem peça que não se estraga. Por enquanto estou dando um jeito. E no meio dessa fraqueza só posso dizer que amo vocês! Te peço, então, que tenhas todo o cuidado que a vida merece.

Dezembro/2007

Meu pequeno homem, sempre, no tempo de Natal, a vida me vinha tão forte! Era porque tudo se transformava. A minha alma se enfeitava e já não sabia se era porque a paisagem da casa era outra ou por que nascia um Menino bom no campo. Agora estou ficando indiferente. Não tem jeito de o tempo retornar. Já se apagam as minhas luzes. Mas mesmo assim dá pra curtir tudo com esta falta de claridade. Quando cai a tarde o dia pode ter tudo de bom. Me sinto, então, um bisão cansado! Estou perdendo a velocidade. Desse jeito vou vendo a paisagem mais devagar. O que mais me cansa é ficar dependendo de alguém me levar para o hospital pra dar uma reforçada neste corpo. É claro que não te falo pra te deixar triste: mas é pra aprender que a velhice é democrática: não distingue ninguém. Sou privilegiado em poder esticá-la com certo conforto. Não dá pra ficar a toda hora pedindo favores. Vou me estabelecer numa



clínica em Santa Catarina. Andei vendo na Internet e lá existe um trabalho completo pra cuidar dos mais velhos. É uma reserva pra bisões muito velhos e muito cansados. A Maria está concordando com essa ideia. Ela adora o mar. Vou esperar vocês de alma contente! Sou um velho que sabe o que é melhor!

Dia 21/07/2008

Demorei pra te escrever. Uma mudança na velhice sempre é coisa muito complicada!

Agora me ajeitei e está muito bom aqui na Ilha. Estou cercado de águas e de saudades, mas me sinto mais seguro. As enfermeiras e os médicos sempre nos cercam de todos os cuidados. Temos nosso rancho e volto e meia eu e Maria tomamos o ônibus e vamos até a praia.

Sabe, eu cochilava e me veio uma ideia e tanto. Eu acho possível tomar conta quase de tudo. É claro, dentro dos limites de nossas circunstâncias e possibilidades. Não serei capaz de tomar conta de uma fera e nem de um homem perverso. Meço minha fragilidade, mas com astúcia e delicadeza posso chegar a tanto. Todo animal tem seu lado de se chegar. Ontem vi um homem querer pegar um cavalo. Estendia seu chapéu, oferecendo milho. O bicho ergueu a cola e correu veloz ao redor da cerca. Lá pelas tantas o homem se enfureceu dizendo *ainda te pego filho de uma puta* e mais o animal se assustava. Acabou não pegando o cavalo assustado.

A tua bisa Indalécia não era fácil. Peça pra tua mãe te contar. Parecia uma gaúcha sempre em defesa. Gostava de uma peleia por qualquer causa. Até me ajustei a ela. Aprendi a ter prazer em vê-la rebelde. Depois ela escondia a cabeça em meu peito e estávamos em paz. O amor, meu pequeno, tem disso, ele se esconde até na tempestade.

Sabe, vou te contar um segredo da vida com Maria. O início de nosso casamento foi complicado. Não me ajustava ao jeito calmo dela. Queria velocidade em tudo. Encontrei a tranquilidade e a serenidade em pessoa. Ficava aos pulos e ela pondo algodões em tudo. Certa feita, me irritei e ela, apenas, me abraçou. Sussurrou: não diga nenhuma palavra,



enquanto estiver assim. Ela é uma das pessoas capaz de domar um homem perverso e uma fera.

Setembro/2008

De todas as horas, misturadas ao feijão com arroz, não se pode esquecer as horas cheias de graça. Não me calo de uma delas quando você era um adolescente. Você veio pro meu lado e me perguntou de como se sabe o que é verdade ou mentira. Disse-lhe: não fique somente com uma opinião, por simples que seja a resposta. Você se espantou quando disse: até a mentira pode ser boa! Você arregalou os olhos. Como saber se é boa? Quando se pode evitar um grande mal com ela, respondi. Por exemplo, bisão?, você perguntou. Eu respondi: se tua mãe perguntar sobre teu pai Bepi, querendo saber o que falou, diga “muitas coisas boas”. Você sabe que é verdade: ele gosta muita de você, então, diga: “ele morre de amores por ti, mãe”. Assim você evita que ela veja nele um cara indiferente. E não é bom carregar coisas sem graça dentro da gente. Entendi, meu bisão!, você respondeu.

Pois é, não gostaria de falar do assunto! Putz, ele vem sem pedir licença. Teu pai não estava mais de bem com tua mãe. Foi desculpa ter se afastado de tua mãe pelo fato de você e tua mãe passarem um tempo maior comigo durante o mês de fevereiro. Ele assim se ajeita melhor com essa desculpa. Não culpe teu pai. Continue a dizer palavras boas entre os dois, ainda que não seja a maior verdade. Perdoa teu pai. O coração é uma entidade muito complicada. Acho que Deus faria outro, se pudesse fazer. O coração deveria nascer fora do peito pra gente saber o que está acontecendo com ele. Por tudo que aconteceu, dá uma mãozinha pra tua mãe. Ela já ficou amarga pelo que ele fez, imagina se ela ainda tiver que aguentar algumas palavras desagradáveis dele. Depois te digo mais. A vida, muitas vezes, é mais forte que a gente. Tua mãe, parece, encontrou alguém muito legal.

Dezembro de 2008

Estou realmente como um bisão velho. Louco de vontade de sair da reserva. Vou reunir todas as forças pra enfrentar os matadores. E é

muito engraçado, meu piá, quanto mais frágil me torno mais compreendo tudo que acontece. Me torno sem palavras até diante da maldade. Neste estado em que me encontro vejo de perto toda a grandeza e pequenez da alma. Agora estou em condições pra perdoar e amar. Peço que escreva uma carta pra Maria, uma vez que pouco posso dizer em razão do mal estar que de uns dias pra cá vem me possuindo. Diga a ela o que você me disse: que mulher maravilhosa é essa bisa que encontrei.

Acho que me acertaram...

Bjs... a todos...





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Agostinho é autor de diversos livros, participou de um grande número de artigos em revistas e em capítulos de livros, estes todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria tem o prazer de apresentar romances através dos quais expressa suas opiniões pessoais sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui um estilo literário livre de preceitos acadêmicos. Sua bagagem de professor e administrador universitário faz com que penetre com estilo leve e crítico as questões do cotidiano de nossa cultura. Acima de tudo busca uma forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Procuo neste romance mostrar que o amor no advento da velhice pode provocar mudanças substanciais. As parcerias familiares podem contribuir para que isso ocorra. Um tempo maior para usufruir alternativas de objetivos pessoalmente determinados exige coragem e novas decisões. Em tudo se revela a vida densa de possibilidades quando são rompidas as tradições e os estereótipos.

○ autor.



978-85-64997-72-1

Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura